

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



MUSEU MILITAR DE LISBOA
Proposta de Reprogramação Museológica

Autor: Maria da Conceição Martins Vieira Marques

Dissertação

Mestrado em Museologia e Museografia

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



MUSEU MILITAR DE LISBOA
Proposta de Reprogramação Museológica

Maria da Conceição Martins Vieira Marques

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Fernando A. Baptista Pereira

Mestrado em Museologia e Museografia

2015

Resumo

Esta Proposta de Reprogramação Museológica para o MML tem subjacente a necessidade de reorganização de alguns espaços, privilegiando a concentração do fluxo dos públicos, com a abertura de uma porta de entrada / saída, localizada na fachada sul do edifício, voltada para o cais de atracagem dos navios de cruzeiro, e dar uma maior visibilidade ao edifício. O que implica a deslocalização e dinamização da loja do Museu, criação de novos espaços sociais, abertura de novos espaços expositivos, novas temáticas e reintrodução de outras.

Considerando-se que há três aspetos fundamentais a ter em consideração, que se devem conjugar, para melhor valorizar os espaços e os objetos culturais que compõem o acervo e coleções deste Museu Militar de Lisboa: o primeiro prende-se com um projeto de iluminação mais adequado, minimizando os efeitos da luz natural excessiva, favorecendo a riqueza de cor e luz, dada pela própria decoração cenográfica dos espaços, privilegiando uma maior rotatividade dos objetos culturais em exposição; em segundo lugar, estabelecer a ligação entre a génese deste espaço, realçando a importância das Caves Manuelinas, enquanto elo material visível, às Terceiras das Portas da Cruz ligado à fundição, produção e reparação de material de guerra. Refletindo a ação dos Engenheiros Militares, Mestres e Artífices que aí desenvolveram a sua atividade; em terceiro lugar, reforçar o elo de ligação deste Museu Militar à figura de D. Carlos I, que lhe proporcionou as condições necessárias para se desenvolver e se afirmar, como verdadeiro *ex-libris* no panorama museológico e cultural português de fins do século XIX e inícios do século XX.

Refletindo a história militar mais recente onde se incluem: Portugal na II Grande Guerra; A modernização do Exército Português e integração na NATO; Guerras no Ultramar, o 25 de Abril de 1974; o Exército Português na atualidade.

Palavras-Chave: espaços, iluminação, reprogramação, organização, coleções.

Abstract

This Proposal for the Reprogramming of the Military Museum of Lisbon is underpinned by the need for the reconfiguration of some spaces, favoring the concentration of public flows, with the opening of an entry / exit door, located on the southern facade of the building, overlooking the cruise terminal of Santa Apolonia, giving visibility to the building. This implies the relocation of the museum shop, creation of new social and exhibition spaces, with the offering of new themes and reintroduction of others. We can consider that:

In first place, we should redesigning a more suitable lighting project, minimizing the effects of excessive natural and artificial light, favoring the richness of color given by the scenic decoration of spaces, focusing on a higher rotativity of cultural objects on display;

Secondly, by establishing a connection to the genesis of the space, stressing out the importance of Caves Manuelinas while a visible material link to Tercenas das Portas da Cruz connected to the casting, production of gunpowder, manufacture and repair of military equipment. Emphasizing the actions of Military Engineers, Masters and Artifices that there developed their activities.

Third, by strengthening the ties that link this Military Museum to King Carlos I heritage by underlining his legacy on providing the necessary conditions to develop this museum as a former landmark and a true *ex-libris* in the Portuguese cultural landscape of the late nineteenth century, early twentieth century.

Reflecting the latest military history including : Portugal in World War II; modernization of the Portuguese army and integration into NATO; the wars overseas and the revolution of the 25th of April, 1974; the Portuguese Army today.

Keywords: spaces, lightning reprogramming, organization, collections.

Agradecimentos

Desde já o meu obrigada a todos aqueles cujo apoio e palavras de incentivo, de forma alguma poderei esquecer, mas que seria exaustivo aqui nomear.

Assim, para além da minha família, cujo apoio e incentivo foi inextinguível, quero expressar o meu especial agradecimento ao Desenhador Técnico da Direção de Infraestruturas do Exército (DIE) Sr. Bastos S. Brito, pelas plantas atualizadas à escala 1:1500, que me permitiram ter uma visão de conjunto, e uma melhor compreensão dos espaços que compõem o edifício hoje ocupado por este Museu Militar. Ao Sr. SAJ. Praxedes Mendonça do AHM, por possibilitar a digitalização de alguma documentação, bem como à As Op Sr^a. D. Conceição Figueiredo, também do AHM, que executou esse trabalho com a simpatia e o sorriso que lhe são habituais.

Ao Sr. 1^o Sar Carlos Magro dos Serviços Museológicos do MML, pela paciência, permanente disponibilidade e esclarecimentos prestados relativamente ao acervo e coleções deste Museu Militar. Ao Sr. 1^o Sar António Ribeiro, da área do Património e Reservas do MML, pelos esclarecimentos dispensados.

Ao Sr. Coronel de Infantaria Luis Paulo Correia Sodré de Albuquerque, Diretor do MML, um agradecimento muito especial pela confiança depositada, pelo apoio e acesso à documentação necessária. Ao Sr. Tenente Coronel, Rui Machado, Subdiretor do MML, pelo interesse e apoio manifestado.

Grata, ao Sr. SChefe Ilídio Carreira Rodrigues, meu bom amigo, e à Sr^a. ex-Tenente Carla Sofia Mendes Pereira, sempre disponíveis para me apoiar e esclarecer.

Ao meu orientador, o Sr. Professor Doutor Fernando António Baptista Pereira pelas sugestões assertivas, certeiras e criativas, de quem conhece bem esta instituição militar, as quais retive com muito cuidado e atenção.

Não podendo deixar de lembrar, com gratidão e carinho, os que já não estão presentes, mas que fazem parte de mim, e que sempre me incentivaram a seguir em frente, e a nunca desistir.

Índice Geral

	Págs.
Índice de Figuras	
Lista de Siglas	
Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Introdução	1
Metodologia e plano	3
1. O Museu Militar de Lisboa	4
1.1.Localização e envolvente	4
1.2.Limitações e constrangimentos	8
1.3.Enquadramento institucional	9
1.4.Análise SWOT	12
1.5. Diagnóstico Museológico do MML	15
1.5.1.Segurança	15
1.5.2.Acessibilidades	15
1.5.3.Iluminação	16
1.5.4.Os espaços	18
1.5.5.Recursos Financeiros	19
1.5.6.Recursos Humanos	19
2. O 1º Diretor do Museu de Artilharia e as circunstâncias do seu tempo	20
2.1.História do Edifício	24
2.2.De Arsenal a Museu Militar de Lisboa	24

3.Constituição das coleções e seu armazenamento	30
3.1. Temáticas e tipologias das coleções	33
3.2.Localização das coleções	34
3.3.Reservas técnicas	35
4.Regulamento Interno	38
4.1.Objetivos do Regulamento Interno	39
5.Proposta de Reprogramação e reorganização dos espaços expositivos	41
5.1.Objetivos	41
5.2.Conceito	41
5.3.Estratégia	42
5.4.Novo conceito expositivo para o MML	42
Conclusão	76
Bibliografia	79
Anexos	84
- A - Localização	
- B – Qualidade do ar	
- C - Dependência Orgânica e Estrutura do MML	
- D - Os serviços educativos no Museu Militar de Lisboa	
- E - O Público do MML	
- F - Estudo de Público e Análise do Questionário	
- G - Croqui do Núcleo Museológico do Posto de Comando do MFA	

Índice de Figuras

	Págs.
Fig. 1 - Lisboa vista da margem sul do Rio Tejo.	8
Fig. 2 – General Eduardo Castelbranco.	20
Fig. 3 e 4 - Pormenores da iluminação natural e artificial e sua distribuição no espaço da Reserva de maiores dimensões	35
.	
Fig. 5 – Panorâmica Geral da fachada sul do Museu Militar de Lisboa.	49
Fig.6 e 7 - Caves Manuelinas, panorâmica geral.	51
Fig. 8 - Sala de Reunião do Conselho da Guerra, atual Sala das Guerras Peninsulares.	55
Fig. 9 - O Rei D. Carlos, após reunião de trabalho, a sair do Museu de Artilharia, acompanhado por alguns elementos do seu Conselho da Guerra.	55
Fig. 10 - D. Carlos I acompanha o jovem Rei Afonso XIII de Espanha, após visita ao Museu de Artilharia.	55
Fig. 11 - Panorâmica geral das Salas da Grande Guerra.	59
Fig. 12 - Pormenores de fardamento do Exército Português em 1806.	66
Fig.13 - Obús montado em reparo chinês.	68
Fig. 14 - Pormenor da Sala das Miniaturas.	69
Fig. 15 - Pátria coroando os seus heróis.	70
Fig. 16 - Pormenor da Sala Camões.	71
Fig. 17, 18 e 19 – Figuras da coleção de caricaturas.	74

Lista de Siglas

BiBex – Biblioteca do Exército

CEME – Chefe do Estado-Maior do Exército

DDHM - Direção de Documentação e História Militar

DHCM – Direção de História e Cultura Militar

DIE – Direção de Infraestruturas do Exército

DMT – Direção de Material e Transportes

DR – Diário da República

EME – Estado Maior do Exército

ICOMAM – International Committee of Museums and Collections of Arms and Military
History - (Comite Internacional de Museus e Coleções de Armas e História
Militar)

IV - Infravermelhos

LAMM – Liga de Amigos do Museu Militar

OE – Ordem do Exército

QPCE – Quadro Permanente do Pessoal Civil do Exército

RPM – Rede Portuguesa de Museus

UV – Raios ultravioletas

Introdução

“Não há vento favorável para aquele que não sabe para onde vai”

Sêneca

Quando o Professor Doutor Fernando António Baptista Pereira me sugeriu como tema de Dissertação de Mestrado a elaboração de uma Proposta de Reprogramação Museológica para o Museu Militar de Lisboa, a primeira reação foi de temor e de uma certa incredulidade, pois pareceu-me um desafio demasiado grande pela dificuldade que esta tarefa *a priori* apresentava.

Enquanto funcionária do QPCE, a exercer funções no Museu Militar de Lisboa, e pela formação académica que tenho vindo a adquirir, ganhei uma maior sensibilidade para as necessidades e potencialidades que este Órgão do Exército apresenta.

No decorrer da investigação efetuada, foi fácil perceber que, num contexto de celebrações, comemorações e rememorações relacionadas com o Iº Centenário da Grande Guerra, a existência de um crescente interesse pelas instituições culturais ligadas ao Exército, pelo seu importante e rico acervo, tanto a nível de edificado histórico, como pelos objetos histórico-culturais com forte componente museal, muito desse material desconhecido do público no geral, em larga medida por estudar, investigar e catalogar, mas com forte potencial turístico-museológico¹.

O mercado do turismo cultural português, em particular aquele que se prende com os Museus ligados à Arte e à História, acompanhando os dados estatísticos relativos aos visitantes, revela uma tendência crescente de um público conhecedor e interessado, e no caso em particular do turismo militar, com forte apetência pelas recriações histórico militares e visitas a locais históricos relacionados com batalhas, como por exemplo as Linhas de Torres Vedras, Aljubarrota, Buçaco, Ourique ou construções abaluartadas como é o caso das Fortalezas de Elvas, Almourol, Almeida, entre outras.

E disto é exemplo, a ainda recentemente apresentada e subscrita, Carta de Turismo Militar², que surge ao abrigo de protocolos estabelecidos entre o Instituto Politécnico de Tomar, Direção Geral do

¹ Para consubstanciar esta afirmação analisei as atividades desenvolvidas pelo Imperial War Museum e Tower of London.

² Convenhamos que a designação de Turismo Militar não nos parece de todo a mais adequada, cremos mesmo, que a designação de Turismo Histórico Militar expressa de uma forma mais clara e abrangente esse objetivo.

Património Cultural, Ministério da Economia, Turismo de Portugal, Ministério da Defesa/Exército e outros organismos com interesses neste novo nicho de mercado do turismo cultural³.

Considero, no entanto que, seria de todo interessante e até desejável que as instituições Militares ligadas à Cultura e à História Militar, olhassem, como uma mais-valia, as possibilidades dadas pelo recurso ao Marketing Cultural e apostassem fortemente em novas áreas multidisciplinares complementares da museologia e sua comunicação, como potenciadoras de uma gestão mais racional e atrativa, cativadoras de novos públicos que, se bem dinamizadas e aproveitadas, poderão contribuir para a auto-sustentabilidade de muitas instituições e equipamentos militares, nomeadamente dos Museus, Núcleos Museológicos Temáticos, Fortalezas, Bibliotecas, Arquivos, entre outros⁴. Lembro aqui a recente inclusão de uma componente relativa à execução de “*atividades no domínio da Cultura, designadamente de preservação e divulgação do seu património*”⁵.

No caso do MML, é interessante ler a opinião de quem o visita, expressa nas sugestões de melhoria deixadas no inquérito recentemente efetuado,⁶ o qual nos dá uma visão das mudanças desejadas e necessárias, a introduzir neste Museu, para que o mesmo se torne mais “*vivo*” e “*proativo*”. Tal prende-se com:

- dar uma maior visibilidade ao edifício;
- uma maior divulgação das exposições que o MML organiza;
- um sítio *webb* mais atualizado e atrativo;
- uma iluminação mais adequada;
- uma sinalética, interna e externa, mais visível e informativa;
- a existência de uma cafetaria;
- uma loja mais atrativa, oferecendo uma gama mais ampla de produtos;
- uma maior rotatividade das coleções e a existência de um catálogo atualizado da exposição permanente do MML.

São estas as problemáticas que, para além da reprogramação e reorganização dos espaços do MML, que aqui me proponho tratar.

³ <http://www.dnoticias.pt/actualidade/pais/421522-carta-nacional-do-turismo-militar-vai-potenciar-o-turismo-em-quarteis-castel> (consultado em 17 de Setembro de 2014)

<https://www.linkedin.com/pub/carta-nacional-turismo-militar/8b/391/17b> (consultado em 17 de setembro de 2014)

⁴ De referir o recente projeto, ainda em desenvolvimento, de reabilitação para musealização e exploração dos espaços ligados à artilharia de costa para efeitos de turismo militar.

⁵ Art.º 2.º, Cap. I, Disposições gerais, Decreto-Lei n.º 186/2014.

⁶ Parte integrante do anexo F, Estudo de Público e Análise do Questionário.

Metodologia e Plano

Não é um exercício fácil o proceder-se à elaboração de uma Reprogramação Museológica e reorganização dos espaços, e muito em particular para o MML, pelas particularidades que o edifício oferece. Sendo um exemplo típico de um edifício que se foi desenvolvendo e adaptando de acordo com as necessidades e habitabilidades a que foi sendo sucessivamente sujeito e, também, pela sensibilidade e dificuldade que é expor material museológico ligado à história militar e à arte da guerra.

Foi efetuada uma pesquisa bibliográfica, tanto quanto possível exaustiva, e feita uma consulta a sítios especializados, tanto a nível nacional como internacional, observando o exemplo de outros Museus Militares, também designados por Museus do Exército, como é o caso em Espanha, França, Brasil, entre outros países. Tendo observado, com maior detalhe, o exemplo dos Museus do Exército Austríaco e Belga, por apresentarem algumas similiaridades museográficas e expográficas com o MML, quer pelas características e condicionantes não só do edifício⁷, como das coleções que apresentam, assim como pela forma como as comunicam.

Para não me dispersar, e visando sobretudo a aplicabilidade prática comecei por definir os pontos que me pareceram importantes tocar e outros a aprofundar, tentando desde o início definir uma linha orientadora que me parecesse interessante para este Museu, contemplando a reorganização dos espaços e introdução de novas temáticas.

Para tal comecei por analisar esta instituição do ponto de vista da sua localização, do seu entorno, da sua história, da sua arquitetura, das suas coleções e espaços tanto expositivos como sociais e técnicos, tendo sempre em atenção o cumprimento da sua missão e objetivos.

E elaborei uma Proposta de Reprogramação Museológica, estabelecendo um discurso expositivo coerente com recurso a um diálogo polifónico credível⁸, e em conformidade com o art.º 86.º da Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto⁹.

⁷ Como é o caso do Museu do Exército Austríaco.

⁸ LAMEIRAS-CAMPAGNOLO, Maria Olímpia. CAMPAGNOLO, Henry. *Um exemplo de «linguagem mista». A Linguagem museal*. Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias, pp 47-52. Tondela, de 29 a 31 de outubro de 1993.

⁹ Que aprova a Lei-quadro dos Museus Portugueses e que no seu art.º 86º define os itens que um Programa Museológico credível deve cumprir.

1.O Museu Militar de Lisboa

1.1.Localização e a sua envolvente

A localização do Museu Militar de Lisboa bem junto à margem do Rio Tejo, teve por base razões práticas de logística, que se prendem com a existência de um excelente cais acostável, o que terá estado na génese da criação das Tercenas das Portas da Cruz, ao tempo de D. Manuel I, destinadas tanto à reparação de armamento, como armazenamento, pela facilidade que oferecia de escoamento do material bélico, que se destinava a guarnecer quer os navios, quer as fortalezas que se foram edificando ao longo de toda a zona costeira de Portugal continental. Como da proteção, pela guarnição com artilharia pesada, das fortalezas, que se iam construindo nos novos territórios portugueses, que entretanto, se iam conquistando ou descobrindo no além-mar.

O Museu Militar de Lisboa, herdeiro natural dessas Tercenas, está implantado na zona ribeirinha da cidade de Lisboa, caracterizada por um terreno sedimentar conquistado ao rio, o que pelas suas características se torna particularmente vulnerável ao risco sísmico e tsunamico, devido à solifluxão¹⁰ e liquefação¹¹, suscetíveis de serem causados por um abalo de magnitude elevada, muito à semelhança do acontecido em 1755, agravado ainda pelas cotas de declives baixos, que a referida zona ribeirinha apresenta, facilmente sujeitas a *tsunamis*.

Representando o local de implantação do MML¹², um dos fatores de risco que mais contribui para as patologias que o seu edifício apresenta, constituindo um problema para as coleções que alberga e que se prende tanto com a salinidade que se vai infiltrando nas paredes, como com a inundação das Caves Manuelinas, a que está sujeito durante o Inverno com a subida das marés. Outro fator de grande relevância, são as elevadas amplitudes térmicas e de humidade relativa que apresenta ao longo do ano, com graves reflexos nas suas coleções, mas afetando sobretudo: Gessos, Pinturas, Armaduras e Azulejaria.

Outro fator, passível de ser considerado uma preocupação a ter em conta, pese embora o aparente benefício em termos de acessibilidade, prende-se com as possíveis alterações da estabilidade do solo

¹⁰ http://lrisisk.cm-lisboa.pt/caract_geo_amb.html (consultado em 12 de fevereiro de 2015)

¹¹ Idem

¹² Segundo o Dicionário da História de Lisboa, Lisboa é uma designação de origem pré-romana, provavelmente fenícia, que a nomearam de Olisipo, e que por via latina terá evoluído para atual denominação de “Lisboa”. A mitologia, de tradição homérica, atribui a sua fundação ao herói grego Ulisses, daí designar-se Lisboa por cidade ulissiponense (cidade de Ulisses).

que em 08 de Fevereiro de 2003 sofreu o rebentamento de uma conduta de águas da EPAL, que terá arrastado os materiais finos que compõem a placa sedimentar da zona ribeirinha, e que provocou inundações de nível preocupante no Museu Militar¹³, seguindo-se as obras de construção de abertura do túnel, setor Praça do Comércio – Santa Apolónia, destinado ao Metropolitano, a que se soma, atualmente, as vibrações constantes provocadas pela passagem do próprio Metropolitano, com impactos negativos quer a nível de estabilidade do solo, quer sobre as fundações e estrutura do edifício. Pois são evidentes as alterações, e sinais de *stress* que o edifício apresenta.

Atualmente o MML, encontra-se enquadrado na Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, bastante ativa e empenhada na promoção cultural e turística dos bairros históricos fazendo sentido sugerir-se a criação de roteiros culturais específicos, para esta zona. O que implicaria a criação de uma rede de Museus de proximidade, podendo ser estudada a possibilidade da emissão de um bilhete único de visitação.

A envolvente do MML constitui-se como um ponto privilegiado de atração turística, pela existência de monumentos de grande importância, muitos deles vestígios materiais de marcos históricos determinantes da vida nacional. Podendo-se considerar a elaboração de um roteiro como aqui, a título de exemplo, se sugere: - partindo do Castelo de S. Jorge, e caminhando em direção à Graça, encontramos a Igreja e Mosteiro de S. Vicente de Fora, um dos mais imponentes e notáveis monumentos religiosos da cidade, cuja origem remonta ao tempo de D. Afonso Henriques em consequência de um voto feito a S. Vicente, durante o cerco à cidade de Lisboa, em 1143, e em resultado da conquista da cidade aos mouros. Já no largo da Graça, junto à Igreja, temos o Miradouro da Graça onde se pode admirar uma das mais belas paisagens da cidade. Um pouco mais à frente surge o Miradouro da Senhora do Monte, que nos oferece excelentes ângulos paisagísticos sobre a cidade de Lisboa, tendo o Rio Tejo como pano de fundo.

Descendo na direção de Santa Apolónia, e percorrendo a zona ribeirinha, encontramos a Casa dos Bicos, atualmente transformada em memorial a José Saramago. A Casa dos Bicos foi mandada contruir por Brás de Albuquerque, filho natural legitimado de Afonso de Albuquerque (século XVI). Assim batizada devido à particularidade estética que a sua fachada oferece, revestida a pedras talhadas em ponta de diamante. A estética arquitetónica deste edifício apresenta uma clara

¹³ De que resultou um relatório, com data de 12 de fevereiro de 2003, elaborado pela Brigada de Inspeção, constituída por quatro elementos do Museu Militar e cinco do Instituto Português de Conservação e Restauro para avaliar os danos causados, concluindo pela necessidade de se fazer um acompanhamento e análise das alterações verificadas, apesar do IPCR não ser a entidade competente para o fazer.

influência italiana¹⁴, notando-se, no entanto, na arquitetura e desenho das janelas, elementos decorativos de estilo manuelino. Caminhando um pouco mais, surge o Chafariz d'El-Rey, um dos mais antigos da cidade de Lisboa, podendo remontar ao tempo dos muçulmanos¹⁵ e que terá sido o primeiro chafariz público na cidade de Lisboa. As primeiras referências a este chafariz surgem em documentos do século XIII, reinado de D. Afonso II. Mas é a partir de D. Dinis, em resultado das extensas obras mandadas executar por este monarca, que aproveitava as excelentes águas da encosta de Alfama, que se passou a designar por Chafariz de El-Rey.

Continuando o nosso percurso turístico no sentido de Santa Apolónia, chegamos ao Museu do Fado que se encontra instalado sobre uma antiga cisterna, integrada no percurso expositivo desse Museu. Estas águas com temperaturas que, nalguns casos, se situam acima dos 20 °C, chegaram mesmo a ser classificadas, em finais do século XIX, como águas minero-medicinais, e foram exploradas pelo menos desde o século XVII como banhos públicos ou alcaçarias¹⁶, que se mantiveram em atividade até às primeiras décadas do século XX¹⁷.

Mais à frente, avistamos o MML, centro fulcral deste nosso estudo, mas, passando ao lado e continuando o nosso percurso, chegamos ao Museu da Água que está dedicado à história do abastecimento de água à cidade de Lisboa, que foi criado em volta da primeira estação de bombagem a vapor.

Continuando o nosso percurso histórico-cultural, chegamos ao Museu Nacional do Azulejo, que é claramente um dos museus nacionais mais visitados, em muito devido à dimensão internacional que o azulejo tem vindo a adquirir, porque caraterizador da cultura portuguesa e singular no património cultural e artístico nacional, tendo-se tornado num ícone turístico. O Museu do Azulejo é importante, não só pela sua coleção única e ímpar, o azulejo, como pelo edifício em que se encontra instalado, pertencente ao antigo Convento da Madre de Deus, fundado em 1509 pela rainha D. Leonor¹⁸, vale bem a pena visitar.

¹⁴ Palazzo dei Diamanti, Ferrara, Italia. Palazzo dei Diamanti, Verona, Italia. Terão sido estes os edifícios que inspiraram Brás de Albuquerque, durante a sua viagem a Itália em 15

¹⁵ www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/13047479/ (Consultado em 21 de agosto de 2015).

¹⁶ Que bem poderiam ser reativadas, dinamizadas e exploradas com a criação de SPAS termais de luxo, tirando partido do fluxo de visitantes provenientes dos navios de cruzeiro.

¹⁷ <http://www.lneg.pt/download/3822/39.pdf> (consultado em 21 de agosto de 2015).

¹⁸ www.culturaonline.pt

Voltando um pouco atrás no nosso percurso e subindo a encosta, em direção à zona histórica de Santa Clara, chegamos ao jardim Boto Machado, que com a sua pequena mancha verde, confere ao local um frescor apetecível, verdadeiro ponto de encontro com lugar marcado nos bancos do jardim e esplanada do snack-bar que se encontram neste local. É na sua envolvente que se organiza, desde 1877, a Feira da Ladra, também ela, ponto de atração turística local.

Mais à frente, erguendo-se imponente na paisagem, chegamos ao Panteão Nacional, onde se encontram os túmulos de grandes vultos, de diversos quadrantes, da história nacional, como grandes escritores, presidentes da República e, ainda Amália Rodrigues, e mais recentemente Eusébio “O pantera negra”.

Descendo as escadas, mesmo em frente do Panteão Nacional, localizam-se as antigas instalações da Fundação de Cima, onde se encontra instalado um dos vários espaços expositivos do MML, a famosa e icónica Sala dos Gessos, que se mantém no seu local original, e onde se podem admirar os modelos em gesso, em tamanho natural, de algumas das esculturas aí fundidas, incluindo o modelo em gesso da notável estátua equestre de D. José I, da autoria do escultor Machado de Castro, e fundição, num só jato, do General e Engenheiro Militar Bartolomeu da Costa. Esta Sala é única no seu género.

Continuando a descer, em direção a Santa Apolónia, chegamos ao nosso ponto geo-referencial, o Museu Militar de Lisboa.

1.2.Limitações e Constrangimentos



Fig. 1¹⁹ Lisboa vista da margem sul do Rio Tejo

A localização deste Museu, bem junto à margem do Rio Tejo, é o seu maior constrangimento, e o verdadeiro desafio que se põe à aplicação dos procedimentos de conservação preventiva, a começar pelo próprio edifício, pelas características construtivas e diferença de materiais incorporados que este nos oferece.

Por outro lado, a adaptação de edifícios históricos a Museus, sempre colocaram alguns constrangimentos no que respeita à falta de espaços, dificuldades na circulação e gestão do fluxo de públicos, acessibilidades interna e externa, e instalação de equipamentos técnicos.

Tendo-se verificado, ultimamente, o acentuar de algumas patologias no interior do edifício, que têm vindo a ser monitorizadas, muitas delas resultantes de infiltrações, outras de uma aparente cedência da estrutura do próprio edifício, como já anteriormente referido. Começa pois a ser não só necessário como urgente pensar-se em obras de conservação e reabilitação.

Há ainda a referir, os problemas da iluminação, tanto natural como artificial, das salas de exposição, que não é de todo a mais adequada. A que se soma uma instalação elétrica velha com quadros à vista, em situação de excessiva acessibilidade, e sem a devida sinalização.

¹⁹ http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f2/Lisbon_3_of_3.jpg, consultado em 15 de fevereiro 2015.

1.3. Enquadramento institucional²⁰

Ao abordarmos a questão de uma reprogramação museológica para o Museu Militar de Lisboa, temos que ter em linha de conta que os Museus Militares em Portugal no geral, sempre se comportaram como mais um Órgão do Exército, sujeito às mesmas linhas hierárquicas de comando. Como tal, nunca tiveram na sua gestão cultural uma linha orientadora com metas e objetivos previamente definidos e orientados para apresentação de resultados, para além dos constantes no seu Regulamentos Interno²¹, cuja última redação, no caso em concreto do Museu Militar de Lisboa, data de 2011²².

Também os Museus Militares no geral, não têm tido, nos últimos anos, orçamentos próprios, porque integrados e contemplados no Orçamento da DHCM, e as receitas obtidas quer de bilheteira, aluguer de espaços para eventos e vendas na loja do Museu, reverterem para a instituição DHCM/Exército. O que condiciona em muito a sua própria gestão e lhes retira autonomia financeira, com a consequente desmotivação a instalar-se.

Considerando o facto, e no caso em concreto do MML, e de acordo com o seu documento fundador e primeiro Regulamento Interno, apresentar um Quadro Orgânico continuamente inalterado, a partir do momento em que o Museu de Artilharia se autonomizou e deixou de estar “*sob a vigilância do director da fábrica de armas*”²³, que no ponto relativo à sua Direção é constituída por militares na Reserva ou até mesmo na reforma²⁴, podendo o seu Diretor ser um General ou Coronel (coadjuvado por um oficial superior, de nível hierárquico imediatamente inferior), nomeado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, sob proposta do Diretor da Direção de História e Cultura Militar.

²⁰ Estrutura orgânica em anexo G.

²¹ Ordem do Exército N.º 14, pp 615-621, 6 de setembro de 1909; Decreto n.º 7:195, Ministério da Guerra-2.ª Direção Geral-3.ª Repartição, 19 de novembro de 1920; Decreto n.º 13:224, Ministério da Guerra-Repartição do Gabinete, 26 de Fevereiro de 1927; Decreto-Lei n.º 37:082, de 2 de outubro de 1948. Despacho N.º 09/DHCM/11, que entrou em vigor em 26 de maio de 2011.

²² Que no seu preâmbulo lhe define a sua dependência orgânica, e nos diz que o mesmo foi elaborado dentro dos pressupostos apresentados pelas Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército, tendo por base a Lei N.º 47/2007, de 19 de agosto, que aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses.

²³ Designação que vinha mantendo desde a publicação do Decreto n.º 13:224, Ministério da Guerra Repartição do Gabinete, 26 de Fevereiro de 1927, assinado pelo então Ministro da Guerra António Óscar de Fragoso Carmona.

²⁴ Art.º 19.º do Decreto de 10 de dezembro de 1851; OE, 1.ª Série, de 31 de dezembro de 1868; 72.º art.º do Decreto de 13 de dezembro de 1869 (OE, 1.ª Série, de 18 de dezembro de 1869).

Várias foram, no entanto, as propostas de alteração ao Regulamento do Museu Militar mas, no ponto relativo à nomeação da sua Direção, tem-se mantido inalterado, pese no entanto o fato de o seu atual Diretor ser um Coronel no ativo, o que constituiu uma clara vontade em romper com o instituído mas, que não se viu refletido em qualquer alteração escrita ao Regulamento vigente.

Por outro lado, o Decreto Regulamentar n.º 44/94, de 2 de setembro, no seu artigo 14º, retira ao Museu Militar, muitas das suas atribuições para as colocar na então Direção de Documentação e História Militar (DDHM) atual DHCM. O que só se tornou efetivo a partir de 2006, dando-se então uma efetiva centralização da tomada de decisão bem como da investigação, incorporação, inventariação, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, na referida DHCM.

A partir de 2006, o até então Museu Militar²⁵, passa a designar-se Museu Militar de Lisboa²⁶, designação limitativa em termos de abrangência geográfica, em que este deixa de ser um Museu nacional para se ver circunscrito ao território geográfico abrangido pela cidade de Lisboa, daí a sua atual designação. O que fez pairar na altura, um sentimento de “despromoção institucional”, porque acompanhado por um claro desinvestimento nesta instituição icónica do Exército Português, contrastando com o surgimento e investimento em novos Museus Militares, como por exemplo o Museu Militar de Elvas.

É também notória a falta de pessoal, dentro do Museu Militar de Lisboa, técnica e profissionalmente capacitado, e academicamente credenciado²⁷. No entanto, dentro do Exército, começam já a surgir, tanto militares como civis, pessoal que corresponde às exigências que uma tal instituição requer para o cumprimento da sua função enquanto Museu, porque de facto existem, podem é não estar a ser canalizados para os lugares certos e aproveitados e valorizados, como deveriam.

²⁵ *Catálogo do Museu Militar de Lisboa (Antigo Museu de Artilharia)*, 10ª Edição, 1930.

²⁶ Despacho N.º 206/CEME/2006, que estabelece as Dependências Administrativas e lhe altera a sua designação para Museu Militar de Lisboa. Publicado no DR, 2ª Série – N.º 134 – 13 de julho de 2006. E Despacho N.º 101/CEME/2012, que lhe mantém as Dependências Administrativas; publicado em DR, 2ª Série – N.º 122 – de 26 de junho de 2012.

²⁷ Convém talvez aqui lembrar, que no presente a entidade tutelar do Museu Militar de Lisboa, DHCM, se encontra fortemente empenhada em aderir à RPM, que no seu primeiro Boletim trimestral, junho de 2001, apresenta o seu Programa de Apoio Técnico a Museus, onde, entre outros dos seus objetivos, diz ser o de estimular o recurso a pessoal qualificado por parte das entidades tutelares dos Museus.

Não se irá aqui especular, porque não é esse o objetivo desta dissertação de Mestrado, sobre a questão já por vezes levantada e comentada, diga-se²⁸, se a exemplo da Suécia, Reino Unido, entre outros países europeus, os Museus Militares em Portugal não deveriam deixar de estar debaixo da tutela do Exército, mas passar para a alçada direta do Ministério da Defesa, conjuntamente com os Arquivos e Biblioteca do Exército. Isto é, todos os Órgãos ligados à História e Cultura Militar, porque interligados e complementares entre si, proporcionando-se a criação de um centro de estudos e investigação histórico-militar de excelência. Pondo-se em prática o Quadro Orgânico do Museu Militar de Lisboa aprovado desde 08 de Março de 2007, pelo General Chefe do Estado-maior do Exército, mas que nunca foi implementado, como também já referido.

É do domínio público, que cada vez mais, o Exército está limitado em termos financeiros e que se encontra numa fase de contração da sua estrutura. Devendo-se salientar a falta de pessoal militar e civil qualificado, dentro do Museu Militar de Lisboa, mas e muito em particular sentida na área conservação preventiva, de tratamento e limpeza de metais, e manutenção geral, quer a nível de equipamentos e instalação eléctrica quer mesmo do edificado.

Refira-se, também, o facto de o Museu Militar de Lisboa sempre ter vivido voltado sobre si mesmo, ao serviço da designada “Família Militar”, e nunca ter sentido necessidade de mudar e de se adaptar para corresponder às novas exigências do mercado cultural. A que se somam as resistências sempre demonstradas, por parte da instituição militar, em aceitar estabelecer parcerias ou protocolos com instituições civis, nomeadamente Faculdades, Institutos, ou mesmo outros Museus (civis), e em estudar formas de partilha de valências, recurso a estagiários²⁹, solicitação de pareceres especializados ou apoio em matérias que tenham a ver com o estudo e investigação ou manutenção dos seus acervos, nomeadamente a nível de azulejaria, pinturas, gessos, talha dourada, tecidos, ou mesmo do seu edificado histórico³⁰, que tem que ser contratualizado³¹ mediante, e só após, a pré-aprovação da sua tutela.

²⁸ Leiam-se, para o efeito, as intervenções, no âmbito do 1º Congresso Internacional de Museologia Militar, e em particular a intervenção da Diretora do Armé Museum, Suécia, Dra. Eva Sofi Ernstell, também a Responsável pela ICOMAM.

Dr.^a. Gael Dundas, Head of Department of Collections Management, Imperial War Museum, United Kingdom.

²⁹ Que devem, e têm que ser devidamente acompanhados e monitorizados por pessoal devidamente credenciado.

³⁰ Decreto n.º 45 327, emitido pelo Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, de 25 de outubro de 1963, que no seu Artº 2.º, entre outros, classifica o edifício onde se encontra instalado o Museu Militar de Lisboa, como de interesse público.

³¹ <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/> Consultado em 26 de fevereiro de 2015. Aparentemente não existe legislação que regule a intervenção de técnicos especializados em edifícios classificados ou históricos. A especificidade da

1.4. Análise SWOT³²

Pontos Fortes

- Único na sua temática, na área de Lisboa;
- Boa abrangência geográfica;
- Um excelente e rico acervo museológico;
- Raridade das suas coleções;
- Ser um dos mais antigos Museus nacionais (163 anos de existência efetiva);
- Boa localização (fácil acesso: estação de Comboio, Metropolitano, Autocarros, excelente porto de atracagem de Cruzeiros);
- Edifício classificado como imóvel de interesse público, e um bom exemplo de arquitetura neoclássica do Portugal de fins do século XIX, inícios do século XX.

Pontos Fracos

- Pouca visibilidade
- Discurso expositivo antiquado e pouco interativo;
- Baixa rotatividade das peças museológicas.
- Ausência de folhas de sala ou painéis de enquadramento das salas e das coleções em exposição;
- Ausência de Áudio-guias, e a “quase” ausência de legendagem das peças em inglês e francês, das salas e coleções;
- Falta de divulgação do Museu, das suas coleções e exposições que realiza;
- Página da internet desatualizada e pouco atrativa;
- Ser um edifício partilhado (Arquivo Histórico Militar, Estado-maior do Exército);

Intervenção, deverá estar bem definida e acutelada no respetivo Caderno de Encargos, pelo dono da Obra, que a deverá especificar, acompanhar a evolução dos trabalhos, e fiscalizar, o que implica o devido acompanhamento técnico da intervenção a contratualizar. O empreiteiro contratualizado, por sua vez, assegura que o pessoal interveniente seja devidamente qualificado para o fazer.

De referir que, são já reconhecidas áreas de especialização a nível de Mestrados e Doutoramentos em Intervenção e Reabilitação de Edifícios Históricos (Instituto Superior Técnico) dirigidos tanto a Engenheiros de Construção Civil como Arquitetos. Existem, também, já empresas de construção civil especialmente vocacionadas para a área de reabilitação do edificado histórico, nomeadamente da construção pombalina.

³² Aqui utilizada porque importante instrumento de gestão para identificar cenários e desenvolver estratégias para o cumprimento de metas e objetivos que se pretendem alcançar, e porque importante instrumento complementar de diagnóstico.

- Loja, do ponto de vista comercial, pouco atrativa, oferecendo pouca variedade de artigos;
- Ausência de uma Cafeteria / Restaurante.
- Não dispor de parque de estacionamento para visitantes.

Forças

- O seu enquadramento dentro de uma zona histórica, com forte potencial turístico, porque próximo de Alfama, verdadeiro Museu “*vivo*” a céu aberto;
- Possibilidade de, a médio prazo, a CML proceder à requalificação de toda a zona ribeirinha envolvente, no seguimento da requalificação feita para a zona Cais do Sodré-Belém, que incluía, também, a criação de ciclovias e zonas ajardinadas;
- Possibilidade de todo o entorno do Museu Militar ser reabilitado, e revitalizado, não só a nível dos espaços comerciais tradicionais, como da qualidade e variedade da oferta cultural;
- Possibilidade de maior dinamização da investigação histórico-militar nacional, e dos acervos museológicos e coleções, que este magnífico Museu guarda, expõe e divulga, se devidamente apoiado e dinamizado;
- Dependendo da qualidade do esforço e empenho, e apoios financeiros, da Direcção do Museu, e respetiva tutela, através da existência de um plano estratégico, de médio e longo prazo para a Cultura Histórico-Militar. Do trabalho que venha a ser desenvolvido, quer junto dos operadores turísticos, em termos de marketing cultural, quer da qualidade e criatividade dos programas concebidos e previamente apresentados e divulgados em *websites* e página do *facebook*, que deverão ser imaginativos e muito visuais;
- Com recurso a:
 - Uma cenografia mais elaborada, apoiada por um discurso técnico-científico bem definido, bem estruturado, coerente, utilizando uma linguagem simples e clara, facilmente entendível, complementada por uma iluminação mais cenográfica dirigida e pontual;
 - Com a implementação de áudio-guias, recurso a meios audiovisuais e uma maior interatividade tecnológica;
 - Com o alargamento do horário de abertura ao público, podendo ir, durante no Verão até às 20H00;
 - E entrega à iniciativa privada, com assinatura de protocolos, de cedência de espaços para a exploração:
 - Da Loja do Museu
 - Da Cafeteria / Restaurante

Ameaças

- Parcos recursos financeiros dedicados à cultura e história militar, face às reais dificuldades que o país atravessa, e exigências do atual mercado cultural, extremamente concorrencial e volátil;
- Falta de dinamismo e qualidade na comunicação e divulgação das exposições;
- O facto do turista, mal desembarca, ser logo “enfiado” num autocarro que o conduz do cais de atracagem do navio, aos pontos turísticos mais divulgados e pré-seleccionados, que poderá até nem contemplar a visita a Museus;
- Falta de um quadro de pessoal tecnicamente capacitado para combater as ameaças diagnosticadas.

1.5.Diagnostico museológico

1.5.1. Segurança no Museu Militar de Lisboa

Neste âmbito, o Museu Militar de Lisboa encontra-se abrangido pelo Plano de Segurança “EME 2010” do Estado-Maior do Exército, por se tratar de edifício partilhado, e em situação de catástrofe natural ou ataque terrorista afetar todo o edifício, aplicando-se nestes casos e na íntegra o respetivo plano atrás mencionado que é confidencial e de acesso restrito.

O Plano de Segurança está pensado e foi criado de forma a garantir a proteção e integridade de todos os militares e civis que aí prestam serviço, e aciona as medidas e procedimentos relativos à evacuação dos locais de trabalho. Incluído neste procedimento está a evacuação de todo o elemento humano, onde se incluem os visitantes do Museu Militar de Lisboa.

O Plano de Segurança “EME 2010” do Estado-Maior do Exército é aplicado ao Museu Militar de Lisboa em complementaridade com a segurança dada pela existência de camaras de vigilância, reforçado pela presença de pessoal vigilante. O Museu Militar de Lisboa dispõe de detetores de incêndio, ligados diretamente ao Regimento de Sapadores de Bombeiros, e dispõe de extintores colocados em locais visíveis e de fácil acesso.

1.5.2.Acessibilidades no Museu Militar de Lisboa

Quanto à acessibilidade universal ao Museu Militar de Lisboa, está extremamente condicionada a circulação a pessoas deficientes ou locomoção reduzida. A este respeito, em 2011, foi elaborado um Estudo de Avaliação das Condições de Acessibilidade Universal ao Museu Militar de Lisboa, de que resultou um Relatório de Avaliação entregue em junho de 2011, onde estão bem especificadas as não conformidades e as possibilidades de melhoria. Este mesmo relatório é claro quando nos remete, entre outras, para o Decreto-Lei n.º 163/2006, de 8 de agosto, que no seu Art.º 10 – Exceções, pontos 4 e 8 respetivamente.

Entra também aqui em linha de conta o facto de se tratar de um edifício classificado, já com 163 anos de existência enquanto Museu, sendo a sua data de fundação muito anterior à entrada em vigor da lei atrás referida, o que não exclui, obviamente, a natural exigência de adaptação dos espaços aos novos tempos, que nos impõem, tendencialmente, a acessibilidade universal como um direito do utilizador e uma obrigatoriedade para toda a instituição aberta ao público em geral.

Prova desse esforço de adaptação às novas exigências que se impõem são os sanitários que já obedecem aos parâmetros exigidos, e as escadas que apresentam fitas antiderrapantes. Por outro lado, e a título de exemplo, na Sala da Restauração, o ângulo de inclinação entre degraus, por ser demasiado acentuado, não se ajusta à adaptação de equipamentos do tipo Trepador de Escadas TR-93, conforme especificado no relatório acima mencionado. Pelo que se conclui que também neste particular o Museu Militar de Lisboa tem feito um esforço na sua procura de corresponder aos parâmetros exigidos por lei, não obstante as limitações que a sua arquitetura lhe impõe.

No entanto deve-se considerar a existência de legendas em braile e algumas réplicas de peças museológicas que pudessem ser manipuladas e assim apreendidas, por um público tão especial e cada vez mais atuante e interventivo na sociedade, como é o caso dos invisuais, representando já um nicho do mercado cultural significativo e a ter em conta.

Porque, uma das funções base de um museu é estimular o desenvolvimento de experiências e apreensão de memórias passadas, tornando-as inteligíveis aos seus públicos, estabelecendo com eles relações e laços de afetividade para com a instituição, contribuindo assim para o seu verdadeiro sentido na cidade, e no panorama cultural em geral.

1.5.3.A Iluminação no Museu Militar de Lisboa

A iluminação no MML apresenta à partida um problema por ser na maior parte dos casos excessiva e demasiado agressiva para pinturas que acusam o ressequimento das telas, através do efeito craquelê com destacamento de pigmentos, apresentando algumas delas pequenos rasgões. No caso dos têxteis que se encontram expostos, que apresentam sinais evidentes de desagregação dos tecidos e perda de cor. Que neste caso, em concreto, reflete também a baixa rotatividade das peças que na sua maioria há muito excederam os índices de exposição à luz, aconselhados para as diferentes tipologias dos suportes físicos e matérias que os compõem.

Deve-se aqui considerar o papel da conservação preventiva como fator de primordial importância, e a ter em consideração no processo da reprogramação museológica. Pois uma boa programação e/ou reprogramação tem logo à partida em consideração proteção dos objetos culturais, a durabilidade dos materiais a utilizar e a sua rentabilização, considerando logo, no momento da decisão de aquisição, a sua reutilização futura e possível adaptação a outros espaços.

Porque pensar a reprogramação museológica, é ter em atenção os recursos financeiros cada mais

escassos, o que implica considerar a relação custos x durabilidade x qualidade, analisando de forma objetiva os parcos recursos financeiros dos Museus e suas tutelas, que é necessário maximizar e rentabilizar, o que exige uma gestão e análise criteriosa dos projetos e dos investimentos. Lembramos, a cada vez maior dificuldade em encontrar mecenas para a cultura, e que neste particular, o MML, não é exceção.

Considerando-se como ponto importante e de grande relevância para este Museu pensar a iluminação mais adequada e ajustada aos diferentes espaços e coleções, como parte integrante da sua reprogramação, porque instrumento fundamental na encenação cenográfica dos espaços e valorização e proteção dos objetos culturais em exposição.

A questão da iluminação é particularmente relevante no MML, pelo excesso verificado seja natural zenital que entra pelas claraboias, quer lateral que entra pelas janelas, que se encontram sem qualquer tipo de filtro que proteja os objetos museológicos em exposição dos raios UV e IV, a incidir, em alguns casos, diretamente sobre os mesmos. A que se soma uma iluminação artificial, dada por lâmpadas tubulares fluorescentes colocadas nas vitrinas, embora a mesma seja quebrada por vidro fosco, mas sem qualquer tipo de filtro protetor contra os UV e IV.

Para concretizar o projeto de reprogramação que se pretende apresentar, e que tem na sua conceção uma ideia minimalista de adequação dos objetos aos espaços, que por si mesmos são riquíssimos oferecendo uma cenografia bastante elaborada.

Considera-se que, a iluminação dentro dos espaços museológicos, é um aspeto extremamente importante e, mesmo fundamental, que envolve estudo, investigação e projetos específicos, adequados aos espaços e coleções, que exige especial cuidado e pessoal devidamente qualificado. O que vai muito para além da função e do saber técnico do eletricista, que deve apenas intervir, dentro do museu, debaixo da orientação e supervisão do Designer de Comunicação ou Arquitecto, ou dos também designados *Light Designers*.

Mas, reduzindo-se sempre a intensidade do atualmente existente, tanto natural como artificial, que se considera em algumas situações excessiva e noutras inadequada, porque agressiva e não realça nem valoriza os espaços e os objetos culturais. A iluminação LED, pese embora o seu elevado custo inicial, poderá representar a longo prazo um significativo ganho financeiro, em termos de custos energéticos, para além de uma melhor e maior preservação dos bens culturais em exposição.

1.5.4.Os espaços

Temos a considerar os espaços destinados às **áreas públicas** e de livre circulação, como Área de Acolhimento, constituído pela Loja e pela Recepção, onde está incluído o Bengaleiro.

Áreas Públicas de Acesso Reservado: Pátio dos Canhões, Sanitários, Salas de Exposições temporárias (3 Salas) e Salas de Exposição de Longa Duração (28 Salas), só acessíveis mediante aquisição de bilhete, e que correspondem ao R/C e 1º Andar do edifício do Museu. Há ainda a considerar o excelente espaço expositivo, designado por Sala dos Gessos, por aí se encontrarem expostos os modelos em gesso, à escala natural, de alguma da estatuária nacional fundida no antigo Arsenal Real do Exército, como seja o modelo da estátua equestre de D. José I, entre outras. Esta Sala está localizada fora do Museu Militar de Lisboa, dentro do espaço anteriormente ocupado pela Fundação de Cima, e foi recentemente aberta ao público em geral.

Mais recentemente, foi atribuída à Direção de História e Cultura Militar a responsabilidade do núcleo museológico do Posto de Comando do MFA³³, Pontinha, ao qual o Museu Militar de Lisboa tem assegurado as visitas guiadas.

Perfilando-se já no horizonte a intenção de atribuir, internamente, a responsabilidade do Projeto de Musealização do recém-criado Núcleo Museológico de Artilharia de Costa, na Parede, ao Museu Militar de Lisboa.

Áreas de Acesso Restrito: Direção; Reservas; Serviços Administrativos; Serviço de Apoio Geral; Secção de Investigação e Serviços Educativos; Secção de Documentação e Biblioteca; Serviços Museológicos e Gestão de Património.

Não são aqui considerados os espaços relativos aos serviços de Relações Públicas e de Comunicação e Divulgação porque, tratando-se de um Órgão Militar, o Museu Militar de Lisboa terá sempre de respeitar e remeter estas duas valências para a Repartição de Comunicação, Relações Públicas e Protocolo do Estado Maior do Exército³⁴.

³³ Recentemente objeto de classificação como Monumento Nacional, aprovado no ponto 7 do Comunicado do Conselho de Ministros, de 17 de setembro de 2015.

³⁴ Não podendo deixar de continuar a salientar, em conformidade com o já referido, que o espaço onde o edifício do Museu Militar se encontra implantado ser um espaço partilhado: EME / Museu / Arquivo Histórico Militar.

1.5.5.Os recursos financeiros do MML

O Museu Militar de Lisboa, no presente, não dispõe de autonomia financeira, no entanto a sua dotação orçamental está devidamente acautelada porque integrada no orçamento anual da DHCM.

1.5.6.Recursos humanos

Importa salientar, que qualquer sistema organizacional, para gerar valor acrescentado, e corresponder às exigências e desafios que um mercado cultural, volátil e em rápida mudança, lhe impõe, tem que estar dotado de um Quadro de Pessoal constituído por pessoas credenciadas, profissional e academicamente preparadas.

Defendendo nós que Museu Militar de Lisboa deve procurar incutir no seu pessoal, a ideia de “*formação ao longo da vida*” como uma responsabilidade de cada profissional *per si*, numa busca sistemática de melhoria e qualidade do seu desempenho. À instituição caberá facilitar e ajudar na procura dessa formação, elaborando e mantendo um plano anual, no qual o Instituto de Emprego e Formação Profissional se poderá constituir como parceiro preferencial. Para além das Universidades e Institutos, com quem poderá assinar protocolos de cooperação; sem esquecer a própria RPM, que oferece uma formação curta mas de qualidade, dirigida a diferentes categorias profissionais e valências técnicas. Pois só com pessoal devidamente preparado se poderá construir um “*Museu vivo*”³⁵ e proativo.

Ressalvamos também aqui, a necessidade de uma mudança do paradigma das mentalidades dos funcionários civis, que trabalham em meio militar, que a nosso ver se devem mostrar mais ativos e proativos, assumindo a sua própria responsabilidade na procura de formação e melhoria das suas valências profissionais, que lhes permita ter um melhor desempenho, satisfação e envolvimento.

³⁵ Tal como especificado no Regulamento Interno do Museu Militar de Lisboa, de Abril de 2009.

2.O 1º Diretor do Museu de Artilharia e as circunstâncias do seu tempo



“O GENERAL ERNESTO CASTEL-BRANCO, DIRECTOR DO MUSEU D’ARTILHARIA

É uma das mais brilhantes figuras do nosso exército o sr. General Castel-Branco, que com a uma dedicação sem limites tem velado pelo Museu d’Artilharia. Devido à sua pertinácia e à sua boa vontade, n’elle se conservam numerosas reliquias do nosso passado, valiosos tropheus das nossas victorias.”

Ilustração Portuguesa, 15 de fevereiro de 1904, p 237.

Fig. 2³⁶Gen Eduardo Castelbranco³⁷
05out876 a 26fev905

Para se compreender verdadeiramente o espirito que esteve na génese do então designado MUSEU DE ARTILHARIA, ter-se-á primeiro que falar do homem responsável por o organizar, embelezar e enriquecer, por o ampliar e lhe dar esta configuração arquitetural neoclássica que o caracteriza e ao qual ficará ligado, de forma indissociável, porque, a ele dedicará grande parte sua vida profissional (cerca de trinta anos), com verdadeira paixão.

Enquanto militar, o General Eduardo Castelbranco irá desenvolver, praticamente, toda a sua carreira ao serviço da História e da Cultura Militar. Assim, e para o bom cumprimento dessa missão irá, como era costume na época, viajar visitando outros países europeus, como França e Inglaterra, para ver o que então por lá se fazia de melhor, nessa nova área da ciência designada por Museologia, de forma a dar corpo a um projeto que espelhasse a dignidade, o brilho, o respeito e afirmação militar que Portugal e o Exército Português, em particular, tanto mereciam e buscavam.

O General Eduardo Ernesto Castelbranco passará a deter o cargo de Diretor, criado em 1897, ano em que é agraciado com o grau de Comendador da “antiga nobilíssima e esclarecida Ordem de Santiago do mérito científico, literário e artístico”³⁸; mas que nunca teria preenchido oficialmente, apenas o assumirá efetivamente, a partir do ano de 1900, após ter passado à reforma.

Convém talvez lembrar que, em termos europeus, se está ainda no rescaldo das Guerras Napoleónicas, da Guerra Franco-Prussiana em 1870, com a perda pela França da Alsácia e da Lorena

³⁶ Foto retirada da galeria de Antigos Diretores do Anuário do Museu Militar, ano 2014.

³⁷ O nome Castelbranco, surge-nos com duas redações diferentes: Castel-Branco; Castelbranco; pelo que corremos o risco de o escrever ora de uma ora de outra forma.

³⁸ Condecoração destinada a distinguir, militares ou civis, que se tenham destacado nos serviços prestados às ciências, às letras e às artes.

a favor da Prússia, da conferência de Berlim (1885), e na consequente corrida para África na procura de novos territórios fornecedores de matérias-primas e mão-de-obra barata, isto é, em plena 2ª vaga da Revolução Industrial e emergência de novas nacionalidades (tanto na Europa, como na América Latina³⁹).

Portugal encontrava-se, por esta altura, empenhado na sua odisseia das campanhas de desbravamento de África, a decorrer tanto em Moçambique como em Angola (exploradores Silva Porto, Serpa Pinto, Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens, entre outros), a que se seguem as campanhas de Pacificação (1894-1910) de Mouzinho de Albuquerque, Paiva Couceiro, António Anes (apenas para se referenciar alguns dos nomes), decorrentes do projeto português do “Mapa Cor-de-rosa - 1882”, com o qual se defendia e pretendia a ligação direta do território português de Angola a Moçambique.

Esta pretensão portuguesa, contrária aos novos interesses coloniais que se levantavam por toda a Europa, sobretudo da Inglaterra que sonhava com a ligação ferroviária do Cairo (no Egipto) à cidade do Cabo (na África do Sul) e da jovem Alemanha de Bismark, que olhavam com redobrado interesse esses mesmos territórios, e que entre si firmavam acordos secretos que visavam a partilha do território português.

Esta ânsia colonialista europeia acaba por conduzir à Conferência de Berlim (1884-1885), onde se fixaram como regras para a posse de um território, não só a sua ocupação efetiva, mas também o levar os valores civilizadores darwinistas do colonizador, isto é, o desenvolvimento tecnológico e cultural. O que por conflito de interesses de Portugal *versus* Inglaterra conduzirá, em 1891, ao designado *Ultimatum* Inglês, de que o partido republicano se irá largamente aproveitar, gerando forte instabilidade interna, que em última análise conduzirá ao regicídio de 01 de fevereiro de 1908 e à implantação da República, em 5 de outubro de 1910.

Portugal, por esta altura, apresentava um endividamento externo extremamente elevado (1855-1890), resultante, em parte, ainda dos empréstimos contraídos por D. Pedro IV para financiar a fretagem de navios, constituição de um exército, e respetivo armamento e fardamento das tropas por ele contratadas, que o conduzirão, no seu conflito com o irmão D. Miguel I, à vitória, num episódio que

³⁹ Consequência dos ideais liberais resultantes da Revolução Francesa e dos seus ideólogos, e amplamente disseminados pelo exército revolucionário de Napoleão Bonaparte.

mais não foi que uma guerra civil fratricida que ficará para a História conhecido como “Lutas Liberais”.

A este episódio, que agravou a já depauperada situação financeira do país, seguir-se-ão vários governos de tendências reformistas, seguidos de convulsões sociais que provocaram a revolta popular em vários pontos do país que ficaram para a História conhecidas como: “Maria da Fonte e Patuleia” 1846-1847, “Regeneração” com a extinção dos Morgadios, “Janeirinha” pelas sucessivas reformas fiscais, que culminam com a criação do Centro Republicano em 1873.

Num quadro, como o atrás exposto, de instabilidade, desgaste social, de depressão económica e cansaço das forças vivas da Nação. Portugal, com poucas estradas a ligar o seu território, e as pouco que havia, em más condições de circulação e de segurança de pessoas e bens. Urgia a modernização do país em setores tão relevantes como a Indústria, Transportes e Vias de Comunicação, Serviços, Economia, Agricultura e Pesca. Mas também era emergente dar atenção ao ensino, promover a investigação e a cultura.

Assim, formar pessoas, técnica e culturalmente bem preparadas para corresponderem às exigências de uma sociedade em rápida mudança passa a ser um desígnio e uma preocupação das elites governantes.

Esta elite, constituída maioritariamente por uma classe de indivíduos viajados e formados em universidades quer francesas quer inglesas, que conheciam os avanços técnicos e científicos, assim como as novas tendências políticas e culturais, pretendiam conduzir Portugal nos caminhos do progresso e da modernização, incutir orgulho no povo pela mãe Pátria, e nos feitos militares dos seus maiores. Porque a força das nações se espelhava num exército fortemente armado e bem equipado, bem treinado, bem fardado, transmitindo uma imagem de domínio, disciplina e força.

Será neste contexto europeu de verdadeira efervescência política, cultural, económica e social, que começaram a surgir os primeiros Museus Militares, como monumentos memorativos e verdadeiras armas político-ideológicas, a que Portugal não escapou. Que permitem transmitir os valores pátrios das Nações, arvorando-se os seus exércitos como garante da sua autonomia e segurança. Exibindo o seu orgulho através dos espólios obtidos pelos seus antepassados em duras batalhas, pelos seus exércitos, pelos seus heróis, verdadeiros exemplos dos mais altos valores pátrios, e da arte militar, de sacrifício pelas liberdades dos povos, veículo transmissor do conhecimento científico e

desenvolvimentos tecnológico, de que os militares sempre foram um baluarte e que urgia fazer lembrar.

É também urgente, num contexto internacional de crescente instabilidade e desejo de mudança, dar uma imagem, tanto interna como externa, de um exército organizado, bem treinado, capaz de dar uma rápida resposta a qualquer tipo de beligerância e, será por esta altura também, que o Rei D. Luís I e depois D. Carlos I, irão adquirir material de Guerra, principalmente artilharia pesada, tanto à Alemanha, como mais tarde à França, muito por via do casamento de Carlos I com Amélia de Orléans, Princesa de França. Este mesmo material irá depois ser utilizado em França e em África, no contexto da Grande Guerra, algum dele hoje exposto no Museu Militar de Lisboa, onde pode ser admirado e estudado.

É ainda neste contexto, que as mais altas chefias militares de Portugal sentirão a necessidade de expôr e mostrar os exemplares mais emblemáticos da artilharia histórica portuguesa, elemento chave do desenvolvimento tecnológico sofisticado de uma indústria ligada à fundição de artilharia, produção de armamento e fabrico de pólvora, que num determinado momento histórico os portugueses dominaram, e lhes deram a vantagem que os conduziu ao poderio naval e militar nos mares. O objetivo subliminar por detrás da criação do Museu de Artilharia, sem dúvida, era o de elevar a moral do povo português e erguer o brio dos seus militares, num período histórico nacional tão sensível, como foram os finais do século XIX e inícios do século XX.

E sendo o Arsenal Real detentor de uma excelente coleção de artilharia histórica, das mais completas que se conhece, fazia pois todo o sentido que o primeiro Museu Histórico-Militar de Portugal se designasse Museu de Artilharia.

Para o então Capitão Ernesto Castel-Branco⁴⁰, dar vida ao Museu de Artilharia, será o desafio e a missão que terá nas mãos, e da qual brilhantemente se irá encarregar. Numa primeira fase, e enquanto procurava alargar o âmbito das coleções e enriquecer o espólio musealizável, ia adequando o edifício a Museu, ampliando-o e embelezando-o, contratando para o efeito os melhores artistas da época. Por outro lado, irá visitar outros museus europeus⁴¹, para ver o que de melhor se fazia neste novo

⁴⁰ AHM. Caixa n.º 1352. Processo individual de Eduardo Ernesto Castel-Branco.

⁴¹ Acreditamos que o Gen. Castelbranco terá visitado, entre outros, o Musée de L'armée, que por esta altura se encontrava, também ele em processo de reorganização, e que terá servido de modelo, à constituição de outros Museus Militares / Exército, incluindo o Austríaco. No regresso das suas viagens terá elaborado relatórios sobre as mesmas, que terá entregue

campo científico designado por “Museologia”, que era necessário conhecer e acompanhar, porque ligada à História e preservação da Memória.

Será, pois justo dizer-se que ainda hoje, o Museu Militar reflete o espírito do homem que delineou a sua missão, traçou a sua vocação, organizou o seu discurso científico e definiu a forma de o comunicar e transmitir ao seu público.

2.1.História do edifício

2.2.De Arsenal a Museu Militar de Lisboa

Pela pesquisa efetuada, foi possível concluir que, tanto em Inglaterra, como Espanha, Áustria, entre outros, por norma os Arsenais e Fundições se localizavam em zonas periféricas das cidades, afastados da zona costeira e das populações. O que se compreende pela perigosidade do material aí produzido que envolvia não só fundição e reparação de material de guerra, mas também a produção da pólvora. As explosões seriam por certo um risco sério não só para quem aí trabalhava, como para quem habitava na envolvente.

Em Portugal, e contrariamente ao atrás referido, sempre se localizaram bem junto à zona ribeirinha, desde as antigas Tercenas⁴² das Portas da Cruz, século XVI, ao tempo do Rei D. Manuel I, que se estenderiam por uma área atualmente definida e facilmente localizável:

- A norte, pela Rua dos Remédios;
- A oeste, pelo largo do Museu de Artilharia;
- A sul, pelo rio Tejo (que nos princípios do século XVI avançava mais para Norte, estendendo-se até próximo dos locais em que hoje se encontram os edifícios do Museu e da C.P);
- A leste, pela Calçada do Forte e Largo dos Caminhos de Ferro.

Passando pela Tenência, criada em 28 de dezembro de 1640, período em que se considerou importante dar particular apoio ao fabrico do armamento e da pólvora, face à crise que se

no Ministério da Guerra. É referido no seu processo individual, mas ainda não foi encontrada qualquer cópia ou mesmo os originais.

⁴² “Tercena”, termo de origem árabe, correspondendo a um pequeno estaleiro naval (pequena oficina nas margens de um rio); www.priberam.pt/dlpo/tercena (consultado em 17 de fevereiro de 2015).

avizinhava, em consequência direta da restauração da independência de Portugal.⁴³ Passando a antiga Tenência a ser designada por Arsenal Real do Exército, já no século XVIII. Foi também durante o século XVIII que o espaço edificado, à época designado por Fundação de Baixo, hoje ocupado pelos edifícios do MML, EME, AHM, sofreu um violento incêndio (11 de junho de 1726)⁴⁴ causado por uma explosão que praticamente o destruiu, o que terá causado um prejuízo material rondando os cerca de 200.000 cruzados, segundo relatos da época, e confirmados pelo levantamento dos prejuízos mandado elaborar pelo Inspetor do Arsenal.

Relativamente ao número de vidas humanas que tal explosão terá causado, não consegui encontrar na documentação consultada qualquer menção, pelo que não sabemos se terão sido sequer contabilizadas.

As obras de reconstrução foram de imediato iniciadas, sob a direção do engenheiro francês Maurice Larre, mas obedecendo a uma planta totalmente nova que o dotava, no seu conjunto, de uma traça arquitetónica mais nobre e harmoniosa, bem ao estilo palaciano do barroco tardio. Totalmente diferente da anterior, cujo edificado vinha do tempo de D. Manuel I e se resumia a um conjunto de casas, sem qualquer característica arquitetónica diferenciadora e digna de nota, destinadas ao armazenamento de matérias primas como por exemplo o carvão e madeira, oficinas para manufatura e reparação do mais variado tipo de armamento ligeiro, espadas, arcabuzes, pistolas e espingardas, bem como produção de pólvora e uma fundição de canhões.

Estavam praticamente concluídas as obras de reedificação, que pararam quando da morte de D. João V⁴⁵, para na manhã de 1 de Novembro de 1755 o edifício ser praticamente arrasado pelo sismo que atingiu magnitudes entre os 8.7-9 da escala de Richter. Apenas se tendo aproveitado da construção anterior, o corpo central do edifício que integrava o Pórtico da entrada principal do Arsenal Real, da autoria de Maurice Larre⁴⁶, e que ainda hoje podemos admirar no lado poente do mesmo, atual entrada principal do Museu. E restos da arcada das suas fundações, atualmente designadas por “Caves Manuelinas”, porque nos remetem para a génese do edifício, e onde se

⁴³ 10 de dezembro de 1640.

⁴⁴ S/autor. *Catálogo do Museu de Artilharia. Fundação do Museu da Artilharia*. 7ª Edição. Tipografia do Comércio. Lisboa. 1916, p.10.

⁴⁵ Paço da Ribeira, 31 julho 1750.

⁴⁶ Alguns historiadores atribuem a autoria deste pórtico a Carlos Mardel, arquiteto de nacionalidade húngara, que teria vindo para Portugal em 1733, e que entre outras, trabalhou na obra do aqueduto das Águas Livres, e reconstrução de Lisboa, pós Terramoto de 1755.

podem observar ainda parte das originais arcadas em pedra, bem como parte da cerca Fernandina, também ela parte integrante deste edifício.

O remanescente do edificado conservou-se em ruínas, tendo a sua reconstrução só sido iniciada em 1760, sob a direção do engenheiro Manuel Gomes de Carvalho e Silva, seguindo um plano mais vasto e mais belo.⁴⁷

Finalmente em meados do século XIX, para além de aí continuar a funcionar o Arsenal Real do Exército, que partilha o espaço com o Ministério da Guerra, local onde o Rei se reunia com alguma regularidade com o seu Conselho, e onde a partir de 1842⁴⁸ começaram a ser organizadas as designadas Salas de Armas que, a partir de 1851, e por decreto da Rainha D. Maria II, se passaram a designar por Museu da Artilharia, para em 1926, ver a sua designação alterada para Museu Militar.

Designação esta, bem mais abrangente em termos das coleções que abriga e que se manteve até 2006, altura em que mudou para Museu Militar de Lisboa⁴⁹, designação que levantou alguma polémica, por se tratar de um Museu de abrangência Nacional, quer pelas temáticas que cobre e que se prendem com a História do Portugal Militar. E porque a História das Nações está intimamente ligada à História dos seus exércitos, que se reflete nas coleções que este Museu expõe, estuda e investiga, e que se prendem com a armaria, artilharia, fardamento, mas também na história contada através da azulejaria, da pintura, talha dourada e mesmo da escultura e modelos em gesso, vexologologia, condecorações e medalhística, entre outras.

Quando da sua criação legal, o Museu de Artilharia era composto por cinco Salas Nobres, pré-existentes, correspondendo às designadas Salas de Armas, onde se encontravam expostas as peças mais “*antigas e curiosas*”, dignas de serem mostradas, porque símbolo de poder e de identidade nacional, apenas acessíveis ao olhar das mais distintas figuras do reino e algumas figuras internacionais, como Afonso XIII de Espanha, que em 1903 de visita a Portugal, e acompanhado por D. Carlos I o visitou, sendo a visita guiada pelo então 1º Diretor do Museu de Artilharia,

⁴⁷ Catálogo do Museu Militar. Edições do Estado-maior do Exército. Lisboa, 1930.

⁴⁸ Por decreto de 27 de março de 1840, que nomeia o Barão de Monte Pedral inspetor do arsenal, e que na ordem da Inspeção Geral n.º 224 de 15 de novembro de 1842 determina que «*o Sr. Majór João Carlos de Sequeira, comandante da repartição de Santa Clara, é encarregado de dispôr e classificar os modelos de maquinas e aparêlhos, os objectos raros e curiosos que existem neste Arsenal, na sala contígua á oficina n.º 17 (Correiros) ficando tudo a seu cargo.*» ...

⁴⁹ Despacho N. 206/CEME/2006, de 30 de junho de 2006, que estabelece as Dependências Administrativas das Unidades, Estabelecimentos e os Órgãos do Exército. Publicado em DR, 2ª Serie, Nº 134, de 13 de julho de 2006.

General Ernesto Castelbranco⁵⁰. No entanto, e já em fins do Séc. XIX e inícios do século XX, o Museu foi aberto ao público em geral, uma vez por semana, mas apenas por um limitado número de horas e com marcação prévia (10H00 às 12H00).

A partir de 1895, procedeu-se sucessivamente a um conjunto de obras de reforma e ampliação do edifício, tendo para o efeito sido contratados para o decorar, alguns dos melhores artistas nacionais da época, a nível de pintura, talha dourada, azulejaria, e mesmo da escultura.

A fachada do Museu de Artilharia foi a pouco e pouco, tomando a feição que hoje se lhe conhece com a sua característica arquitetura neoclássica, cuja principal característica é a sua forma geométrica racional de linhas direitas, simultaneamente simples e nobre, tendo as colunas de decoração coríntia que embelezam a fachada virada a Sul, voltada para o Rio Tejo, vindo da antiga capela do Palácio Castelo Melhor⁵¹ em inícios do século XX, e integradas na decoração do edifício.

Estas obras de ampliação, beneficiação e decoração do Museu de Artilharia, que correspondem às atuais salas Europa, África, Ásia, América, cujos tetos foram pintados por Columbano Bordalo Pinheiro, ficaram concluídas por volta de 1903.

Em 1905, foram iniciadas as últimas grandes obras que este Museu conheceu, trata-se da fachada voltada a nascente, isto é, virada para Santa Apolónia. Para o efeito, derrubou-se a famosa⁵² Torre do Relógio, e acrescentou-se mais um piso ao lado nascente do edifício, correspondendo ao atual Arquivo Histórico Militar e Salas Oriental, Infante D. Henrique, Restauração, Camões e Lutas Liberais do Museu Militar que foi dotado de uma entrada nobre, encimada por uma excecional obra escultórica da autoria de Teixeira Lopes. Concluídas em 1908.

Mesmo em termos de ornamentação do seu pátio interior, atualmente designado por Pátio dos Canhões, as alterações foram sendo efetuadas de uma forma sistemática e consistente até chegar à sua configuração atual, muito mais elegante e harmoniosa, condizente com o próprio edifício e a sua nova funcionalidade e adequação a Museu, que em termos gerais nos apresenta uma traça

⁵⁰ Ilustração Portuguesa – 14 de dezembro de 1903, p.82;

Ilustração Portuguesa – 21 de dezembro de 1903, p. 103.

⁵¹ O antigo palácio Castelo Melhor foi mais tarde designado Palácio Foz, por ter sido em fins do século XIX adquirido pelo Conde da Foz.

⁵² Porque a população, na envolvente, se orientava pelas horas dadas pelas batidas do relógio, que regulava as horas de entrada e saída das oficinas bem como as horas de pausa para almoço do pessoal militar e civil que aí laborava.

neoclássica, com alguns vestígios do barroco tardio. Mas que, em nada nos faz lembrar ou nos remete para a sua anterior atividade ligada à produção industrial e reparação de material de guerra, que aí tinha existido.

Com a entrada de Portugal na Grande Guerra, logo em 19 de outubro de 1917, pela Ordem do Exército, N.º 14, 1ª Serie, através da Secretaria da Guerra-Repartição do Gabinete Decreto n.º 3:468, Artigo 1.º é criado, no papel, um museu que se denominaria Museu Português da Grande Guerra. Em 1918, a mesma Secretaria de Guerra-Repartição de Gabinete, através do Decreto n.º 3920, anulou o decreto anterior, e ordenou que o Museu Português da Grande Guerra passasse a integrar o Museu de Artilharia. Acrescentam-se, desta forma, mais duas salas ao Museu, completando assim o número de Salas de Exposição Permanente que compõem o circuito expositivo deste mesmo Museu, designadas por Salas da Grande Guerra.

No andar inferior, além do vestíbulo da entrada principal, integrava ainda a Sala Vasco da Gama e o Pátio dos Canhões, com saída para a Estação de caminhos-de-ferro de Santa Apolónia, onde se expunha a coleção de Artilharia Histórica. Este pátio sofreu várias alterações, e foi reorganizado de modo a que nele se pudesse *dispor* de forma, mais harmoniosa e cronologicamente organizada a coleção de Artilharia Histórica. De forma a protegê-la, resguardando-a do tempo, foi concebida e instalada, no ano de 1908, uma galeria envidraçada em toda a volta do Pátio cobrindo os Canhões. Esta cobertura envidraçada manteve-se até 1945, ano em que ficou parcialmente destruída pela explosão de uma granada. Em 1954, foi decidido retirar o que restava da referida cobertura.

Ao centro do pátio dos canhões, encontrava-se a estátua de D. Pedro IV (1905). Este espaço foi adaptado, dando lugar a um jardim, tendo a estátua de D. Pedro IV sido substituída pelo busto de D. Manuel I. Reforçando-se, assim, a ligação do edifício, agora transformado em Museu, à sua génese, de que as Caves Manuelinas são o elo de ligação material visível dessas primitivas construções.

Posteriormente, o busto de D. Manuel I foi mandado retirar, encontrando-se atualmente a ornamentar o pequeno espaço ajardinado, junto à entrada principal do Museu Militar de Lisboa que dá para o Largo do Museu de Artilharia.

Em 1944, com intenção complementar, enquadrar, embelezar e enriquecer a “*Sala de Exposição*” a céu aberto, com a mais “*completa coleção de Artilharia Histórica de que se tem conhecimento*”, decidiu a Direção do Museu decorar as paredes do Pátio dos Canhões com vinte e sete painéis de azulejos,

que contam a história dos factos mais marcantes da história militar da nação portuguesa, abrangendo uma janela temporal de 1139 a 1918.

3. Constituição das coleções e seu armazenamento

Não deixa levantar algumas questões pertinentes, o facto de Portugal ser um país com uma história militar riquíssima, ligada à construção da sua própria nacionalidade e autonomia territorial, política, económica e cultural, quer ligada à expansão da fé cristã, quer aos Descobrimentos e Expansão Ultramarina, apresentar no entanto tão poucos vestígios materiais, nas suas coleções e acervos, ligadas à história militar e em particular de exemplares ligadas à armaria, que nos testemunhem esses tempos passados de glória, de construção da nacionalidade portuguesa, e história identitária de um povo.

O Catálogo do Museu Militar, 10ª edição, 1930, pp 8-11, procura dar-nos uma ideia da grandeza que os armazéns de armas do Rei D. João III, herdadas de D. Manuel I, apresentavam e que faziam o espanto dos dignatários estrangeiros, a quem era dada a possibilidade de os visitar, tal era na época a sua grandeza e qualidade.

Para ilustrar o acima e remetendo-nos para as descrições de Garcia de Resende, que na sua Miscelânea escreve:

Vimos-lhe fazer Belem
Com gram torre no mar;
As casas do Almazem,
Com armaria sem par,
Fez só el-rei que Deus tem;
Vimos seu edificar.

O referido catálogo, remete-nos ainda para o escrivão Júlio de Castilho, que citando um contemporâneo⁵³ estrangeiro, que tendo visitado os **armazéns** de armas de D. Manuel escreveu: “na segunda-feira seguinte – isto foi em Dezembro de 1571 – fomos ver o arsenal de el-rei, pegado com a praça principal, à beira do Tejo. Na verdade é coisa digna de espanto.”⁵⁴ E continua com a sua descrição, cheia de hipérboles, enumerando não só o tipo de material, como as quantidades existentes e a qualidade do mesmo.

Dando-nos, o referido Júlio de Castilho, citando o dito Venturino, logo uma ideia de grandeza do mesmo, quando passa a enumerar os homens e animais que era possível armar “se de repente se fizesse necessário”. A título de exemplo, diz-nos que só o material existente em algumas das salas davam

⁵³ De seu nome Venturino, talvez um italiano de visita a Portugal? o autor não especifica.

⁵⁴ idem

para armar de imediato cerca de 50.000 homens, com igual número de lanças, morriões e arcabuzes. Isto para além de 30.000 armaduras inteiras para cavalaria. E prossegue no seu espanto e na sua enumeração do armamento bélico, pesado e ligeiro, e respetivas munições.

Passando depois à descrição que Damião de Gois⁵⁵, que na Crónica de El-rei D. Manuel faz dos mesmos, mas que neste caso os designa por **depósitos de armas** «...*de corpos de armas, de peões, e dois mil e quinhentos de homens de armas, de dois mil e quinhentos de homens de armas, de cavalos, e oitocentos de acobertados, e muitos corpos couraças e outras armas, e muitas peças de artilharia gróssa e miúda e arcabuzes, espingardas, piques, lanças e béstas, tudo em grande quantidade.*»

Refere ainda, entre outros, que em 1584, o padre Duárte de Sânde, descrevendo o palácio real, então denominado por palácio da Ribeira, nos diz o seguinte «*Junto ao real páço ha outros edifícios de rara celebridade, entre os quais tem o primeiro lugar o arsenal rial, ou sala de armas, onde cuidadosamente se conservam todos os instrumentos próprios da arte da guerra.*». E continúa «...*veem-se ali enormes peças de artilharia fundidas de ótimos metais, algumas das quais foram ganhas aos inimigos nos campos de batalha, e mostram-se como troféus das vitórias alcançadas; outras fôram construídas á custa da Rial fazenda para servirem nas guerras...*», para mais à frente afirmar que «...*Finalmente tão ricas em armas são estas salas Riais, que ao menos nos anos atrás, podiam armar e aparelhar para a guerra um exército de setenta mil homens. Por onde aquele arsenal gosa entre os Portugueses grande fama; e não é sem rasão, pois podemos dizer que é dali, e desta cidade, que têm saído armados esse varões illustres vencedores de todo o Oriente.*»

Será pois pertinente perguntar, para além da artilharia histórica, reconhecidamente uma das melhores e mais completas de que se tem conhecimento, onde pára o resto desses vestígios materiais referente a esse período, isto é, as armaduras, as espadas, arcabuzes, montantes e toda a restante equipagem de um normal guerreiro: fosse nobre, aventureiro ou simples soldado. E mesmo, as armaduras que normalmente protegiam os cavalos em batalha?!

De facto, estas questões já foram por diversas vezes equacionadas, pois é notória a falta de exemplares não só de armaduras, mas de todo o tipo de armamento, principalmente espadas, dos períodos que cobrem o séc. XIV, XV, XVI da história nacional.

É proverbial a falta de “amor” que os portugueses têm, no geral, pela sua história, bem como a falta de “culto” pelos seus heróis e por tudo aquilo que lhes esteja associado. Esta mesma falta de

⁵⁵ Op. cit.

interesse, reflete-se e estende-se ao quase desconhecimento e desvalorização, pelas artes: literatura, pintura, música, escultura, azulejaria, produzidas pelos artistas nacionais.

Mas, ao analisarmos a falta de vestígios materiais relativos ao espólio militar dos períodos atrás referidos, não devemos esquecer e muito menos desconsiderar os resultados:

- Do desastre de Alcácer-Quibir, 4 de agosto de 1578;
- Do Período de 1580-1640 (Coroa dual: Filipe I, II, III) em que os armazéns de armas dos reis portugueses, que tinham feito espanto de quem os visitou, foram esvaziados de todo o material aí armazenado levado para Espanha para armar e equipar os militares que participaram da Invencível Armada, bem como ajudaram a equipar os exércitos espanhóis durante a guerra dos “Trinta Anos” que assolou a Europa do século XVII.
- Da ida da Corte para o Brasil, acompanhada pelas mais elevadas patentes, Exército e Marinha, e respetivas escoltas militares, e equipamento militar (e que estiveram na origem da organização do 1º exército Brasileiro).
- Das Invasões Francesas (com os roubos, vandalização e pilhagem dos túmulos de reis e heróis – espólio imaterial / material valiosíssimo que se perdeu).
- E por último, não podemos nós esquecer os ingleses, que embora tenham vindo como amigos, contratados e pagos para ajudar os portugueses no combate aos invasores franceses, tenham regressado a Inglaterra com um excelente espólio resultante da rapina a palácios, igrejas e monumentos, nunca reclamado pela coroa e políticos portugueses da altura.

A somar ao acima, devemos lembrar a falta de sensibilidade e mesmo alguma displicência na forma como o património cultural material e imaterial do Exército tem sido olhado e cuidado, porque, algum dele visto apenas como material obsoleto e destituído de utilidade prática, logo material a ser enviado para abate⁵⁶. Considerando-se, que neste particular, o poder de decisão sobre o destino a dar ao equipamento considerado como obsoleto, deveria ser tomado em conjunto, por uma Comissão constituída pelo Diretor ou Subdiretor da DHCM, em coordenação estreita com os Diretores dos Museus Militares do Exército, em conjunto com a DMT, que decidiriam sobre o interesse do material que, por já ter perdido a sua funcionalidade prática, e antes de o classificar como material a abater, após parecer prévio dessa Comissão, e avaliado o interesse ou não desse material para fins museológicos, se poderia dar um destino final ao mesmo.

⁵⁶ Relativamente a este aspeto, será interessante a consulta da Dissertação de Mestrado de Museologia e Património de Maria Teresa Rodrigues de Almeida Correia. *A Génese de Um Museu: Do Arsenal Real ao Museu de Artilharia*. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências e Humanas. Departamento de Antropologia. Lisboa. 2002, pp.70-72.

3.1. Temáticas e tipologia das coleções do MML

O enriquecimento das coleções, que virá a constituir o acervo museológico do Museu da Artilharia, depois Museu Militar, para além do herdado do Antigo Arsenal Real do Exército, das transferências de material de Unidades do Exército que foram sendo extintas, foi sempre sendo feito tendo por base heranças e doações de militares ou dos seus familiares, algumas até correspondendo a solicitações das próprias chefias militares, são disso exemplo a integração no acervo museológico do espólio do Tenente Coronel Mouzinho de Albuquerque e do 1º Tenente Sanches de Miranda⁵⁷.

Os agradecimentos das doações ao Museu Militar, em regra, eram feitos com pompa e circunstância, e grande destaque, através de uma ampla divulgação e publicitação pública, que incluía a publicação desses agradecimentos dos jornais de maior destaque e divulgação da época, acompanhados pela respetiva fotografia captando o ato de doação. Apenas algumas peças do acervo do Museu Militar de Lisboa foram adquiridas por compra a colecionadores privados, como seja a coleção Rainer Daehnhardt⁵⁸.

Em sucessivos estudos e ajustes relativos às temáticas atribuídas ou a atribuir aos diferentes Museu Militares que compõem a Rede de Museus do Exército Português, foi decidido atribuir ao Museu Militar de Lisboa as seguintes áreas temáticas, pelas quais deve orientar e organizar o seu discurso expositivo:⁵⁹

- a) Os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa;
- b) Património Cultural e Artístico do Arsenal do Exército;
- c) Evolução do Armamento Ligeiro;
- d) Evolução da Artilharia até 1918;
- e) História Militar de Portugal dos séculos XIX e XX;
- f) Artes Plásticas e Decorativas de História Militar de Portugal

⁵⁷ Espólio correspondente às campanhas de pacificação de fins do Séc. XIX, neste caso, em Moçambique, e que pode ser observado por fazer parte da exposição de longa duração, na designada Sala Mouzinho, localizada nas Caves Manuelinas, na designada Sala Mouzinho.

⁵⁸ Assim designada por ter sido adquirida a este colecionador. Atualmente em Reserva.

⁵⁹ Despacho n.º 60/CEME/2013 de 17/mar/2013 que determina as temáticas museológicas dos Museus Militares que compõem a Rede dos Museus Militares do Exército Português, neste caso específico, tratamos apenas das temáticas do Museu Militar de Lisboa, onde se inclui o Destacamento do Museu Militar no Buçaco, que se mantém na sua dependência direta.

O acervo do Museu Militar que cobre as temáticas atribuídas é constituído pelas seguintes coleções:

- Escultura - esta coleção engloba escultura de corpo inteiro e bustos em bronze, pedra e moldes em gesso;
- Pintura - excelente coleção de temática histórica, ou alegórico-mitológica, que reúne obras de alguns dos maiores nomes da pintura portuguesa de fins do século XIX a inícios do século XX, como Carlos Reis, Condeixa, Jorge Colaço, Veloso Salgado, José Malhoa, Columbano, Sousa Lopes, Luigi Manini, entre muitos outros;
- Azulejaria - esta coleção azulejar de temática militar abrange um período que vai de fins do século XVIII a meados do século XX;
- Artilharia histórica do século XV até 1918 - engloba toda a artilharia histórica herdada do antigo Arsenal do Exército, passando por exemplares dos séculos XIX e XX, envolvidos em episódios históricos como as Invasões Francesas, as Lutas Liberais e I Grande Guerra;
- Armamento e equipamento individual - podendo-se, nesta coleção, enquadrar todo tipo de material militar desde espadas, punhais, adagas, piques, lanças, partazanas, alabardas, maças de armas, arcabuzes, mosquetes, pistolas, espingardas, armaduras, e coberturas militares;
- Diverso armamento gentílico e material etnográfico;
- Fardamento e equipamento - coleção constituída por uniformes, barretinas, mochilas e calçado militar;
- Vexilologia, Falerística e Medalhística.

3.2.Localização das coleções

Os objetos museológicos que compõem as coleções encontram-se localizados nas Salas de Exposição, num total de 1 496 objetos culturais, e nas Reservas do Museu Militar de Lisboa onde se encontram devidamente acondicionados 7 641 peças museológicas; Destacamento do Museu Militar de Lisboa no Buçaco que expõe uma coleção composta por 519 artefatos relacionados com a sua temática, e Reserva localizada no Regimento de Manutenção do Entroncamento (Depósito nº 4) onde se encontram acondicionados 10 014 objetos museológicos.

O Museu Militar de Lisboa, tem ainda cedido a título de empréstimo temporário diverso material museológico, num total de 971 de objetos culturais, distribuído por 46 instituições que vão desde

outros Museus Militares, diversas Instituições Militares, Fundações, Câmaras Municipais, Organismos Diplomáticas, outros Museus civis do Estado.

3.3.As reservas técnicas do MML

O espaço dedicado às reservas está dividido em duas salas de apreciáveis dimensões (com 262,50m² e 84,30m²). O chão e tetos são revestidos a madeira, a iluminação é natural dada por janelas laterais, mas também zenital, dada através de várias clarabóias, localizadas na sala de maiores dimensões reforçada por luz fluorescente tubular, zenital, e que se encontra mal distribuída.

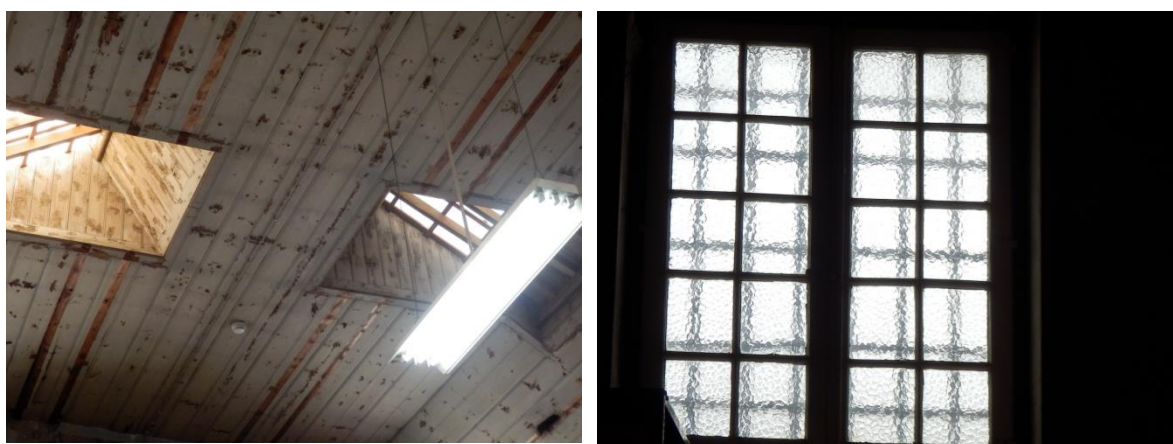


Fig. 3 e 4: detalhes da iluminação natural e artificial e sua distribuição no espaço da Reserva de maiores dimensões.
Col.: Museu Militar de Lisboa

Na segunda sala, a luz é dada por armações metálicas de luz fluorescente tubular, zenital, com uma distribuição uniforme. As reservas estão organizadas por corredores, encostados às paredes, estão alguns armários, que no seu desenho e funcionalidades nos remetem para os antigos *gabinets de curiosidades*. Neles estão acondicionados diferentes objetos culturais que vão desde coberturas militares, fardamento, armamento ligeiro e individual, e uma interessante coleção de caricaturas em cerâmica de soldados portugueses pertencentes a diferentes épocas e regimentos.

No corredor central, devidamente arrumadas, mas expostos diretamente à iluminação natural, em suportes tipo armeiros, encontramos espingardas de diferentes épocas. Nas mesmas condições mas organizados em diferentes prateleiras, algumas pinturas, à mistura com outro tipo de material museológico.

Nestas reservas podemos encontrar outro tipo de material como: armaduras, espadas e pistolas, que, e pese embora as condições de acondicionamento não poderem ser consideradas pelos cânones da conservação preventiva como os ideais, quer pelas condições ambientais, que apresentam uma grande variação de amplitudes térmicas e humidade relativa, ao longo do ano.

Quer pela forma como estão organizados e acondicionados os referidos objetos culturais, constituídos por materiais tão diversificados, e com exigências tão específicas, ainda assim, os referidos objetos culturais, encontram-se em relativo bom estado de conservação, porque adaptados e estabilizados às referidas condições ambientais.

Podendo nós afirmar que as políticas de conservação preventiva instituídas no MML se apoiam num conjunto de normas baseadas no bom senso, adquiridas e transmitidas por via empírica, baseadas no saber fazer, que possibilitaram a chegada até aos nossos dias, de todo este material museológico com centenas de anos de existência material e de inestimável valor imaterial. No entanto, encontram-se em fase de conclusão a elaboração de normas de conservação preventiva que se prevê virem a ser implementadas a breve trecho.

Também, se começam a definir políticas que têm a ver com a melhoria e normalização de procedimentos relativos à circulação de bens culturais móveis, que têm vindo a ser reformuladas e constantemente afinadas, muito por força das auditorias e inspeções a que os Museus Militares têm vindo a ser sujeitos, por parte do próprio Ministério da Defesa, num esforço de uniformização de procedimentos.

Mas, merece aqui ser referida a particular preocupação e atenção que este Museu Militar, tem vindo a dar aos procedimentos de segurança que envolvem a desativação do armamento que constitui a sua coleção de armas de fogo. Importa aqui sublinhar que, e tendo em atenção a lei nº 5/2006 de 23 de fevereiro que regulamenta o regime jurídico das armas e suas munições, e suas sucessivas alterações, cuja última redação é de 24 de julho de 2013 (lei nº 50/2013), a mesma não contempla nem menciona os Museus Militares⁶⁰. A referida Lei apenas se destina a legislar e regulamentar sobre o colecionismo privado e museus de associações de colecionadores privados.

Ao MML apenas caberá garantir, logo no início do processo de uma doação e pela análise da documentação que acompanha o bem cultural, verificar se a mesma se encontra devidamente registada e legalizada na PSP, e se está em conformidade com a lei vigente.

⁶⁰ É importante e pertinente referir-se este aspeto, pela controversia e confusões que tem gerado a interpretação da Lei, por parte dos próprios Museus Militares. Informalmente, um dos Juizes Conselheiros feitores da Lei em questão, corroborou a interpretação que aqui se faz e que nos disse que “Esta Lei não foi pensada, nem contempla os Museus Militares” foi, sim, pensada para regulamentar o colecionismo privado de armas de fogo e os Museus de Associações de Coleccionismo privado.

No entanto devemos referir que, embora não abrangidos pela lei nº 5/2006 de 23 de fevereiro, e sucessivas alterações, todo o material e equipamento de fogo, em reserva e/ou em exposição se encontram em processo de desativação, e que em situação de cedência por empréstimo temporário, o mesmo material é inspecionado e prévia e devidamente desativado, pela remoção da peça que possibilita o disparo, que se mantém guardado e devidamente identificado em envelope selado.

4.O Regulamento Interno do MML

Tal como já anteriormente referido, o Regulamento Interno do Museu Militar, data abril de 2009,⁶¹ substituído pelo de 26 de maio de 2011, que mantém no seu essencial a mesma readação, e estabelece logo no seu Preâmbulo que:

“O Museu Militar de Lisboa, é um Órgão do Exército de natureza cultural depositário e expositor do espólio de interesse-histórico militar, com possibilidade para garantir um destino unitário, designadamente a bens culturais militares e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos, incluindo o acesso regular ao público.”

Mais, estabelece:

Que “...O Museu depende da Direcção de História e Cultura Militar..., articula-se de acordo com a estrutura orgânica QOP 30.2.03 definida por Despacho do Chefe de Estado-Maior do Exército... e integra, fundamentalmente, cinco grandes áreas de trabalho museológico: Interpretação e Exposição; Estudo e Investigação; Educação, Divulgação, Biblioteca e Arquivo; Incorporação, Inventário e Documentação; Conservação e Restauro.

Os pressupostos apresentados pelas Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército no esteio da Lei-Quadro dos Museus Portugueses, obrigam à regulamentação da acção do Museu, pelo que o presente Regulamento define as regras relativas à organização e gestão do Museu e à sua relação com outras entidades e com o público a que se destina.”

Assim, no Capítulo I, artigo 4.º no seu ponto 2, esclarece:

“O MML é, fundamentalmente, de natureza disciplinar histórica e a sua colecção centra-se fundamentalmente em armas e munições, desenho, escultura, pintura, azulejaria, artes decorativas, equipamento, espólio documental, espólio honorífico, falerística, vexilologia, fotografia, gravura, instrumentos musicais, miniaturas e traje.”

O ponto 3 do mesmo artigo 4.º do mesmo Capítulo I, esclarece e define que:

“O MML, incluindo o seu Destacamento, assume a sua vocação específica relacionada com as temáticas museológicas definidas no Despacho do CEME (despacho n.º 28/CEME/2009, de 12 de fevereiro de 2009), enquadradas na História Militar de Portugal, e que são as seguintes:

- a) O Exército e os Descobrimentos Portugueses;*
- b) A 1ª Guerra Mundial;*
- c) As Campanhas de África, no século XIX e no século XX;*

⁶¹ Com uma última redação, de 26 de maio de 2011, vem alterar o Regulamento Interno do Museu Militar de abril de 2009, que em nada altera, na sua essência e conteúdo, perde sim em termos da sua redação e estilística do mesmo.

- d) *A Evolução do armamento;*
- e) *A coleção de peças de Artilharia, em bronze, do século XVI ao século XX;*
- f) *A Artilharia Portuguesa, espólio do antigo Arsenal do Exército Português no Mundo;*
- g) *A Guerra Peninsular;*
- h) *A Batalha do Buçaco”.*

Para em maio de 2013:

“Por despacho do CEME⁶², as temáticas museológicas para o Museu Militar de Lisboa (inclui o Destacamento Militar no Buçaco) são:

- a) *Os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa;*
- b) *Património Cultural e Artístico do Arsenal do Exército;*
- c) *Evolução do Armamento Ligeiro;*
- d) *Evolução da Artilharia até 1918;*
- e) *História Militar de Portugal dos séculos XIX e XX;*
- f) *Artes Plásticas e Decorativas de História de Portugal;*

Pelo acima, e feita uma análise às constantes mudanças e ajustamentos, pese embora as coleções serem as mesmas, se pode inferir que paira uma certa indefinição quanto à classificação das temáticas, âmbito e abrangência das mesmas. Bem como, do caminho a seguir relativamente ao Museu Militar de Lisboa.

4.1. Objetivos do Regulamento Interno do MML

De acordo com o Regulamento Interno, aprovado em abril de 2009⁶³, no seu artigo 5º, ponto 1, o Museu prossegue objectivos de carácter social, cultural e educativo, afirmando no ponto 2, do mesmo artigo, que os objetivos sociais são:

- al. a) *garantir a autenticidade material, estética, histórica e tecnológica do espólio militar à sua guarda, no respeito pelo rigor da identidade e da memória colectiva;*

⁶² Do já citado Despacho n.º 60/CEME/2013, de 17maio2013

⁶³ Se bem que este regulamento tenha já sido substituído pelo de 26 de maio de 2011, que em nada altera a sua essência, continuamos aqui a seguir o de abril de 2009, por nos parecer muito mais adequado quer na sua redação, quer tecnicamente mais acessível, isto é menos complexo (gerando menos confusão).

- al. *b) integrar o Museu e os programas museológicos em projetos de desenvolvimento cultural, em especial relacionados com o desenvolvimento integrado, que valorizem o património enquanto recurso cultural;*
- al. *c) propor os acordos e protocolos de cooperação com outras instituições e entidades, públicas ou privadas, que prossigam a participação e co-responsabilização na valorização do património histórico-cultural.*

Do ponto dos objetivos de nível cultural, o mesmo Regulamento Interno, no seu ponto 3, do mesmo artigo 5º, diz-nos que estes são:

- al. *a) promover a inventariação, estudo, classificação e recuperação do património à sua guarda, sistematizando informaticamente a informação recolhida e prestando apoio técnico;*
- al. *b) dirigir a atividade do Museu Militar do Buçaco, viabilizando soluções institucionais de carácter autónomo;*
- al. *c) coordenar os trabalhos de restauro das salas de exposição, de receção e de inventariação de espólios na reserva museológica;*
- al. *d) assegurar a organização de exposições temáticas, temporárias ou permanentes, com vista à melhor fruição e deleite dos públicos.*

Já quanto aos seus objetivos educativos, no seu ponto 4, o artigo 5º do Regulamento Interno do Museu Militar, em Lisboa, diz-nos que estes são:

- al. *a) sensibilizar e estimular o estudo científico e técnico de objetos do espólio do Exército, a partir de temáticas e cronologias específicas;*
- al. *b) dinamizar a comunicação e promover a divulgação, para públicos diferenciados, das diversas coleções do Museu;*
- al. *c) criar sinergias para construir um Museu “vivo”.*

5. Proposta de reprogramação e reorganização dos espaços expositivos do MML

5.1. Objetivos

Para além do atrás já mencionado; **são objetivos a curto prazo** (2015-2016) do Museu Militar de Lisboa: Apresentar e conseguir o seu processo de credenciação junto da RPM; prosseguir com a reprogramação do seu discurso expositivo, de acordo com as temáticas que lhe foram definidas; Monitorização, em termos de temperatura e humidade relativa, dos seus espaços com o Termo Higrómetro; Implementação do Plano de Conservação Preventiva; Continuação do processo de informatização do Acervo Museológico do Museu Militar de Lisboa em Base de Dados *InArte Premium*.

A médio prazo: Avaliação e redefinição do Plano de Segurança; Alargar e aprofundar o âmbito de colaboração, com outras entidades, e estabelecer novos protocolos; proceder à reorganização, obras de beneficiação das Reservas, e aquisição de equipamentos que promovam a conservação preventiva dos acervos que o Museu tem à sua guarda. Edição de um Catálogo atualizado das Coleções do Museu Militar de Lisboa. Continuar com a divulgação e estudo Espaço Museológico do Posto de Comando do MFA, localizado no antigo Regimento de Engenharia 1, na Pontinha.

A longo prazo, pretende este Museu Militar de Lisboa continuar com a divulgação do seu acervo museológico, desenvolvimento do seu estudo investigacional, com o incentivo à formação do seu pessoal militar e civil, e continuar a promover e sensibilizar, os mesmos, para as boas práticas de conservação preventiva. Proceder, ao abrigo do Protocolo estabelecido com a Câmara Municipal de Cascais, ao desenvolvimento e concretização do Projeto de Musealização do Núcleo Museológico de Artilharia de Costa.

5.2. Conceito

O Museu Militar de Lisboa, visto como centro de conhecimento do passado e repositório da memória coletiva da nação portuguesa, verdadeiro memorial dos feitos dos seus militares. Local de cultura ao serviço da comunidade que, para além da salvaguarda e preservação dos acervos museológicos ligados à memória, história e cultura militar, promove o seu estudo e investigação.

Procede à sua divulgação, comunicação e exposição, com recurso a uma estratégia concertada de publicação de monografias especializadas de temática histórico militar, promove a organização de exposições temporárias, previamente programadas e calendarizadas, oferecendo uma exposição de

longa duração mais dinâmica, promovendo uma maior rotatividade dos objetos culturais que expõe, com introdução dos novos meios audiovisuais e uma tecnologia mais interativa. Favorecendo a divulgação em *websites* especializados e sítios na internet e páginas no *facebook* do Museu Militar de Lisboa, das suas coleções, exposições, e outras atividades que este Museu promova ou organize.

5.3.Estratégia

Pretende-se a concentração do fluxo de públicos (entrada e saída) focalizados num só ponto, e feita através da loja do Museu, que para o efeito se deslocará para uma das salas de exposições temporárias, que tem porta com entrada direta no edifício⁶⁴, atualmente bloqueada e de efeito prático meramente decorativo, localizada na fachada sul, voltada para o cais de atracagem de navios de cruzeiro.

Dar maior visibilidade ao edifício, destacando-o da paisagem, com a colocação na fachada sul, por entre as colunas que a ornamentam, de *Outdoors* de grandes dimensões visíveis a larga distância⁶⁵, promovendo a exposição permanente e exposições temporárias, com recurso à fotografia de peças do acervo, criteriosamente selecionadas para o efeito.

Recurso a uma museografia mais apelativa e interativa, com a introdução de audio-visuais e painéis interativos. Proceder a uma reformulação da iluminação existente, recorrendo a uma iluminação mais cenográfica (LED), reduzindo a iluminação natural zenital, e anulando a lateral recorrendo a painéis amovíveis para “tapar” as janelas existentes num contínuo de parede. Introdução de um discurso mais coerente e cronologicamente mais organizado com a abertura de novas salas e reformulação de algumas das já existentes.

5.4.Novo conceito expositivo

Pensar a reprogramação museológica do Museu Militar de Lisboa, implica, primeiro que tudo, um conhecimento aprofundado da história do edifício, dos constrangimentos da sua localização, e da envolvente em que se encontra enquadrado. Um bom conhecimento das coleções que guarda, conserva, expõe, investiga e divulga, mas sobretudo, e principalmente, implica ter uma visão de

⁶⁴ Que atualmente se encontra bloqueada.

⁶⁵ O que se pretende é atrair o olhar, provocar a curiosidade e desejo de descoberta, nos passageiros dos navios de cruzeiro, potenciais visitantes deste Museu Militar de Lisboa.

futuro e do potencial que este Museu Militar de Lisboa oferece. Implica também, ter um projeto, ter ideias e valores a transmitir.

Sabendo o quanto o estudo da História e Cultura Militar se tem vindo a desenvolver desde os inícios do século XXI, e tornado uma área de crescente interesse para o estudo e melhor compreensão do século XX, que o cientista americano E.J.Hobsbawn caracteriza como “*um século breve*” e também como uma “*Era dos Extremos*”, durante o qual tiveram lugar duas guerras mundiais que apresentaram níveis de devastação e morte nunca anteriormente vistos, com o recurso a tecnologia e estratégia militar de absoluta desumanização e massificação da morte. É um século durante o qual todas as ideologias político-económicas foram ensaiadas e experimentadas em diferentes pontos do globo.

É também um século em que a expressão artística, cultural e individual atingiram níveis máximos de valorização e representatividade democrática, em que praticamente tudo foi aceite e valorizado. O Século XX foi um século em que o desenvolvimento tecnológico e científico, o bem estar social e o respeito pela vida atingiram níveis nunca anteriormente conhecidos na história humana.

Mas, e pelo impacto negativo ainda bem vivo na memória social⁶⁶ de muitos, pela constante rememoração, celebração e comemoração de datas e factos da história humana recente, que por muito próximos da atualidade, afetam a objetividade e não permitem o distanciamento necessário, o que compromete a compreensão e a isenção, tanto por parte de quem expõe como de quem observa.

Em que os Museus nascidos durante o século XIX-XX, elitistas e utilizados como aparelhos político-ideológicos⁶⁷ pelos estados que os criaram, como foi o caso do MML, têm, também eles, procurado corresponder às exigências ditatoriais das massas, numa tentativa de aumentar o seu número de visitantes, e que preocupados com as estatísticas, se afastam dos valores e da função que presidiram à sua génese, que se prendiam com o ensinar os valores de uma cultura estética, com o cultivar e afinar o gosto pela arte e, no caso do MML, introduzindo subliminarmente um pensamento histórico nacionalista de exaltação e glorificação dos valores pátrios e de cidadania, de admiração pelos feitos exemplares dos seus maiores.

⁶⁶ CONNERTON, Paul. *How societies remember. Social memory*. Cambridge University Press. 1989.

⁶⁷ Lopes, César Nunes. *O Museu é um aparelho ideológico*. XV Jornadas sobre a Função Social do Museu. IX Atelier Internacional do MINOM. Santiago do Cacém. Maio de 2003

É esta linguagem imbricada de relações e conexões, simultaneamente subliminares e isentas, que deve ser introduzida no Museu Militar de Lisboa, de forma simples e clara, mas que exige o recurso a uma cenografia elaborada, que leve à criação e desenvolvimento de uma linguagem não verbal específica, que se descubra através do diálogo entre o observador e o objeto observado, sem necessitar de mediadores que lhe decodifiquem, e que contaminem, o seu significado. Porque expor material bélico é extremamente difícil, porque matéria sensível e requer o recurso a um discurso direto, isento de qualquer conotação com a agressividade ou apelo à guerra.

Um discurso minimalista, assético e memorialista, que conduza o observador no gosto pela investigação, que lhe aguice a curiosidade intelectual, que o leve a querer aprofundar as temáticas por si mesmo. Um discurso que é necessário enquadrar e atualizar, mas mantendo a sua essência e respeitando o seu carácter técnico, memorativo histórico-militar.

Mas, importa talvez realçar que é esta dificuldade, esta necessidade de isenção e distanciamento, que tem causado a maior dificuldade em se encontrar um discurso expositivo objetivo, que não fira a susceptibilidade do público que visita este Museu Militar de Lisboa, que é cada vez mais eclético e multicultural.

É fundamental avaliar-se o potencial do Museu Militar de Lisboa, examinar as suas coleções e temáticas atribuídas, e relembrar que um Museu é um espaço dinâmico, gerador de conhecimento, um espaço onde, e neste caso específico, se desenvolve a investigação histórico-militar, mas que é ao mesmo tempo um espaço de deleite e de fruição dos acervos que se pretendem mostrar e comunicar.

E pensar que talvez *“Um dia teremos, pateticamente, que inventar sempre com atraso, o que já tivemos quando éramos atrasados”*⁶⁸

Chamando desde já a atenção para o facto de que uma grande parte do acervo do Museu Militar de Lisboa ter passado a integrar, por transferência, as coleções de outros Museus Militares, como é o caso do Museu Militar do Porto (parte da coleção das Lutas Liberais); Museu de Bragança, cujo acervo museológico foi constituído quase que na íntegra à custa do Museu Militar de Lisboa, ou

⁶⁸ Boaventura de Sousa Santos, citado por Ana Margarida Serra Ferreira no IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias. Tondela (29 a 31 de outubro de 1993).

entre outros, o Museu Militar de Elvas que também viu, desta forma, as suas coleções serem completadas e enriquecidas. Reforçando-se aqui a ideia de que é tempo do Museu Militar de Lisboa, deixar de ser olhado pela sua tutela como um armazém onde os outros Museus Militares se vão abastecer.

Traçar as coordenadas que se pretendem seguir para este Museu Militar, dotar o seu Quadro de Pessoal Permanente de uma equipa técnica multidisciplinar, qualificada. Pensar a história que o Museu Militar de Lisboa tem para contar, selecionar as peças do acervo e das coleções que tem à sua guarda, que melhor a ilustrem e comuniquem. E selecionar os meios técnicos e expositivos a que se irá recorrer para melhor valorizar os bens culturais que expõe.

Porque, restringido nas suas temáticas e no seu acervo⁶⁹, o Museu Militar de Lisboa, já não se pode considerar como um Museu que conta a História do Portugal Militar desde o início da sua nacionalidade, porque já não reúne coleções que possam espelhar na íntegra essa cronologia⁷⁰. O Museu Militar de Lisboa tem agora temáticas que o condicionam e o restringem aos séculos XV-XX, mais concretamente, da Batalha de Aljubarrota (14 de agosto de 1385), episódio primordial, porque marca o início da utilização da Artilharia em Portugal, até ao fim das guerras no Ultramar (1961-1974).

Reunida a equipa técnica, que logo desde o início deverá integrar e envolver no processo os serviços educativos, um elemento com formação em marketing cultural ou gestão cultural, um museólogo, um designer de comunicação ou arquiteto de interiores com bons conhecimentos na área de *light designer*, que poderá ser contratualizados para o efeito. Devendo, primeiro, proceder-se à elaboração do programa cultural e científico, pensado especificamente para o MML.

Após o que se partirá para a elaboração de um projeto arquitetural de requalificação do edifício e adequação dos seus espaços às coleções que se querem exibir, ajustados ao programa cultural e científico definido. Contemplando, desde logo no projeto, os espaços sociais destinados à Cafetaria, Livraria, espaços sanitários públicos melhorados, dando especial atenção aos serviços educativos,

⁶⁹ No entanto, devemos considerar que, por vezes, a preservação e segurança dos bens museológicos, ficam melhor acautelados se em exposição do que em reserva.

⁷⁰ Mas também não era essa a intenção do seu organizador. O Museu Militar de Lisboa, nasceu como Museu de Artilharia, havendo que considerar que a artilharia, tal como a concebemos, foi, provavelmente, pela primeira vez utilizada em Aljubarrota a 14 de agosto de 1385. O acervo relativo ao início da nacionalidade encontra-se, maioritariamente, em exposição no Museu Militar de Bragança.

considerando dentro das condicionantes que o edifício impõe, a necessária adaptação e adequação dos espaços ao público com necessidades especiais⁷¹.

Considera-se que na reprogramação que se quer para o Museu Militar de Lisboa, se deverá, em primeiro lugar, começar por contar a história do seu edifício e do espaço em este se encontra implantado. Dar especial atenção e realçar a sua génese e evolução até à sua adequação a Museu. Para depois se concentrar na história militar de Portugal dos séculos XV-XX, na evolução tecnológica e produção do armamento, como surgiu, como se desenvolveu, fundidores e técnicas de produção, técnicas de disparo e remuniciamento, técnicas de manutenção e procedimentos de limpeza, e em que teatros de guerra serviu. E como foi integrado na coleção de artilharia histórica em exposição, isto é a sua proveniência.

Deve refletir o alargamento do mapa *mundi*, o encontro com o outro, que se descobre através da aventura dos Descobrimentos e Expansão Ultramarina, do Caminho Marítimo para a Índia (Salas Vasco da Gama, Camões e Infante D. Henrique), da chegada ao Brasil, até à sua independência (07 Setembro de 1822), de África, da sua colonização, exploração, desenvolvimento e autonomia⁷², o que nos conduz neste percurso até às Guerras do Ultramar (1961/1974).

Deve também refletir a intervenção e atividade dos Engenheiros e Arquitetos Militares, que não é apenas dedicada às construções abaluartadas, pontes e linhas defensivas, mas da reconstrução de Lisboa, espelhada no seu traçado militar, de uma construção anti-sísmica inovadora refletindo ainda sobre a inovação do recurso a uma arquitetura normalizada / estandardizada dita “pombalina”, que se revê ainda nos nossos dias na construção habitacional da baixa da cidade, e de Igrejas e Palácios. E ainda no trabalho de fundição escultórica de diversa estatuária, que embeleza e engrandece o espaço público, praças e jardins da cidade de Lisboa, entre outras⁷³.

⁷¹ Decreto-Lei N.º 123/97, de 22 de maio. Torna obrigatória a adoção de técnicas de eliminação de barreiras arquitetónicas em edifícios públicos, equipamentos coletivos e via pública para melhoria da acessibilidade de pessoas com mobilidade reduzida. No entanto, o Museu Militar não está obrigado, por ser um edifício histórico, classificado, e a sua edificação ser anterior à publicação da mesma Lei. No caso do Museu Militar, é recomendável estar em conformidade com a lei, mas não é obrigatório.

⁷² Iniciada em agosto de 1975, após a Revolução de Abril de 1974, em Portugal.

⁷³ Cujos modelos em gesso à escala natural constituem uma coleção, extremamente bem preservada, que pode ser visitada e admirada na denominada Sala dos Gessos, localizada na antiga Fundação de Cima.

Deve mostrar a ligação privilegiada que o Rei D. Carlos I⁷⁴ mantinha com o Museu de Artilharia; referir o regicídio, e o envolvimento dos militares na implantação da República e da sua intervenção na Grande Guerra, tanto na Europa (1916-1918) como em África (1914-1918)⁷⁵.

Mas também se deve salientar o papel dos militares na investigação, no ensino, e nas artes, cujos vestígios e símbolos estão espelhados na pintura (teto da Sala D. Maria II), na talha dourada, e na azulejaria. Meios estes, a que o General Castelbranco, em fins do século XIX, inícios do século XX, irá recorrer para cenografar e comunicar as temáticas expositivas que vai desenvolver e apresentar ao público. Podendo, nós considerar o recurso a uma arquitetura de iluminação⁷⁶, como uma mais valia, para produzir os necessários efeitos cenográficos e criação de ambientes mais sofisticados, e de alguma dramaticidade, e considerar a aquisição de meios audiovisuais e tecnológicos, que melhor se adequem aos espaços e aos objetos culturais, para melhor comunicar e enquadrar os acervos e coleções em exposição. Incluindo a aquisição de áudioguias em português, inglês e francês.

Devemos também aqui lembrar, que o MML, para poder corresponder na integra à sua função museológica, necessita de adequar os seus espaços, e que para tal tem de se expandir. Sendo que a sua zona natural de expansão são os espaços atualmente ocupados pelo AHM, podendo também ser considerado a médio e longo prazo parte do edifício atualmente ocupado pelo EME, caso se venha a concretizar a há muito programada:

- 1º - Mudança do EME de Santa Apolónia para instalações mais condignas, libertando todo o edifício, hoje partilhado, para que, no seu todo, o mesmo seja dedicado ao estudo e investigação, isto é à História e Cultura Militar;
- 2º - Que nesse mesmo edifício se concentre a Direção de História e Cultura Militar e todas as suas valências e serviços, em sistema proximidade e complementariedade de apoio à investigação, que servirá tanto ao Exército, como à comunidade académica civil, isto é a Biblioteca do Exército e o Arquivo Histórico Militar (no 5º e 6º Piso do edifício do EME);

⁷⁴ Que, por morte de D. Luis I, ascende ao trono a 19 de outubro de 1889. Tendo as grandes obras de alargamento e embelezamento do edifício decorrido entre 1895 e 1908, do seu reinado, período de tempo em que lhe vai ser dada a configuração arquitetónica que é ainda a atual.

⁷⁵ O que nos remete, tanto para a Sala da República (antiga Sala do Relógio), como para as Salas da Grande Guerra

⁷⁶ <http://angelaabdalla.blogspot.pt/search/label/dramaticidade> (consultado em 18 de março de 2015). Há que reconhecer a importância, cada vez maior dos designados “*Lithing Designers*” na criação de ambientes e valorização das exposições, tanto em galerias de arte, como nos Museus, com entre outras aplicações, por exemplo, aos espaços públicos.

Que se projete e se adaptem os espaços para a criação de um Auditório,⁷⁷ destinado à organização e realização de cursos de História Militar, pequenas conferências, debates, apresentação e lançamento de livros, e ações de formação. Este auditório servirá tanto ao Arquivo Histórico Militar como à Biblioteca do Exército, e Museu Militar, com os respetivos espaços sociais de apoio como: restaurante / cafetaria, espaços de convívio, sanitários públicos.

Mas, em termos mais imediatos e realistas, de curto-médio prazo, sugere-se que:

Tirando-se partido da possibilidade de, e na eventualidade do AHM, vir a curto prazo ser deslocado para local mais apropriado e condigno, o Museu possa ter o direito preferencial ao espaço assim disponibilizado para deslocar e aí organizar as suas Reservas, por estas no presente não reunirem as condições necessárias e exigíveis para tal função.

Para o efeito deverão ser efetuadas as obras consideradas necessárias de adequação dos diferentes espaços às coleções respeitando as suas especificidades⁷⁸, dotando-os dos necessários equipamentos e mobiliário para a sua boa organização, preservação e conservação.

O MML, com a deslocalização das suas Reservas, ganharia duas salas de consideráveis dimensões (262,50m² e 84,30m²), apresentando a de maiores dimensões um pé-direito superior a 6m, podendo-se aproveitar para reorganizar os espaços, criando-se mais um piso, assumindo-se desde logo a criação de um espaço multiusos, de que este museu é deficitário. A sala de menores dimensões tem ligação direta ao Museu através da segunda Sala da Grande Guerra. Fazendo todo o sentido que numa das salas se organizasse, entre outras temáticas, a há muito reclamada exposição dedicada às Guerras do Ultramar.

Deverá também ser equacionada a centralização num único espaço, do fluxo de entrada e saída dos públicos do Museu Militar de Lisboa. Que deverá ter a visibilidade, e espaço interior necessários ao cumprimento dessa função, como é o caso da fachada sul, virada para o Rio Tejo.

⁷⁷ Correspondente ao atual 6º e 5º Piso do edifício do EME, com entrada e saída direita para a Rua do Museu de Artilharia. O edifício do EME é servido por 2 elevadores e 2 escadarias de acesso. Um dos elevadores vem até ao R/C, com entrada e saída pelo Pátio dos Canhões, correspondente à entrada nobre no mesmo edifício.

⁷⁸ Conforme estudado e projetado em 1999, durante a vigência do então Diretor do Museu Militar, Exmo. Maj Gen Graça.



Fig. 5 - Panorâmica Geral da fachada sul do Museu Militar de Lisboa⁷⁹

Sugere-se que a entrada e saída se faça através de uma das portas localizada na fachada Sul do edifício⁸⁰, que atualmente se encontra tapada e que apresenta uma utilidade prática meramente decorativa, servindo para dar equilíbrio à fachada do edifício. Assim, a entrada e saída seriam centralizadas e efetuadas sempre e só através da loja do Museu, que para aí se deslocaria, o que permitiria ter um maior e melhor controlo do fluxo dos públicos. Para o efeito será necessário desbloquear, reforçar e adaptar a referida porta, de acordo com as normas de segurança exigidas pelo Exército, para servir de entrada e saída no Museu.

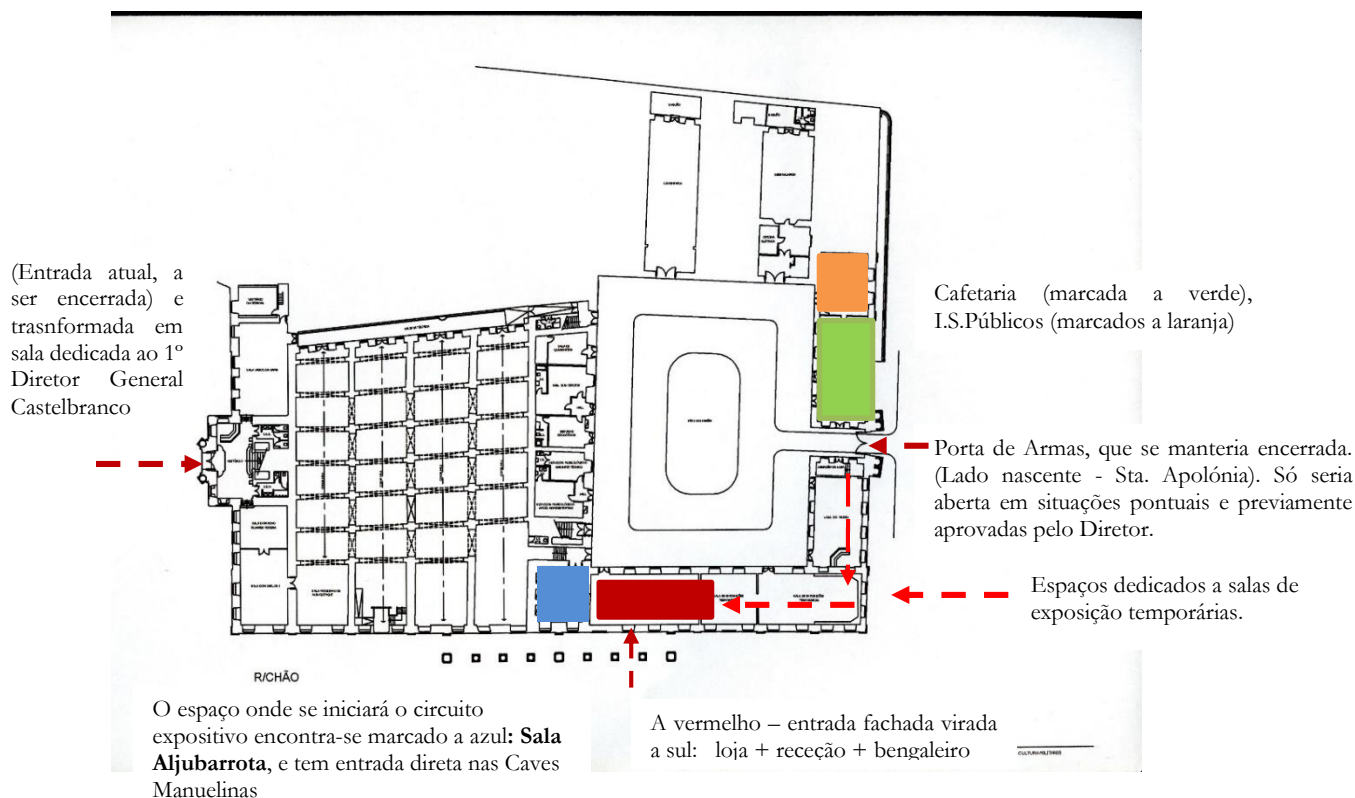
Ganhava-se, assim, um espaço amplo onde se poderiam organizar a receção e respetivo bengaleiro enquadrando-os na loja do Museu. Este espaço encontra-se atualmente devoluto, servindo pontualmente como espaço de exposições temporárias ou espaço de apoio às exposições temporárias. Localiza-se numa sala intermédia, com entrada direta para a atual Sala das Bandeiras, que seria substituída pela **Sala Aljubarrota**, com a qual se iniciaria o percurso expositivo deste Museu Militar, e que oferece entrada direta para as **Caves Manuelinas**.

⁷⁹ http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f2/Lisbon_4_of_4.jpg, consultado em 15 de fevereiro 2015.

⁸⁰ Das quatro portas que ornamentam a fachada voltada a Sul, duas são meramente ornamentais, servindo para equilibrar a fachada. No entanto, uma delas tem acesso direto para o exterior, que se encontra atualmente bloqueada. Sugere-se que a mesma seja desbloqueada, passando a centralizar-se o fluxo de entrada e saída no Museu Militar de Lisboa pela mesma

A loja do Museu deve ser reestruturada e modernizada, e também ampliar o seu leque de oferta de materiais ao público. As árvores, que retiram a visibilidade à fachada sul do Museu, e cujas raízes fazem levantar as pedras da calçada, devem ser arrancadas, até por uma questão de segurança dos passantes e potenciais visitantes, que por lá vão tropeçando.

Entrada do Museu - R/C



O circuito expositivo iniciar-se-ia com a **Sala de Aljubarrota**, adaptando-se para o efeito os espaços ajustando-os ao respetivo acervo museológico que para aí se transferiria.

Por outro lado, sugere-se a reorganização dos espaços ao nível do R/C e defende-se a concentração dos serviços administrativos, todos num só lado do edifício, libertando os espaços, que terão que ser todos eles reconvertidos e adaptados às suas novas funcionalidades, conforme esquema acima. Pretende-se, com esta reorganização, a criação de espaços públicos e sociais dedicados à Cafeteria e Sanitários Públicos.

Com já referido, a artilharia foi utilizada pela primeira vez em Portugal, precisamente, na Batalha de Aljubarrota, trazida pelo exército castelhano. Assim, o circuito expositivo do Museu Militar de

Lisboa indicar-se-ia através da Sala **de Aljubarrota**⁸¹, que ocuparia o espaço e substituiria a atual Sala das Bandeiras, transferindo-se para a mesma o acervo que decora a Sala D. Nuno Alvares Pereira. Recorrendo-se à iluminação mais adequada, para realçar os objetos museológicos e criar o ambiente cenográfico mais adequado à coleção.

Podendo-se incluir, nesta exposição os novos meios audiovisuais, com recurso à passagem de filmes, de curta duração, com a recreação histórica da Batalha de Aljubarrota (14 de Agosto de 1385), painel de enquadramento, interativo que explique o contexto da introdução em Portugal das primeiras peças de artilharia. O que introduziria, desde logo, o visitante na história da Artilharia em Portugal.

A seguir, entra-se diretamente nas **Caves Manuelinas**. Aqui, num espaço de 864,30m², dividido em quatro naves (vulgarmente designadas por Coxias), penetramos num espaço ligado à génese do edifício, que nos deveria remeter para uma ambiência fabril de produção e reparação de material bélico, ligada à fundição de artilharia e fabricação da pólvora.



Fig. 6 e 7 - Caves Manuelinas, panorâmica geral
Col.: Museu Militar de Lisboa

Remetendo-nos para o tempo da construção e ampliação das instalações fabris, e desenvolvimento tecnológico ligado à fundição de canhões, através da contratação de estrangeiros, que trouxeram para Portugal esse saber e conhecimento técnico-científico. Que deve ser melhor comunicado e explicado.

Neste espaço, onde ainda hoje se podem admirar alguns excelentes exemplares dessa produção ligada à fundição de canhões, agora transformados em objetos museológicos, que devem voltar a ser reordenadas e apresentadas cronologicamente⁸². Que, com recurso a sistemas multimédia, protegidos por vitrinas, passem documentários, que introduzam o visitante nas técnicas utilizadas pelos fundidores, exemplificando o processo de manufatura das peças, e técnicas de as operar, tanto

⁸¹ A que se acederia através da loja do Museu, com a qual teria ligação direta, devidamente demarcada por um alçado, que separa ambos os espaços.

⁸² A terceira nave está demasiado esvaziada, e a coleção, outrora bem organizada, encontra-se agora “um pouco” misturada.

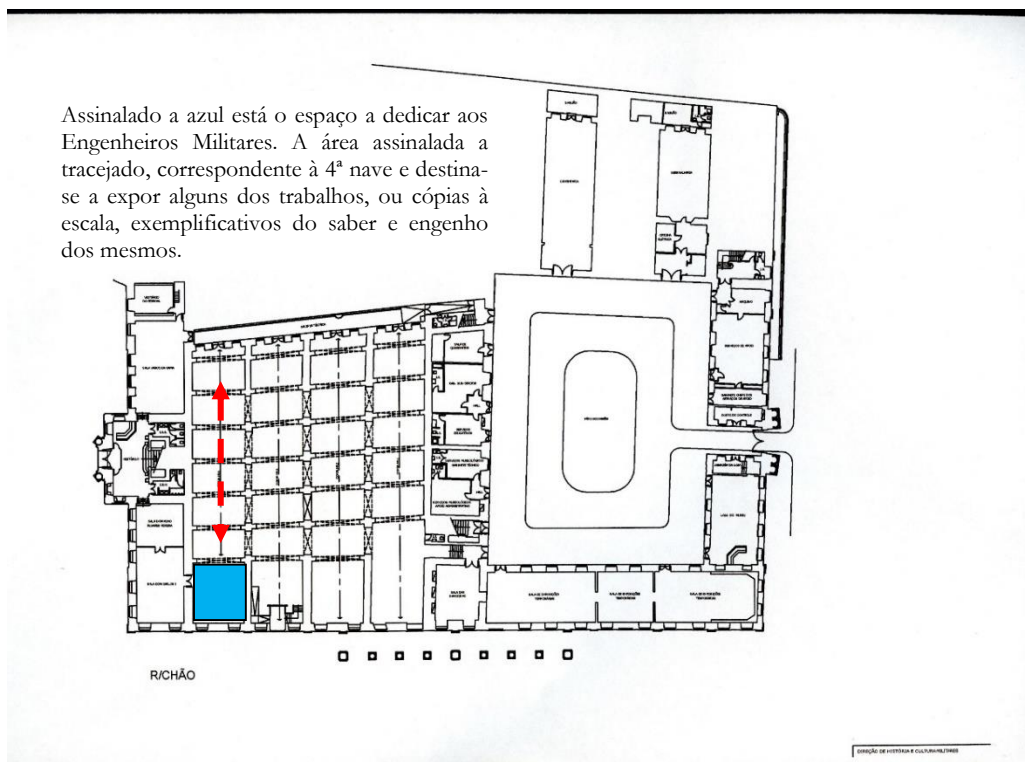
a bordo dos navios, como em situação de defesa em praças fortes e fortalezas abaluartadas, ou campos de batalha.

É importante que neste espaço se dê particular importância à iluminação. Criando um discurso que conduza o olhar do visitante para certas particularidades que remetem para a história do espaço, como por exemplo as arcadas em pedra, o fundo em tijoleira com as suas arcadas e portões de ferro fundido, que deverão estar iluminados de forma a melhor realçar a estrutura em arco e o vermelho do tijolo.

Localizado na terceira nave, do corredor, e designado por “Saguão”, que se deixa antever através dos portões e grades em ferro, deve ser realçada por foco de luz mais intensa a incidir sobre a mesma, a fonte em pedra, decorada por dois tritões (com caudas de entrelaçam) e de cujas bocas, através de torneira antiga, brota a água, que decoram o fontanário que termina por recipiente em forma de concha.

Um pouco mais à frente, localizada na quarta nave, mas ainda no “Saguão, deve ser dada especial atenção e realce, à parte da muralha Fernandina deixada a descoberto, e que se encontra já preparada e protegida por vitrina de vidro, faltando dar-lhe o respetivo enfoque luminoso que atraía o olhar, dirigindo a atenção e despertando a curiosidade do visitante, reforçado e apoiado por painel parietal de enquadramento histórico, fazendo a ligação à génese do edifício e integração sistemática no mesmo do pré-existente. O “Saguão” deve deixar de ser considerado como área de apoio de serviços e arrumos, e passar a fazer parte integrante do circuito expositivo das Caves Manuelinas.

A quarta nave, toda ela deve ser dedicada aos Engenheiros **Militares**, que aqui trabalharam e dedicaram as suas vidas, não só à Fundação, mas também à reconstrução de Lisboa, como Bartolomeu da Costa, entre muitos outros. Pelo que sugerimos a retirada deste espaço da Sala Mouzinho, e dedicar o mesmo aos engenheiros e arquitetos militares que aqui trabalharam não só na fundição de canhões e sinos, como dedicando-se à construção abaluartada, e reconstrução, não só do próprio edifício do Arsenal Real do Exército como da cidade de Lisboa, pós terramoto de 1755.



Em vitrinas parietais deverão constar, mapas com os levantamentos cartográficos e topográficos da envolvente, e que contam a evolução dos espaços desde 1495⁸³, desenhos projeturais do edificado, litografias com os retratos dos engenheiros envolvidos, e mesmo litografias de Lisboa pós-terramoto.

Em exposição e devidamente contextualizado deverá estar o modelo do guindaste que elevou a estátua equestre do Rei D. José I da cova onde esta foi fundida. Referências explicativas e fases da produção da estátua, referir o artista Machado de Castro, mas salientando a técnica do Fundidor Bartolomeu da Costa por ter representado de facto um feito histórico de uma técnica inovadora de fundição, em um só jato, e num tempo recorde de 7' 53'', caso único de nível europeu, para uma peça escultórica daquela dimensão.

Também deve ser dado um maior destaque à “Zorra”⁸⁴, que deve estar melhor documentada, e apresentada e iluminada. Que pela sua dimensão e aspeto desperta, inevitavelmente, a curiosidade e cativa o olhar do público. E que não está devidamente contextualizada nem explicada.

Devendo-se retirar deste espaço: a elegante caleche do século XVIII, e Estandarte da Rainha D. Maria II, porque fora de contexto neste espaço. Da arca do século XVII/XVIII, deve ser removida

⁸³ Os mais antigos que conseguimos encontrar nos Arquivos da Direção de Infraestruturas do Exército.

⁸⁴ Como um exemplo de obra de engenharia de aplicabilidade prática, concebida por Bartolomeu da Costa, que transportou as colunas monolíticas da Rua Augusta / Praça do Comércio, mas também todas as pedras da Basílica da Estrela

a tinta de efeito metálico, que agride o olhar, e regressar ao seu natural ferro forjado. Devendo-se dar uma outra vida e maior destaque à “cadeirinha” utilizada para transporte do Inspetor Geral do Arsenal Real, a necessitar de intervenção de restauro do seu interior, e limpeza do seu exterior.

A Sala D. Carlos, cujo retrato, de grandes dimensões, da autoria de Felix da Costa, datado de 1895, nos introduz no espaço, deve ser destacado por uma luz dirigida que melhor o realce. Este espaço deve permanecer dedicado a este monarca e sua família, sugerindo-se o enriquecimento do acervo expositivo da mesma. Deve dar-se mais vida e relevância a esta sala através de painéis de enquadramento e, com recurso a filmes históricos da época, passados em painéis multimédia, realçando as capacidades e ação diplomáticas deste Rei, num contexto de política europeia de grandes conflitos e desequilíbrios na gestão das predominâncias hegemónicas, que caracterizou os finais do século XIX.

Enquadrando a ação deste penúltimo monarca português no contexto das campanhas de pacificação em Moçambique, dos conflitos gerados pelo Mapa Cor-de-Rosa, e do *Ultimatum* Inglês, a que deve ser dada alguma ênfase, situando-o na época histórica. Deve-se tirar partido da coleção azulejar que ornamentada a Sala, painéis reproduzindo cenas dessas campanhas, outros representando D. Carlos e o seu Estado-Maior, e ainda representações de paisagens campestres ou marinhas baseadas em desenhos e aguarelas do próprio Rei D. Carlos I, ele mesmo um reconhecido e excelente artista e grande estudioso da fauna marinha da costa portuguesa, para além de um grande mecenas das artes.

O pavimento desta sala, atualmente em mosaicos cerâmicos tipo S. Paulo, a nosso ver deveria ser substituído por pedra natural, idealmente lioz, respeitando a traça e materiais do restante edifício, mantendo a sua harmonia.

Na sala seguinte, atualmente designada de Aljubarrota, deveria ser introduzida a temática do **Regicídio**, que marcou os inícios do século XX, em Portugal. O Rei D. Carlos I, foi um Rei muito presente no Museu de Artilharia, aqui presidia ele, com alguma regularidade, ao Supremo Conselho de Defesa Nacional, que se reunia na atual Sala dedicada às Guerras Peninsulares. Esta parece-nos ser uma temática importante, porque marcou uma viragem significativa na História Nacional, à qual o Museu Militar de Lisboa não pode continuar alheio.



Fig. 8 - Sala de Reunião do Conselho da Guerra,
atual sala das Guerras Peninsulares
Col. Arquivo do Museu Militar de Lisboa



Fig. 9 - O Rei D. Carlos, após reunião de trabalho, a sair
do Museu de Artilharia, acompanhado por alguns
elementos do seu Conselho da Guerra.
Col. Arquivo Museu Militar de Lisboa

A este edifício, enquanto Museu, acompanhava o Rei D. Carlos I os Chefes de Estado estrangeiros de visita a Portugal, o que reflete bem o orgulho que este Rei tinha no Museu de Artilharia. São disso testemunho as reportagens jornalísticas da época, ilustradas profusamente com desenhos e mesmo com fotografias, que podemos encontrar com alguma facilidade, por exemplo, na Ilustração Portuguesa entre outras publicações da época. Podendo-se, também aqui, recorrer aos adequados meios audiovisuais para maior envolvimento do público visitante.



Fig. 10 - D. Carlos I acompanha o jovem Rei Afonso XIII
de Espanha, após visita ao Museu de Artilharia
Data: 11 de Dezembro de 1903
Col. Arquivo do Museu Militar de Lisboa

Sugere-se também aqui a mudança do chão, idealmente para pedra lioz.

Subindo-se os degraus que nos conduzem atualmente à receção, e cuja funcionalidade deve ser repensada, para ser transformada numa sala dedicada ao organizador e primeiro Diretor deste Museu Militar. Aqui pretende-se prestar uma justa homenagem ao General Eduardo Ernesto Castelbranco, que passaria a ser designada por **Sala Castelbranco**⁸⁵.

Dando-se ao seu busto maior destaque, seriam introduzidos painéis de enquadramento, fazendo referência à sua ação e contribuição para a História e Cultura Militar. Chamando a atenção para o

⁸⁵ Que pela análise dos Catálogos do Museu Militar, já existiu e estava organizada na Sala América.

programa museológico que implementou tendo por base uma conceção cenográfica com recurso à pintura, como meio de decoração dos espaços e melhor transmitir a sua mensagem e organizar o seu discurso político-ideológico de engrandecimento e enaltecimento pátrio, que adotou para o Museu de Artilharia, tornando-o há época num verdadeiro *ex-libris* da museologia nacional.

A iluminação a adotar deverá ser toda ela, LED, porque fria e amiga do ambiente e dos objetos, dirigida às belíssimas telas alegóricas que ornamentam os tetos deste espaço, que nos falam da identidade, da missão⁸⁶ e vocação deste Museu Militar, do espólio que guarda, conserva, investiga, expõe e divulga.

A seguir, atravessando a atual recepção e descendo três pequenos degraus, entramos na **Sala Vasco da Gama**. Aqui sugerimos a remoção de algumas peças de artilharia histórica⁸⁷, porque excessivas, que se deixe apenas as mais emblemáticas como o ESPALHAFATO, também designado CANHÃO PEDREIRO⁸⁸ ou o TIGRE⁸⁹, libertando-se espaço para o público circular e melhor usufruir das belíssimas pinturas que ornamentam paredes e teto. A iluminação natural deve ser eliminada, tapando-se as janelas com painéis amovíveis, pintados à cor da parede. A iluminação desta sala deve ser toda ela repensada no sentido de valorizar o património artístico valiosíssimo, que só por si valoriza e enriquece o espaço, e que contam a história da odisseia de Vasco da Gama na descoberta do caminho marítimo para a Índia, com recurso à mitologia grega da poética camoniana.

Porque tem como figura central Vasco da Gama, o seu busto, modelo em gesso, da autoria de **Simões de Almeida \Sobrinho**, deve ser destacado.

As pinturas parietais, da autoria de Carlos Reis (1903-1909), deveriam ser valorizados, com recurso a uma iluminação fria, que as proteja, mas que as destaque. Também ao teto, ornamentado com a uma pintura a óleo sobre tela, de grandes dimensões da autoria de Luigi Manini, 1899⁹⁰, deve ser dado o devido enfoque luminoso, captando olhar do visitante.

Esta sala tem apenas uma única vitrina, inserida na parede, que expõe o montante atribuído a Vasco da Gama. A esta vitrina deverá ser dada uma outra visibilidade, as costas da mesma deveriam ser

⁸⁶ “Receber e guardar os despojos dos inimigos, preservar a memória dos nossos maiores”

⁸⁷ A serem integradas nas Caves Manuelinas, mantendo a organização cronológica.

⁸⁸ Guia de Artilharia Histórica, N.º R.23

⁸⁹ Idem, N.º R.26

⁹⁰ Que decorou o Pavilhão Português na Exposição Internacional, que decorreu em Paris no ano de 1900.

tapadas e revestidas a tecido numa cor clara destacando o único objeto cultural que expõe, de valor imaterial inestimável, que deveria estar exposta ao alto, com ligeira inclinação perpendicular a que deve ser dada uma iluminação focal e dirigida. A legenda da peça, também deve ser mais informativa e estar mais visível.

Saindo da Sala Vasco da Gama, retorna-se à Sala Castelbranco, e subindo-se ao 1º andar chega-se ao:

Peristilo – Relativamente a este espaço, que tal como está, e que nos corta a organização cronológica do circuito expositivo, remete-nos para a ideia de Salas Temáticas, se bem que a sua decoração não seja impositiva, pois pode-se aqui alterar a sua cenografia e introduzir um novo discurso expositivo.

No entanto, parece-nos ser um espaço adequado a esta tipo de exposição mais ligada à armaria. Nesta sala é exposto ao olhar do visitante uma pequena parte da coleção de armaduras completas, utilizadas na arte da guerra, por cavaleiros e por cavalos. As peças necessitam de sofrer uma maior rotatividade, e também ser-lhe dada uma outra “vida”.

Devendo-se para o efeito mandar fazer manequins, e serem-lhes vestidas as armaduras que decoram este espaço. Acreditamos que as mesmas ficariam bem melhor apresentadas ao olhar do público, e também melhor preservadas porque mais apoiadas, e menos sujeitas a tensão física (exercida sobre os elementos de cabedal, que deveriam ser periodicamente enebadas para manter o couro hidratado e maleável) e também porque apresentariam um ar mais natural.

As armaduras deveriam estar protegidas, em vitrinas estanques, inacessíveis ao toque do visitante, criando-se um microclima próprio ajustado tanto a metal como ao cabedal⁹¹, o que lhes evitaria a corrosão dos materiais e surgimento inestético de ferrugens. As vitrinas seriam dotadas de uma iluminação mais adequada, sugerindo-se para esta sala o recurso a uma iluminação mais cenográfica, com recurso a painéis explicativos, para melhor enquadramento dos objetos culturais no espaço-tempo-histórico da sua utilização. A iluminação do teto também deve ser toda ela repensada.

⁹¹ Que rondaria uma temperatura média de $\pm 20^\circ \text{C}$ e uma humidade relativa de $\pm 30\%$

Sala das Guerras Peninsulares⁹² – Sugerem-se painéis de enquadramento, que nos introduza esta sala, podendo-se utilizar meios audiovisuais, com recurso a recreações históricas, enquadrando este episódio histórico e o que representou na história nacional, integrando-o no contexto europeu do seu tempo. A maquete explicativa das Linhas Defensivas de Torres Vedras, já não atraí a atenção do público, e não está sequer devidamente enquadrada. O recurso a meios audiovisuais e tecnológicos mais atualizados iriam colmatar esta lacuna.

O discurso histórico, também deverá ser reformulado, explicando, brevemente, o episódio histórico da retirada da família real para o Brasil⁹³

Quanto às vitrinas centrais, estas devem ser repensadas, recomendamos que se mantenham as mesmas bases, porque muito bem enquadradas na decoração e arquitetura da sala, apenas devem ser repensadas as vitrinas tornando-as mais leves e transparentes, eliminando a sanca, que por estar situada ao nível dos olhos, forma uma barreira que impede olhar o espaço na envolvente, tendo o visitante que curvar a cabeça, para ver para lá da mesma. Por outro lado, as vitrinas devem facilitar a acessibilidade do pessoal técnico às peças, quer para efeitos de rotatividade das mesmas, quer para ações de limpeza das próprias vitrinas.

Quanto às vitrinas laterais, onde se encontram expostas réplicas de fardamentos do Exército Português da época das Guerras Peninsulares, devem ser mudados os fundos e costas, que podem até ser pintados. A iluminação das vitrinas deve ser reformulada, procurado das aos fardamentos uma outra visibilidade e maior realce. Os fardamentos devem também sofrer uma maior rotatividade, os tecidos apresentam já alguns sinais evidentes de degradação e perda de cor.

A Sala da República (Relógio) – Porque se pretende melhorar a coerência do discurso expositivo, e tendo em atenção que os ideais republicanos entraram em Portugal, muito por via das Invasões Francesas, e porque esta não é uma sala temática, logo não se encontra condicionada em termos

⁹² De acordo com o Catálogo do Museu de Artilharia. 1910, p.27, aqui realizaram-se primeiro, as Sessões do Conselho Geral do Exército e da Armada, depois passou a reunir, com alguma regularidade, o Rei D. Carlos I com o seu Supremo Conselho de Defesa Nacional.

⁹³ E lembrar que se está ainda num contexto de atuação e pensamento absolutista em que “*l'état c'est moi*”, devendo Salientar-se, caso se justifique, que o próprio Conde de Lippe previu que em situação de perigo de invasão, o Rei fosse levado em segurança para outra parte do território português, a partir do qual ele continuaria a governar. Foi uma retirada estratégica de salvaguardada da integridade e autonomia nacional, em que houve invasão, mas não subjugação. O Rei nunca deixou de reinar sobre o seu território.

expositivos. Sugerimos aqui, que se dê uma maior ênfase à implantação da República e aos militares, que para ela contribuíram e nela se distinguiram.

Esta sala apresenta parte de uma coleção de insígnias e condecorações, militares e civis, nacionais e estrangeiras, e requer painéis de enquadramento ou folhas de sala. Podendo-se aqui recorrer a imagens da época, utilizando os meios multimédia mais adequados.

A sala, apresenta um excesso de iluminação natural zenital, dada por clarabóia, a necessitar de limpeza, a que se soma a iluminação das vitrinas, dada por lâmpadas tubulares fluorescentes, o que nos parece ser excessivo, e com claros reflexos negativos sobre os tecidos das faixas e bandas, parte integrante das insígnias e condecorações, que apresentam perda de cor e sinais evidentes de desagregação dos tecidos, porque expostas, na sua maioria, em situação de tensão (ao alto), e por terem já excedido em muito o tempo de exposição à luz.

Será conveniente a retirada de exposição de algum deste material cultural. Devendo ser elaborado um plano de rotatividade das peças, e também ser repensada a forma de expor os objetos culturais, porque demasiado sensíveis.

Salas da Grande Guerra – São salas verdadeiramente magníficas e de grande impacto emotivo, pela intensidade do sofrimento e esforço humano que perpassa das telas de grandes dimensões, da autoria de Sousa Lopes, e se transfere para o observador. Este é um episódio da história humana recente, de nível mundial, porque bem documentada em termos de desenho, pintura, como reportagens fotográficas e cinematográficas.

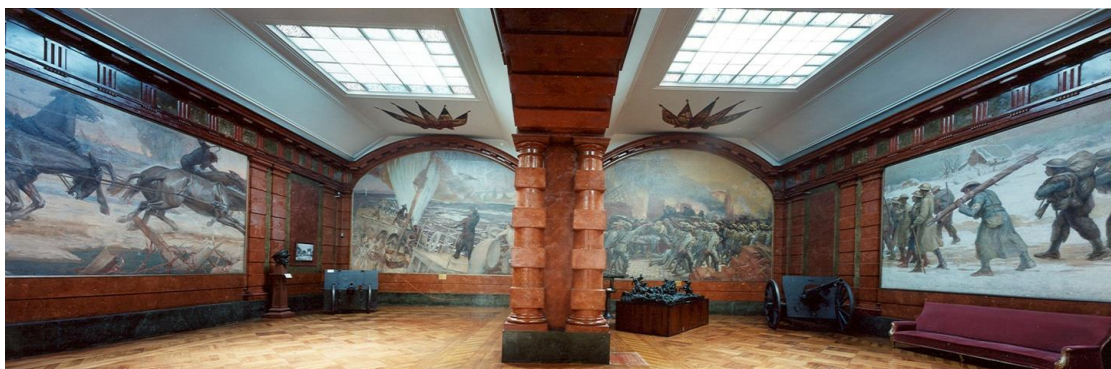


Fig. 11 - Panorâmica geral das Salas da Grande Guerra
Col.: Museu Militar de Lisboa

A estas salas tem sido dada alguma atenção, em grande medida devido às cerimónias comemorativas evocativas do Iº Centenário da Grande Guerra, que um pouco por todo o país se têm vindo a verificar. No entanto, deve ser dada a estas salas uma outra dinâmica e uma maior explicação do

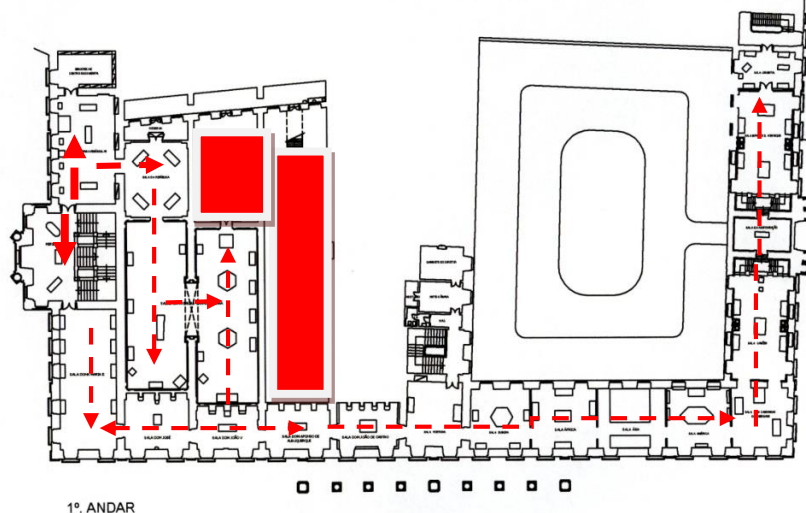
contexto em que Portugal vai entrar na guerra, tanto em teatro europeu como na África Oriental, onde se combatia com a Alemanha desde o início da guerra, em 1914.

Nota-se nestas salas alguma ausência de referências à guerra em Angola e Moçambique, aos confrontos com Letow van Vorbeck, ao Triângulo do Quionga, ou às campanhas do Rovuma. São aspetos da história recente a que facilmente se tem acesso via *Internet*, e que devem estar melhor representados nestas magníficas Salas. Esta lacuna pode facilmente ser colmatada com recurso a equipamento multimédia, com imagens da época ou passando entrevistas a historiadores, que de forma isenta comentem o impacto que esta Guerra teve na História das Nações e memória dos povos.

A iluminação, é também aqui excessiva, natural zenital dada por clarabóias, a necessitarem de serem limpas, e nas quais devem ser colocados filtros de proteção UV e IV. As amplitudes térmicas verificadas nestas salas, são também excessivas, e estão a ter efeito negativo sobre as telas, que apresentam sinais de ressequimento. As salas da Grande Guerra comunicam diretamente com as Reservas do Museu, por uma imponente porta localizada por detrás do molde em gesso da estátua do Soldado Desconhecido.⁹⁴

⁹⁴ Cujo original em bronze ornamenta os Jardins da Avenida da Liberdade.

Assinalados a vermelho encontram-se os espaços atualmente dedicados às Reservas, que se sugere sejam convertidos, criando-se na sala de maiores dimensões uma *mezzanine*.



1º. ANDAR

DIREÇÃO DE HISTÓRIA E CULTURALIDADES

E uma vez que estes espaços não oferecem as condições ideais, porque desajustadas à função de Reserva, seria de todo pertinente repensar os mesmos, considerando a deslocação da mesma para local mais adequado. Parecendo-nos, pois, oportuno, até pela excelência da dimensão destes espaços ($84,30\text{m}^2 + 262,50\text{m}^2$), que os mesmos sejam reorganizados considerando-se, no espaço de maiores dimensões, que apresenta um pé-direito superior aos 6m considerados como os mínimos exigíveis à criação de uma *mezzanine*.

Passando, assim, o MML a dispôr de $\pm 609,30\text{m}^2$ de área expositiva, considerando-se aqui, desde logo, um espaço dedicado à criação de uma sala multiusos. O circuito expositivo a submeter a projeto, seria inteiramente dedicado aos séculos XX-XXI, idealizando-se as temáticas organizadas cronologicamente, com os espaços, em *open*, apenas divididos por painéis amovíveis. As novas temáticas a introduzir no MML são:

- Portugal na II Grande Guerra, onde se abordaria a ocupação⁹⁵ de Timor pelo Japão, e reforço da ocupação militar das ilhas;

⁹⁵ Na realidade quando a força de invasão liderada pelo Coronel Sadashichi Doi chega a Timor, na noite de 19 para 20 de fevereiro, já o lado oriental, então sob domínio português, se entrava ocupado por forças aliadas.

- A modernização do Exército Português e integração na NATO⁹⁶.

Na sala de maiores dimensões e piso intermédio seriam tratadas e desenvolvidas as seguintes temáticas:

- As Guerras no Ultramar⁹⁷; O 25 de Abril 1974⁹⁸ (remetendo o visitante para o núcleo museológico do Posto de Comando do MFA, Pontinha);
- O Exército Português na atualidade: missões de apoio à paz; missões de evacuação de não combatentes; missões humanitárias e treino de forças militares estrangeiras.

Todo este circuito expositivo, para além do respetivo acervo museológico, deverá ser fortemente apoiado na imagem com recurso aos novos meios tecnológicos e multimédia, considerando a passagem de reportagens, com testemunhos na primeira pessoa das experiências vividas, entrevistas e excertos de discursos de políticos da época. O discurso expositivo a ser adotado deverá ser assético e memorialista.

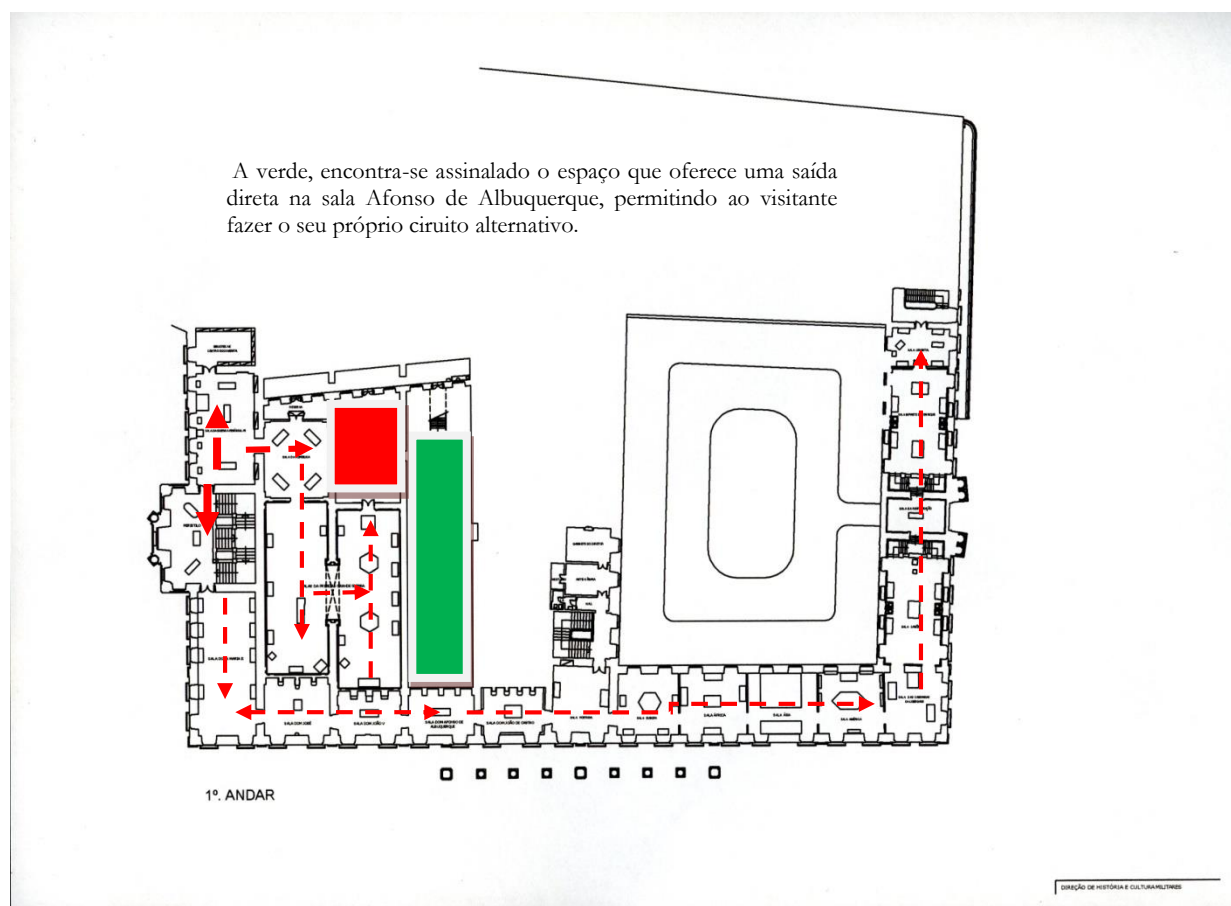
Podendo os espólios atualmente existentes serem consideravelmente aumentados e enriquecidos, através de pedidos de doação dirigidos quer às famílias ou aos próprios ex-combatentes. Passando pelo envolvimento das diferentes Unidades que compõem o Exército, através dos contributos dos militares que participam nas missões, para enriquecer e manter atualizados o respetivo circuito expositivo.

Devendo, em simultâneo, serem desenvolvidas políticas de libertação de informação para efeitos de elaboração de painéis de enquadramento da exposição, tendo sempre em atenção o respeito pela dualidade das emoções que estas temáticas despertam.

⁹⁶ <http://cehc.iscte-iul.pt/index.php/pt/investigacao/projetos/projetos-em-curso/138-o-corpo-do-estado-maior-do-exercito-portugues-apogeu-e-queda>;

⁹⁷ Que curiosamente já existiram neste Museu Militar e que foram desmanteladas em 2006 por, de acordo com o Diretor da altura, “ferirem a sensibilidade” de familiares e ex-combatentes. Estas Salas (2), refira-se, estavam bem documentadas e incluíam apoio multimédia com a passagem em contínuo de reportagens e entrevistas aos combatentes.

⁹⁸ Este espaço expositivo deve convidar o visitante a visitar ao núcleo museológico do Posto de Comando do MFA, Pontinha, que o introduzirá no centro operacional do que foi o movimento revolucionário do 25 de Abril, que põe um ponto final às Guerras no Ultramar, iniciando o processo de descolonização, marcando o surgimento de novas nações.



Os espaços atrás referidos e que se pretendem reconverter, oferecem ao visitante a possibilidade de fazer, ele mesmo, o seu próprio circuito expositivo, quer entrando diretamente na Sala Afonso de Albuquerque⁹⁹, e seguir em frente até concluir o circuito expositivo, quer voltando atrás para visitar a Sala D. João V, Sala D. José I e Sala D. Maria II, quer simplesmente retornando ao Peristilo, e entrar na:

A Sala D. Maria II – Considerada a Sala Nobre deste Museu Militar, aqui são efetuadas cerimónias de imposição de condecorações, entrega de bastões de comando e espadas aos oficiais generais, para além de outro tipo de cerimónias e receções a entidades oficiais militares e civis.

Para já, sugere-se que continue a ser mantida como está, com baixa intensidade de luz, apenas com a iluminação que lhe vem das vitrinas, para preservar as pinturas dos tetos. No entanto o retrato de corpo inteiro da Rainha D. Maria II, pintura a óleo sobre telada da autoria de Joaquim Rafael, datado de 1834, deveria ser salientado através do recurso a uma iluminação que melhor a valorize.

⁹⁹ Com a qual comunica através da sala de maiores dimensões, atualmente bloqueada e disfarçada por alçados, elegantemente decorados e bem inseridos na decoração da sala.

As Salas D. José I, D. João V, e dos Vice-Reis (Afonso de Albuquerque e D. João de Castro)

– Apesar de pertencerem à parte mais antiga do edifício, continuam a ser, também elas, das mais bem preservadas, se bem que apresentem nos cantos dos tetos um ligeiro distanciamento, e a talha dourada algumas fissuras, o que nos leva a voltar à questão das infiltrações, com o consequente apodrecimento dos madeiramentos afetando pinturas e gessos. Agravado pelo efeito do impacto provocado pela constante trepidação do metropolitano, e vibrações transmitidas pela circulação rodoviária, sobre as fundações do edifício.

Em termos de conteúdo expositivo é de manter, podendo-se sugerir alguma rotatividade dos objetos culturais, e também, uma iluminação mais pontual que crie uma ambiência que realce e dialogue com a talha dourada, que pela sua temática e cenografia apoteótica de clara exaltação do poder régio, embora mantendo o cariz cultural histórico-militar, também elas contam a sua história sem necessitar de grandes artificialismos tecnológicos que lhe descodifiquem o significado.

Esta salas, pela exuberância da sua decoração tardo-barroca, num primeiro impacto, deixam o visitante extasiado pelo inesperado, que apenas observa e se concentra na riqueza e detalhe decorativo dos tetos, na beleza da talha e dos seus dourados, pelo que o discurso expositivo a adotar deve ser minimalista e despojado, porque são salas que falam por si, que apenas necessitam de uma ligeira e pontual adequação da iluminação. As vitrinas parietais da Sala D. João de Castro, embora muito bem integradas na decoração, os tecidos que revestem as mesmas devem ser substituídos, porque acusam perda de cor.

Sala de Portugal – É uma sala com uma decoração em talha dourada leve e delicada, embora de temática e símbolos estritamente militares, a que se junta uma decoração azulejar monocromática constituída por troféus militares.

Tal como está atualmente organizada, confere-lhe um ar de sala de estar algo descontextualizada e mesmo confusa, não se percebendo muito bem a intenção aqui presente, porque à mistura com o mobiliário de escritório, de inícios do século XIX, se observam vitrinas com armamento do século XX, e uma eterna vitrina de parede, vazia de fundo amarelo, que é impossível ao visitante ignorar, que deveria ser tapada por painel amovível, num contínuo de parede. Ou, simplesmente ser assumida como expositor, mas não permanecer vazia pelo impacto negativo que causa no visitante, que não compreende porque é que a mesma, estando vazia se encontra iluminada.

Respeitando a própria designação desta sala, podemos considerar aqui a possibilidade de se fazer uma exposição evolutiva dos símbolos nacionais¹⁰⁰ (evolução da Bandeira de Portugal), enriquecida com parte do excelente acervo constituído por insígnias e condecorações das ordens honoríficas portuguesas (parte acondicionada em Reserva).

A manter-se atualmente tal como está, deverá no mínimo ser enquadrada. Podendo-se aqui criar um espaço expositivo de reconstituição de ambiente de escritório de inícios do século XIX mais coerente. Bastando, para o efeito, pôr-se um manequim envergando fardamento militar da época, correspondente à patente de Oficial General, sentado à secretária. Em cima da mesma, deverá estar o correspondente material de escrita, tinteiro e suporte para papel de carta (em Reserva).

Retirando-se das vitrinas o material museológico de meados e fins do século XX, como espingardas. Uma vez que, o se pretende aqui é recriar um ambiente aristocrata de trabalho de escritório do Inspetor do Arsenal Real do Exército. Que suporta bem a exposição, em vitrinas, de espadas e pistolas dos séculos XVIII-XIX que completará a decoração inserida no período histórico.

Para completar o cenário e o tornar credível, também aqui deveriam ser expostos os quadros, pintura a óleo sobre tela, de autor desconhecido, o relógio de corda do século XIX, e colocação da respectiva carpete, que decoravam o escritório do Inspetor do Arsenal Real do Exército, que aqui se pretende recriar. A temática representada nos referidos quadros prende-se com cenas representativas de batalhas. Os quadros mantêm-se no seu espaço original, onde atualmente se localiza o Gabinete do Diretor do Museu Militar de Lisboa.

Sala Europa – ou Sala das Coberturas - As vitrinas desta sala foram pensadas especificamente para exporem uma coleção de um rico e variado espólio de coberturas militares (os vulgarmente designados **capacetes**) e abrange uma janela temporal que vai de meados do século XIX a meados do século XX, que devem ser repensadas porque demasiado grandes. A coleção deverá estar mais distribuída e melhor apresentada, pois peca pelo excesso e falta de painéis de enquadramento.

Para que esta coleção faça sentido para o visitante que a observa, deve ser contextualizada e complementada com um ou outro exemplar do fardamento correspondente. Podendo-se considerar o recurso a telas parietais, com desenhos de pormenor dos fardamento, tendo como fonte

¹⁰⁰ Que já existiu no passado e vem mencionado na 6ª edição catalogo do Museu de Artilharia. Lisboa. 1913, pp 62-63.

os regulamentos dos fardamentos militares, que começaram a surgir em Portugal a partir de 1806,¹⁰¹ dando-se assim uma ideia evolutiva dos mesmos a partir dos inícios do século XIX. Alguns exemplares destas coberturas, por demasiado similares, devem ser retirados da exposição e dar-se uma maior visibilidade aos mais raros. Também aqui se deve proceder a uma maior rotatividade das peças.



Fig. 12 – Pormenores de fardamento do Exército Português em 1806
Col.: Museu Militar de Lisboa

Atendendo à sensibilidade e fragilidade do material em exposição, na sua maioria revestido com material têxtil e/ou cabedal e penachos de penas ou crina de cavalo¹⁰², a luz natural deve ser totalmente excluída e substituída por uma iluminação mais adequada ao espaço e coleção que exhibe. Realçando os objetos culturais, salientando as cores e os diferentes materiais que constituem as coberturas militares, mas ao mesmo tempo protegendo-os, com o recurso a uma iluminação fria e mais amiga dos objetos.

Sala África – Para esta sala deve ser transferido o acervo dedicado às Campanhas de Pacificação composto maioritariamente pelo espólio de Mouzinho de Albuquerque e do seu Ajudante de Campo,

¹⁰¹ Que refletem o disposto no Regulamento para o Exército Português, e suas diferentes armas, mandado elaborar e aprovado pelo Príncipe Regente, futuro D. João VI, e assinado pelo seu seu Ministro e Secretario de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, António de Araujo de Azevedo, no Palácio de Queluz, em 19 de maio de 1806.

¹⁰² A necessitarem de intervenção de limpeza porque o branco das penas, está a ficar acinzentado, e o preto de algumas das crinas, grisalho.

Sanches de Miranda. Esta sala, pelo seu pé-direito, comporta bem no seu centro o modelo em gesso da estátua equestre de Mouzinho¹⁰³. A sala deve ser contextualizada com painéis parietais, incluindo mapas cartográficos e levantamentos topográficos, complementada por painéis de enquadramento, explicando, à luz do tempo histórico em que decorreram, o que foram as Campanhas de Pacificação, e os espaços geográficos onde tiveram lugar.

Mas, também aqui, se impõe o recurso a um discurso memorativo asséptico, sem grandes exaltações pátrias de glorificação. Cada vez mais, os Museus Militares tem que ter em consideração a diversificação e heterogeneidade dos seus públicos e a sensibilidade das temáticas expostas.

Sala Ásia – Atualmente como está¹⁰⁴, não oferece grande atrativo, nem fornece qualquer leitura sobre o que foi a presença portuguesa na Ásia, nem desperta a curiosidade do visitante, que se limita a olhar e a seguir em frente. Pelo que consideramos que faria todo o sentido transpor para esta sala o acervo da **Sala Oriental**, que deverá ser devidamente enquadrado, dando maior visibilidade às peças. A luz natural lateral deve ser eliminada com recurso a painéis amovíveis, simulando um contínuo de parede. A iluminação artificial a utilizar deve ser a mais adequada à valorização e proteção da coleção.

Também devem ser transferidos para esta sala os dois enormes, e magníficos, potes de porcelana que decoram a Sala Afonso de Albuquerque, dos quais não se conhece a proveniência e período de produção¹⁰⁵, que passam despercebidos ao olhar do público. Estes deverão estar acondicionados sobre plintos devidamente protegidos por vitrinas individualizadas, com a iluminação que lhes for mais adequada.

As bases das vitrinas, atualmente utilizadas para expor as peças museológicas da Sala Oriental, foram executadas nas oficinas do Real Arsenal do Exército, e espelham bem o grau de sofisticação e excelência do trabalho executado por esses marceneiros que laboravam nas Oficinas do Arsenal. As referidas bases, estão decoradas com os símbolos em talha do Museu de Artilharia “*os dois **canhões** antigos e os **pelouros** simbolizam as espécies expostas no Museu*”, e são elas mesmas objetos culturais a que

¹⁰³ Da autoria de Simões de Almeida (sobrinho), cujo original em bronze se encontrava a ornamentar uma importante praça da cidade de Lourenço Marques (atual Maputo), Moçambique.

¹⁰⁴ Duas maquetas da cidade de Goa, de grandes dimensões, patentes no Pavilhão Português, durante a Expo’98, com um corredor central, e duas vitrinas, pouco atrativas.

¹⁰⁵ Não foram ainda devidamente estudados.

deve ser dada maior visibilidade, e serem enquadradas e valorizadas, porque objetos culturais únicos¹⁰⁶.

O acervo desta sala, pela sua importância histórica, e porque reflete a universalidade do espírito português na divulgação e partilha de conhecimento, mas também do espírito multicultural, capacidade criativa e sentido estético, não só do povo oriental, no geral, como do asiático, na assimilação dessa partilha tecnológica e cultural, da sua adaptação e integração aos seus próprios valores e gostos. Refletem um gosto pelo luxo, com a introdução de pormenores de valorização estética e artística, verificável nos materiais aplicados e na ornamentação da arma de fogo e armas brancas, como se de verdadeiras joias se tratassem. Que não dispensa o recurso às técnicas e materiais utilizados na joalharia mais refinada, e de um sofisticado trabalho de marchetaria que inclui a incorporação de materiais de metal dourado (ouro), prateado (prata), marfim e madrepérola, e diversa pedraria semipreciosa e preciosa.

Lembramos, que o acervo que compõe a coleção da Sala Oriental, apresenta peças museológicas de diversas proveniências, cobrindo objetos tão diferenciados que abrangem desde partes soltas de armaduras indianas, a lanças, espingardas e adagas de grande valor material e imaterial. Mas a peça central, a nosso ver, à qual deve ser dado maior destaque, porque elucidativa do multiculturalismo nacional, é um obús de fabrico português do século XVII, do grande e excecional fundidor Bartolomeu da Costa, montado em reparo chinês de madeira policromada proveniente de Macau, e que deveria estar em lugar central sobre um plinto mais elevado e protegido por vitrina própria, com uma iluminação que realce os magníficos matizes cromáticos do reparo.



Fig.13 - Obús montado em reparo chinês
Época: Século XVIII (1773)
Calibre: 15 cm
Dimensões: 30x40x64cm
Fundidor: T/Cor Bartolomeu da Costa
Col.: Museu Militar de Lisboa

¹⁰⁶ Datam de meados do século XIX e servem de testemunho do tipo trabalho, de marcenaria fina, minuciosa e sofisticada, que se produzia nas oficinas do Arsenal Real do Exército.

Sala América ou Sala das Miniaturas – Esta continua a ser uma sala de grande interesse porque apresenta trabalhos de grande minúcia, elaborados à escala e **perfeitamente funcionais/operacionais**, que espelham o elevado grau de exigência e minúcia das provas realizadas pelos candidatos a oficial ou mestre, prova esta que lhes dava a capacitação profissional para o exigente exercício da função no Arsenal Real do Exército.

Algumas peças desta coleção podem ser integradas na exposição dedicada aos Engenheiros militares, que se pretende organizar nas Caves Manuelinas, Cobia número quadro, como atrás referido.

Devendo-se proceder a uma separação criteriosa entre o que é efetivamente resultado dos exames de passagem de operário especializado a oficial ou a mestre, da coleção de miniaturas adquiridas a particular¹⁰⁷, pondo-se a primeira em evidência, porque enquadrada no espírito que presidiu à organização expositiva desta sala. A coleção adquirida a particular deve ser exibida em expositor separado e a sua proveniência estar claramente identificada.



Fig. 14 - Pormenor da Sala das Miniaturas
Col.: Museu Militar de Lisboa

¹⁰⁷ Coleção composta por 47 miniaturas de bocas-de-fogo, do Séc. XV ao Séc. XX, adquiridas em 1952, pelo Museu Militar, ao Tenente Engenheiro António Campelo pelo valor de 50.000\$00, pagas em duas prestações de 25.000\$00 cada. Para introduzir esta coleção foi elaborado um interessante, mas pequeno Catálogo dos Modelos. *Evolução da Boca de Fogo através dos Séculos*. Apresentado pelo Eng. António Campello, de 1320 a 1949. Lisboa 1951. Recentemene descoberto, entre outra documentação, nas Reservas deste Museu.

A Sala das Lutas Liberais – A esta pequena sala pretende-se dar outra visibilidade, começando pelo painel de enquadramento da mesma, explicando sucintamente o foram as Lutas Liberais e qual o seu impacto social e político-cultural e mesmo militar para o Portugal do Século XIX. Esta é uma das salas temáticas que oferece pouca possibilidade de mudança pela pintura parietal alegórico-política das Campanhas, de glorificação dos vencedores e dos seus ideais Liberais.



Fig. 15 - Pátria coroando os seus heróis
Suporte: óleo sobre tela
Autor: Veloso Salgado
Dimensões: Comp.: 7,60m x Alt.: 3,00m
Data: 1904
Col.: Museu Militar de Lisboa

As vitrinas devem ser repensadas, e substituídas por outras mais pequenas, que permitam a exposição apenas de algumas peças mais emblemáticas, até pela proveniência das mesmas, como o Bastão de comando do Marechal Duque de Saldanha ou a espada de D. Pedro IV, dispondo as mesmas de forma mais atrativa, destacando-as. As pinturas, pela própria cenografia que dão ao espaço, devem também elas ser realçadas e, simultaneamente, protegidas, com recurso a iluminação que mais se adequar à coleção.

À estátua em bronze de D. Pedro IV, porque figura central da implantação do Liberalismo em Portugal, deve ser dada um lugar mais central e elevado, podendo-se também aqui recorrer a um plinto mais elegante e harmonioso. E, porque peça tridimensional, oferece a possibilidade de se explorar o diálogo que se estabelece entre a luz e a sombra, permitindo obter uma leitura da firmeza e consciência de si mesmo, que emanam do rosto e postura corporal dada a D. Pedro IV. Este jogo de luz e sombra, deve também ser aplicado às restantes peças escultóricas, que devem estar devidamente identificadas e contextualizadas (modelo em gesso do Marechal Duque da Terceira, busto em mármore do Marquês de Sá da Bandeira¹⁰⁸).

¹⁰⁸ Executado e oferecido ao Museu de Artilharia pela 3ª Duquesa de Palmela, D. Maria Luisa de Sousa Holstein.

Sala Camões – Sala de grandes dimensões, que oferece ao visitante uma cenografia sofisticada, mas algo pesada, onde foi utilizada a técnica da pintura em escaiola, fingindo o mármore, em paredes e nas duas colunas coríntias que a compõem. O teto foi decorado por Domingos da Costa que recorreu à técnica de *Trompe-l'oeil*, que provoca no observador a ilusão ótica, confundindo-o, pensando tratar-se de relevo em gesso e não de pintura sobre gesso.

As paredes estão preenchidas com telas da autoria de Columbano, Condeixa e José Mergulhão, enquadradas por poemas retirados dos *Lusíadas*, que ilustram a temática da morte de Inês de Castro, o episódio do Velho do Restelo, passando pelo Concílio dos Deuses, ao drama do Adamastor, e naufrágio de algumas embarcações. Também, nesta sala, se mantém a questão da degradação a nível dos tetos e paredes, provocada por infiltrações através das clarabóias, atingindo principalmente os cantos da sala, compostos por figuras alegóricas de alto relevo, em gesso, e que embora se mantenham estáveis de há dois anos para cá, estão em situação de grande fragilidade.

Foram executadas obras de intervenção, a nível dos telhados, que parecem ter resultado, embora a sua manutenção deva ser rigorosamente monitorizada. Há também a nível geral da sala pequenas intervenções que deveriam ser executadas, porque interferem com o olhar e interação com a fruição e deleite do visitante, como:

- Trabalhos artísticos em gesso que se vão soltando
- Letras dos poemas camonianos que vão caindo.



Fig. 16 - Pormenor da Sala Camões
Col.: Museu Militar de Lisboa

Nesta sala a iluminação natural, zenital dada pelas clarabóias, e lateral dada pelas janelas de vidro fosco, é excessiva. Devendo a lateral ser eliminada pela colocação de painéis amovíveis, e a zenital reduzida. Aconselhando-se a colocação de filtros de proteção anti UV e IV. A iluminação artificial, dada por lâmpadas fluorescentes tubulares, deve ser substituída. As vitrinas estão bem enquadradas no espaço, devendo a sanca que bloqueia o olhar e impede a total transparência das mesmas, ser eliminada.

Sala da Restauração – Acede-se a esta sala através de uma pequena e elegante, mas íngreme escada. A súbita elevação do nível desta sala em relação às restantes, foi o artifício utilizado pelo responsável da obra para solucionar o facto de a mesma se localizar sobre o arco da porta que dá para o lado nascente do edifício, com entrada direta no Pátio dos Canhões, e cuja altura excede o pavimento do primeiro piso.

É uma sala de exaltação memorativa, mas seletiva, dos heróis da Restauração. Também aqui, a forma encontrada para contar a história da Restauração foi a de cenografar o espaço contando a história através da pintura.

Na única vitrina que se encontra nesta sala, estão espadas, punhais e partes de armaduras da época histórica representada. Falta, no entanto, folha de sala, ou painel de enquadramento que introduza o visitante este episódio histórico.

A iluminação é na sua maior parte natural zenital dada por clarabóia, e está adequada ao espaço, no entanto deveriam ser colocados filtros protetores contra os efeitos negativos dos raios UV e IV. As infiltrações devem ser cuidadosamente monitorizadas.

Convém também dar a esta sala alguma atenção, a pintura de corpo inteiro de D. Luísa de Gusmão¹⁰⁹ e parede adjacente, que apresenta já algumas escorrências, sinal evidente das infiltrações dos anos transatos. As pinturas do teto, compostas por motivos vegetalistas, foram pintados por João Vaz, e apresentam alguns pequenos rasgos.

Sala infante D. Henrique – É uma sala imponente, a que se acede, vindos da Sala da Restauração, descendo uma pequena e íngreme escada. Em termos cenográficos, nota-se a clara opção por se manter a mesma linha decorativa, monumental, utilizada na Sala Camões, com recurso à técnica da pintura em escaiola, fingindo o mármore, em paredes e nas duas colunas coríntias que decoram o espaço. O teto foi também ele decorado por Domingos da Costa, que também aqui recorreu à técnica de *Trompe-l'oeil*.

Ainda no cimo da escada, o visitante fixa o olhar na enorme tela pintada a óleo, que decora a parede do fundo da sala, enquadrando a porta, da autoria de José Malhóia, e que transporta o visitante para

¹⁰⁹ Que teve uma intervenção de limpeza e conservação em 2006 (obra de mecenato do Instituto Técnico de Alimentação Humana, ITAU, S.A.)

o sonho visionário da aventura das Descobertas, de um mítico Infante D. Henrique sentado num rochedo no promontório em Sagres.

As vitrinas desta sala, embora demasiado grandes e pesadas, estão bem enquadradas no espaço. A luz natural lateral podia perfeitamente ser eliminada e a zenital dada pelas clarabóias deveria ser reduzida e serem colocados filtros protetores contra os raios UV e IV.

A decoração parietal é toda ela dada por pinturas a óleo sobre tela, de grandes dimensões, da autoria de José Malhóa, que também ele vai recorrer ao imaginário camoniano como fonte de inspiração, e que em seis grandes telas trata temas tão diferentes, embora, praticamente, todos eles relacionados com a expansão ultramarina, como a Ilha dos Amores, receção de Vasco da Gama ao Samorim, Retrato de Camões, de corpo inteiro, Vasco da Gama a reportar ao rei D.Manuel I a odisseia da descoberta do caminho marítimo para a Índia. As telas estão contextualizadas por poemas retirados dos Lusíadas. Aparecendo aqui a tela dedicada ao episódio de Egas Moniz que se apresenta perante o rei de Castela, algo desenquadrada, porque deslocada no tempo histórico e temática da sala.

Ao montante de duas mãos, de folha larga ondeada, cópia do atribuído a D. Henrique¹¹⁰, deve ser dada maior visibilidade¹¹¹, com uma iluminação que melhor se adapte, e o interior da vitrina, revestido a tecido que faça emergir o único objeto que exhibe.

Também aqui os resultados das infiltrações são evidentes, requerendo já uma intervenção mais profunda e especializada, porque interfere com o olhar e deleite do visitante.

(Sala Oriental) - Sala das Caricaturas— É uma sala, cuja estilística decorativa marca um claro contraste quer com a sala anterior, bem como com todas as restantes que compõem o circuito expositivo deste Museu Militar. A sua decoração remete-nos para o estilo império, fazendo lembrar uma pequena sala de um qualquer palácio.

A coleção que, aqui se pretende expor, consta de uma lindíssima e única coleção,¹¹² de caricaturas dos fardamentos militares, através do tempo, em cerâmica, pintadas à mão, composta por 54 peças,

¹¹⁰ Cujo original se encontra no Museu de Marinha.

¹¹¹ Atualmente encontra-se sem qualquer tipo de iluminação.

¹¹² Que curiosamente nunca terá sido exposta neste Museu, mas com grande frequência, cedida por empréstimo a outras instituições, para constar em exposições.

da autoria o mestre Carlos Gonçalves, com cerca de 60 cm de altura cada, executada entre 1976 – 1979, e que reflete de forma humorística a evolução dos fardamentos militares portugueses, do séc. XII a inícios do século XX¹¹³. Atualmente em Reserva.

Fig. 17, 18 e 19 - Pormenores da coleção de caricaturas de Fardamentos Militares Portugueses
Escultor: Mestre Carlos Gonçalves
Técnica: Moldagem e pintura sobre cerâmica
Alt.: 60cm
Data de execução: 1976-1979
Col.: Museu Militar de Lisboa



Nº Inv. MM001975



Nº Inv. MM001987



Nº Inv. MM002006

Para o efeito deveriam ser pensadas vitrinas adaptadas à coleção, as prateleiras devem ser em vidro suportadas por cabos extensores em aço, o que permitiria uma maior visibilidade da peças, e uma observação mais detalhada das mesmas. Ao Designer de Comunicação caberá a tarefa de sugerir o projeto expositivo que melhor valorize e comunique esta excelente, única e curiosa coleção.

Podendo, no entanto desde já ser sugerido, que as paredes fossem revestidas com painéis, amovíveis, permitindo a colocação de telas com reproduções da coleção de postais humorísticos do excelente e completo Álbum do MML, com que se decorariam as paredes, completando a decoração da sala.

Para melhor realçar os pormenores desta coleção, tais como pormenores de execução e matizes cromáticos, deve ser dada especial atenção à iluminação a utilizar. A luz natural, vinda da janela lateral, deve ser eliminada.

Desta coleção, é de todo pertinente, até por uma questão de preservação e documentação da mesma, a elaboração de um catálogo, a ser posto à venda na loja do Museu.

¹¹³ Esta coleção integrou o acervo museológico do MML em 10 de outubro de 1979, e foi adquirida ao Dr. Pedro Manuel Prata Veiga dos Santos, pelo valor de 100.000\$00, conforme consta nos autos de receção e respetivo processo.

Saindo desta última sala, descendo a escada que conduz diretamente ao Pátio dos Canhões, o visitante poderá dirigir-se à Cafetaria do Museu, que ocuparia o espaço onde atualmente se encontram localizados o armazém de material de escritório, os Serviços de Apoio e Gabinete do Chefe dos Serviços de Apoio que seriam reconvertidos para, em sua substituição, surgirem uma Cafetaria e Sanitários públicos (ampliando-se e adaptando-se os já existentes, que servem o pessoal do Serviço de Apoio do Museu). Tal como já referido.

O Pátio dos Canhões - A coleção de artilharia histórica, das mais completas do mundo, de que se tem conhecimento, e que compõe a exposição a céu aberto, é complementada pela coleção de Azulejos monocromáticos de meados do século XX (1944), da autoria do Coronel Victória Pereira, que nos conta em vinte e sete painéis de azulejos, os episódios mais marcantes da história militar de Portugal, ocorridos entre 1139 a 1918.

A encimar os vinte e sete painéis, atrás referidos, encontram-se 20 medalhões, também em azulejo, com as figuras históricas que mais se destacaram dentro de cada momento histórico a que os painéis aludem, permitindo ao visitante vislumbrar oito séculos de História nacional.

Para proteger estas duas coleções, deve-se pensar na reposição de uma cobertura, em acrílico ou vidro com tratamento de proteção UV e IV suportada por estrutura metálica, de *design* leve e adaptado à arquitetura do edifício. O que permitiria não só proteger ambas as coleções, azulejar e artilharia histórica, da incidência direta dos efeitos nocivos dos raios solares como da ação corrosiva da chuva. Mas, permitiria também proteger a circulação do público, tanto da chuva como do sol excessivo.

Podendo-se, aqui considerar a criação de pequeno espaço ajardinado, no centro do Pátio dos Canhões¹¹⁴, destinado a um momento pausa para um café e apreciar as coleções na envolvente. Este espaço estaria equipado com algumas mesas e cadeiras de jardim, de apoio à Cafetaria, e estaria coberto e protegido por pérgula, que poderia ser, também ela, coberta por vidro ou acrílico com proteção contra os raios UV e IV. A saída do Museu Militar, seria feita sempre pela loja do Museu Militar de Lisboa, também ela modernizada e mais convidativa a que se adquirissem objetos diversos como cópias ou reproduções de diverso material, livros, faianças, e todo um outro tipo de material apelativo que aí poderia estar à consignação.

¹¹⁴ Que já aí existiu no passado.

Conclusão

Embora o Museu Militar de Lisboa apresente uma cenografia expositiva que parece atravessar o tempo, praticamente inalterada, paradoxalmente, e de forma geral, este Museu é referenciado como apaixonante e muito pedagógico. Como “*um Museu que vale bem a pena visitar*”, como sendo espantoso e de uma riqueza decorativa verdadeiramente inesperada, também, descrito como “*uma agradável surpresa*”, lamentando a falta de visibilidade e divulgação deste Museu, quer em sítios turísticos ou roteiros quer em programas culturais da cidade.

No entanto, parece-me é de salientar que o Museu Militar de Lisboa, aparece bastante bem referenciado¹¹⁵, podendo-se concluir que o que falta ao Museu Militar de Lisboa é um melhor aproveitamento das potencialidades que lhe podem ser proporcionadas pela sua localização, pelos novos meios de comunicação tecnológicos e audiovisuais e o recurso a uma iluminação mais cenográfica de valorização dos espaços e dos objetos culturais. Considero de grande importância uma melhor sinalização dos percursos, serviços, e saídas de emergência.

Por outro lado, e como já referido, o MML tem vivido, nos últimos anos, voltado sobre si mesmo, alheado das novas tendências e dinâmicas que têm vindo a atingir o mundo dos Museus, constatáveis em novas formas Museográficas, com a chegada, ao mundo da museologia, de novos atores como Designers de comunicação, Gestores Culturais, entre outros. Estas tendências não podem continuar a ser ignoradas e estar ausentes no Museu Militar de Lisboa.

Estou certa que o enfraquecimento do Museu Militar de Lisboa tem sido, em larga medida, a falta de projetos de médio e longo prazo, bem como de autonomia logístico-financeira e a falta de um quadro de pessoal credenciado e tecnicamente preparado, que assegurem a continuidade dos projetos elaborados e o respeito pelos protocolos estabelecidos.

Quanto aos militares contratados, oficiais subalternos e praças, considero que é efetivamente necessário terem um elevado sentido de missão e contribuirem, de forma ativa, para o delinear de programas, que dificilmente verão ser implementados, sendo certo que, logo terminem os seus contratos, terão de ceder lugar a outros, levando consigo todo um conhecimento e experiência acumulados, o que, só por si,

¹¹⁵ Em sítios da Internet como o portal de viagens do *TripAdvisor* ou Museus Militares do mundo.

deixa pouca margem à criatividade, ao empenho e ao envolvimento em qualquer projeto de futuro, comprometendo, desde logo, possíveis metas e objetivos a atingir, fragilizando esta instituição.

Evidenciou-se, também, a necessidade de um renovar de mentalidades, e de um novo olhar sobre a gestão do património material e imaterial, que, sendo valiosíssimo, necessita de ser mais valorizado, preservado, estudado e divulgado, para usufruto de todos e prestígio desta instituição, na medida em que o MML é a face mais visível do Exército. Essa visibilidade e proximidade é mais evidente, porque está em contato direto com a sociedade civil, sendo extremamente importante, também neste aspeto, que o Exército dedique uma maior atenção a este Museu.

No entanto, lembramos da necessidade de se acautelar o risco da tentação de se incorrer numa “*politização*” e mesmo na “*mercadorização*” da História e Cultura Militar, o que torna cada vez mais urgente e necessária a constituição, e preenchimento, de um Quadro Orgânico, presidido por um comité constituído por um ou dois Generais na reserva ou mesmo na reforma, assessorado por uma equipa técnica civil¹¹⁶ especializada e multidisciplinar, que não esteja sujeita à normal rigidez hierárquica de comando, que caracteriza a estrutura militar.

Esta equipa multidisciplinar, especialmente vocacionada para a gestão e desenvolvimento de projetos culturais, dirigidos à exploração de um nicho de mercado, tão específico, como o do Turismo Cultural Histórico Militar, tratando simultaneamente do estudo, reabilitação e preservação e divulgação do acervo militar com potencial museológico, deverá atuar em estreita colaboração com entidades militares e civis, salvaguardando e preservando o supremo interesse do Exército.

Parece-me também, que é necessário um maior envolvimento de todos os Museus Militares que integram a Rede dos Museus Militares do Exército, não apenas nas exposições temporárias e empréstimos de objetos culturais (entre instituições da mesma Rede), mas também na partilha de experiências, no delinear de projetos científico-culturais alargados, comuns, e pré-programados, de curto e médio, mas também de longo prazo. Tal só possível pela existência de uma equipa multidisciplinar comum, partilhada, de apoio aos Museus Militares que compõem a Rede do Museus Militares do Exército, que, estou certa, em muito poderia contribuir para enriquecer as atividades desenvolvidas por estes Órgãos militares, e unir em termos de objetivos a alcançar, com claros reflexos na qualidade, divulgação e riqueza das exposições ou de outros eventos culturais organizados ou a

¹¹⁶ É de referir que esta é a organização prevalecente na maioria dos Museus Militares, dependentes de Ministérios da Defesa ou dos Exércitos, e que podemos encontrar refletidos no ICOMAM.

organizar, tanto em termos científicos do seu discurso expositivo, como na qualidade dos bens culturais expostos.

Acima de tudo, o Exército tem sabido preservar e transmitir, aos seus diferentes públicos, a forte componente pedagógica histórico militar, baseada nos valores históricos nacionais, em geral e, do Exército em particular, e no exemplo dos seus maiores.

Bibliografia Específica

Direção de História e Cultura Militar. *Regulamento Interno do Museu Militar de Lisboa*. Maio.2011.

Direção de História e Cultura Militar. *Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército*. Lisboa. Outubro 2009.

Legislação

- Decreto nº 45 327, Diário do Governo Nº 251, I.ª Série, de 25 de Outubro de 1963.
- Lei nº 47/2004. Diário da República Nº 195, I.ª Série-A, de 19 de Agosto.
- Lei nº 107/2001, Diário da República Nº 209, I.ª Série-A, de 8 de Setembro.
- Lei nº 5/2006, Diário da República Nº 39, I.ª Série-A, de 23 de Fevereiro.
- Lei nº 42/2006, Diário da República Nº 164, I.ª Série-A, de 25 de Agosto.
- Decreto-Lei nº 123/97, Diário da República Nº 118, I.ª Série-A, de 22 de Maio.
- Decreto-Lei nº 163/2006, Diário da República Nº 152, I.ª Série, de 8 de Agosto.
- Decreto-Lei nº 186/2014, Diário da República Nº 250, I.ª Série, de 29 de dezembro de 2014.
- Decreto Regulamentar n.º 11/2015, Diário da República Nº 148, I.ª Série, de 31 de julho de 2015.

Bibliografia geral

BRÉBISSE, Guy de – Le mécénat, que sais-je? Paris, Presses Universitaires de France, 2ª edição, 1993.

Cândido, Manuelina Maria Duarte. Cartas de Navegação: planeamento museológico em mar revolto. Cadernos de Sociomuseologia – 4-2014 (vol 48), pp 35-55.

Coordenação e Redação da EXPOMUS – *Exposições, Museus, Projetos Culturais. Plano Museológico*. Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Governo de São Paulo. Brasil. s/d.

DICIONÁRIO DA HISTÓRIA DE LISBOA, Dir. Francisco Santana e Eduardo Sucena. Ed. 1994. Lisboa, pág. 499.

FERREIRA, Ana Margarida Serra. Porquê Conservar o Património Cultural? Um percurso pelas relações entre memória, identidade e desenvolvimento. Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias, pp 83-87. Tondela, de 29 a 31 de Outubro de 1993

FRANÇA, José-Augusto. *Museu Militar. Pintura e Escultura*. Produção da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa. 1996.

GOFF, Jacques Le. *Memória e História*. Enciclopédia Einaudi. Vol. I. pp 11-50. s/d.

HERNÁNDEZ, Josep Ballart; TRESSERRAS, Jordi Juan i – Gestión del patrimonio cultural, Barcelona, Ariel Patrimonio, 2001.

ICOM. Direção de André Desvallées e François Mairesse. *Conceitos-chave da Museologia*. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo. Brasil. 2013.

ICOM. *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. Editor e Coord. Patrick J. Boylan. Paris. 2004.

INSTITUTO para a Qualidade na Formação - *A Preservação, Conservação e Valorização do Património Cultural em Portugal*. Coleção Estudos Sectoriais (31). Lisboa, Abril 2006.

IZQUIERDO, Carmen Camarero; SAMANIEGO, María José Garrido – Marketing del patrimonio cultural, Madrid, Ediciones Pirámide, 2004.

Jornadas sobre a Função Social do Museu. Textos e Conclusões. Vila Franca de Xira, 10-12 de Junho de 1988.

LAMEIRAS-CAMPAGNOLO, Maria Olímpia, CAMPAGNOLO, Henry. *Um exemplo de «linguagem mista». A Linguagem museal*. Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias, pp 47-52. Tondela, de 29 a 31 de Outubro de 1993.

LEITE, Ana Cristina. Câmara Municipal de Lisboa. *Museu da Cidade. Um Museu Para Lisboa. Projecto de Requalificação e Valorização do Museu da Cidade*. Pelouro da Cultura / D.M.C./D.P.C. / D.M.P. Junho. 2010.

KOTLER Neil; KOTLER Philip – Estrategias y marketing de museos, 2ª edição, Barcelona, Ariel Patrimonio, 2008.

LÓPEZ, Jesús Mejías – Estructuras y principios de gestión del patrimonio cultural municipal, Gijón, Ediciones Trea, 2008.

LORD, Barry; LORD, Gail Dexter Lord – Manual de gestión de museos, Barcelona, Ariel Patrimonio Histórico, 1998.

MOORE, Kevin – La gestión del museo, Madrid, Artes Gráficas Noega, 1998.

Museum, Vol. XXXI, nº 22, 1979. Programmation pour les musées.

RENDEIRO, Humberto – “*Gestão de Museus: caminhos para a auto-sustentabilidade*”. ICOM.PT, Série II, nº13, (Jun-Ago 11), 2011, pp. 2-10.

Report on the 2011 ICOMAM Congress (21-23 September). Graz. Austria. Does the war belonging in Museums? The representation of violence in exhibitions. Texts and conclusions.

RICO, Juan Carlos. *Dossier Metodológico. Montaje de exposiciones*. Edicion Direccion General de Universidades de la Consejería de Innovacion, Ciencia Y Empresa de la Junta de Andalucia. 2011.

RODRIGUES, Francisco Amado. TEIXEIRA, Mariana Jacob. *MUSEUS MILITARES DO EXÉRCITO. Um modelo de gestão em rede*. Edições Colibri. Lisboa, Dezembro de 2012.

s/a. *Anuário do Museu Militar de Lisboa*. Edição do Museu Militar de Lisboa, Lisboa, 2011.

s/a. Catálogo. *BUSTOS E BAIXO-RELEVOS NA ESCULTURA DO MUSEU MILITAR*.. Edição Museu Militar. Lisboa. Junho. 1999

s/a. Catálogo. *UMA INCURSÃO NAS RESERVAS DO MUSEU MILITAR*. COMEMORAÇÕES DO DIA FESTIVO DO MUSEU MILITAR.. Edição do Museu Militar. Lisboa. Dezembro.2000.

s/a. *Catálogo do Museu Militar de Lisboa (Antigo Museu de Artilharia)*. Tip. de "O Sport de Lisboa", 10ª Edição, 1930.

s/a. Guia da Artilharia Histórica. Edição do Museu Militar. Lisboa. 1979.

s/a. *MUSEU MILITAR DE LISBOA*. Edição do Estado-Maior-Exército. Lisboa. 1996.

THOMSON, Garry. *The Museum Environment*. 2ª Edição. Londres. 1986.

VVAA. ICOMAM. *Challenges and Choices in a Changing World*. Actas da ICOMAM CONFERENCE. Vienna. 2007

Dissertações consultadas

BAIÃO, Joana Margarida Gregório. *Museus de Museus. Uma Reflexão. Proposta para uma definição*. Dissertação de Mestrado em Museologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Fevereiro. 2009.

CORREIA, Maria Teresa Rodrigues, de Almeida. *A Génese de Um Museu: DO ARSENAL REAL DO EXÉRCITO AO MUSEU DE ARTILHARIA*. Universidade Nova de Lisboa. Departamento de Antropologia. Dissertação de Mestrado de Museologia e Património. Lisboa. 2002.

GASPAR, Sónia Filipa da Silva. *Museu Nacional do Traje. Reflexões e Contributos para a Elaboração do Programa Museológico*. Dissertação de Mestrado em Museologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Setembro. 2010.

GUEDES, Isabel Maria Teixeira Faria de Ferreira. *O Museu de S. Roque no Limiar do Século XXI: Nova Reprogramação Museológica*. Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas Artes. Dissertação de Mestrado em Mestrado em Museologia e Museografia. 2006.

JACOB, Mariana Teixeira. *A Natureza e Gestão das Coleções dos Museus Militares na Dependência da Direcção de História e Cultura Militar (Exército)*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Dissertação de Mestrado em Museologia. Setembro de 2011.

MARECOS, Carla Teresa Silvestre Lopes. *O Conceito de Marketing Cultural Aplicado à Museologia Contemporânea em Portugal*. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Instituto de História de Arte. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro. Lisboa. 2009.

RODRIGUES, Francisco António Amado. *UMA NOVA REDE DE MUSEUS PARA O EXÉRCITO PORTUGUÊS*. Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas Artes. Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia. Junho de 2005.

Webgrafia

Biblioteca do Exército / Localização

<http://www.exercito.pt/sites/BiBlEx/PublishingImages/LocBibExEntrada.jpg> (para localizar e visualizar os acessos à mesma) - consultado em 27 de Fevereiro de 2015.

Definição de “Tercena”

www.priberam.pt/dlpo/tercena (consultado em 17 de Fevereiro de 2015).

Iluminação em Museus e Galerias de Arte

<http://angelaabdalla.blogspot.pt/search/label/dramaticidade> (consultado em 18 de Março de 2015)

<http://www.vistaverde.pt/museu-e-galeria/> (consultado em 18 de Março de 2015)

NETO, Napoleão Ferreira da Silva. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Ética Profissional e Cidadania*.

http://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2014/04/CON_ETICA_CIDADANIA.pdf.

Acedido em 25 de Maio de 2014.

Modernização do Exército Português

<http://cehc.iscte-iul.pt/index.php/pt/investigacao/projetos/projetos-em-curso/138-o-corpo-do-estado-maior-do-exercito-portugues-apogeu-e-queda> (consultado em 22 de outubro de 2015).

Portugal na II Grande Guerra

<http://historia-dos-tempos.blogspot.pt/2009/12/acoress-na-segunda-guerra-mundial.html> (consultado em 22 de outubro de 2015).

<http://timor2guerramundial.net/2012/02/08/a-ocupacao-japonesa-de-timor/> (consultado em 22 de outubro 2015).

ANEXOS



Fotografia aérea de Lisboa com os limites do Museu Militar de Lisboa

Localização:

Rua do Museu da Artilharia, S/N;
Largo do Museu de Artilharia, S/N;
Largo dos Caminhos de Ferro, S/N;
Rua Teixeira Lopes, S/N
Lisboa
Freguesia: Santa Maria Maior
Coordenadas: 38°42'47.13" N, 9° 7' 28.24" W

Contactos: Tel.: (+351) 218 84 23 00 | Fax: (+351) 218 842 516

E-mail: musmillisboamail@exercito.pt

Horário de Abertura: terça-feira a sexta-feira, das: 10H00 às 17H00
Sábados e domingos, das: 10H00 às 12H30
13H45 às 17H00

Entrada Livre: 1º domingo de cada mês

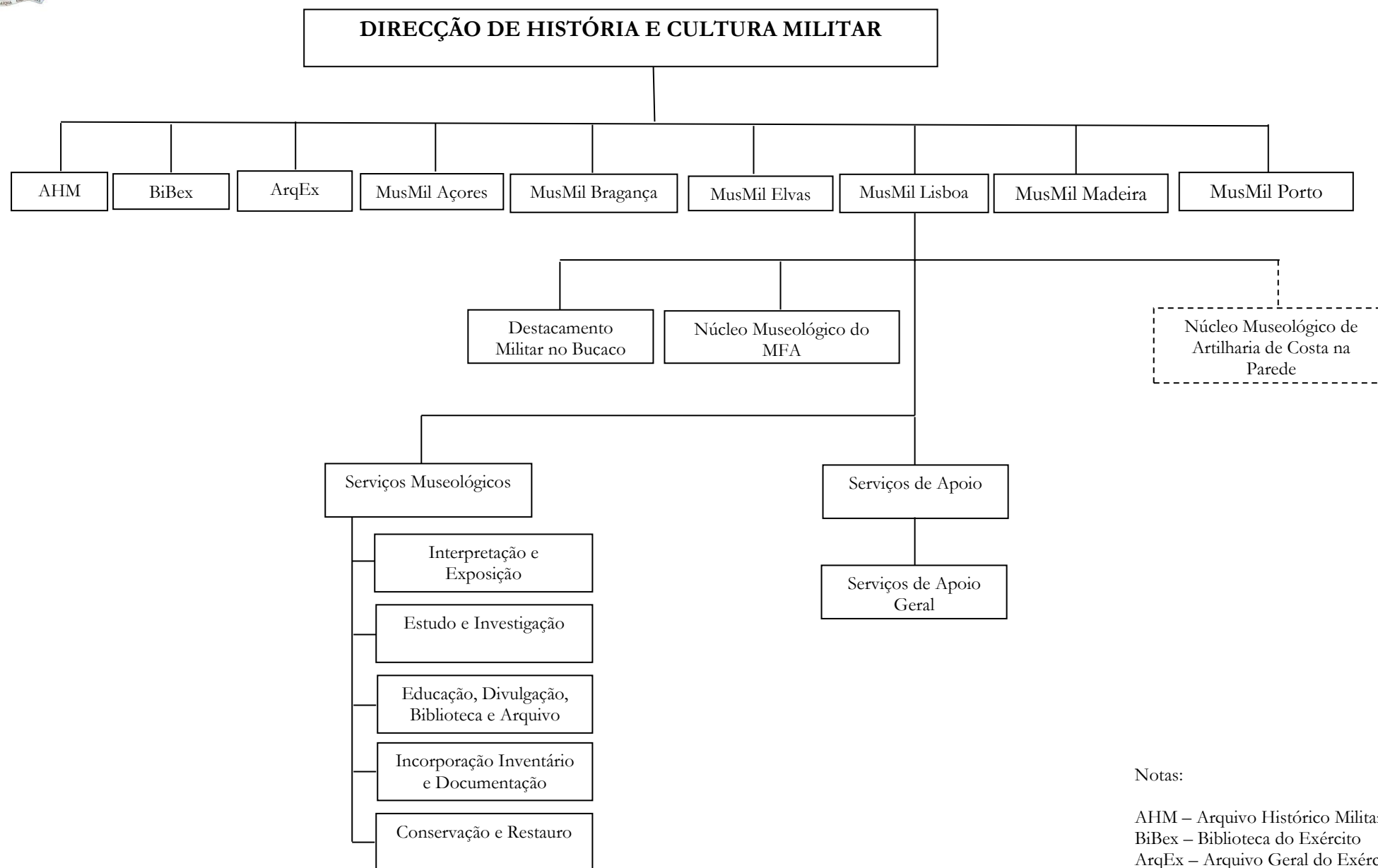
Encerrado: 2ªs e Feriados

Acessibilidades:

Comboio – Sta. Apolónia
Metropolitano – Linha Azul
Autocarros nº 35, 12, 724
Não dispõe de estacionamento para visitantes



DEPENDENCIA ORGANICA E ESTRUTURA DO MML



Notas:

AHM – Arquivo Histórico Militar
BiBex – Biblioteca do Exército
ArqEx – Arquivo Geral do Exército

Qualidade do ar

A Câmara Municipal de Lisboa tem demonstrado uma forte preocupação com a qualidade do ar da cidade de Lisboa, e muito em particular das zonas históricas, extremamente sensíveis como a Baixa de Lisboa e zonas ribeirinhas.

Assim, desenvolveu vários estudos prévios: o Estudo Prévio do Terreiro do Paço/Praça do Comércio, e o novo conceito de circulação para a Frente do Tejo, entre Santa Apolónia e o Cais do Sodré¹.

Estes estudos prévios tiveram por base a preocupação com a criação de um espaço de excelência entre Santa Apolónia e o Cais do Sodré, que permitisse aproveitar e desenvolver um novo espaço de lazer com usufruto da margem do Tejo para, não só dos habitantes locais, mas também dos turistas que visitam a cidade.

A estratégia adotada, e implementada durante as obras que decorreram na Avenida da Ribeira das Naus, foi a redução significativa do tráfego automóvel, a redução de velocidade do trânsito local, e uma programação criteriosa do trânsito, que permitiram a elaboração de um estudo de impacto, a nível de melhorias ambientais. Em simultâneo, em quanto decorriam as obras, foi elaborado um inquérito junto dos residentes, utentes, e comércio local, para uma primeira análise e avaliação do impacto das medidas adotadas.

Conclui-se que estas medidas beneficiaram o espaço público, tornando-o mais seguro para os peões, bem como beneficiaram a qualidade do ar, com claros reflexos ao nível do ruído local.

Prevê-se que estas medidas, a breve trecho, possam ser alargadas e aplicadas aos espaços entre Santa Apolónia e o Cais do Sodré, que se esperam ser de excelência, pelo forte potencial cultural e turístico que apresentam, até porque são espaços que, em termos de transportes públicos, estão muito bem servidos.

Não foram encontradas medições disponíveis de poluentes na zona de Sta. Apolónia. Os poluentes ambientais têm um forte impacto sobre a conservação preventiva dos diferentes materiais.

¹ Câmara Municipal de Lisboa, Proposta N.º 477/2009, de 14 de maio de 2009

Os Serviços Educativos do Museu Militar de Lisboa

Os Serviços Educativos do Museu Militar de Lisboa, no presente, e por falta de pessoal, faz apenas as visitas acompanhadas tanto às Escolas que nos procuram, e durante as quais os professores, procuram ilustrar com os objetos culturais, de forma complementar com os programas escolares de uma forma mais viva e interativa dos momentos da História de Portugal e seus Heróis.

O Projeto “A Minha Escola Adota um Museu” tem sido desenvolvido pela LAMM¹, apoiada pelo Museu Militar de Lisboa, junto da Escola EB 2.3. de Rio Maior, que manifestou particular interesse, e que dentro das suas possibilidades tem mantido um contato bastante próximo com o Museu Militar de Lisboa.

O Projeto da criação da Unidades de Cadetes do Exército foi desenvolvido pela LAMM, e tem como Comandante do Corpo de Cadetes, a nível nacional, o Diretor do Museu Militar de Lisboa. Surge na sequência do projeto “A minha Escola adota um Museu”, e funciona, como, mais um clube dentro da escola, um pouco na linha dos clubes de Ciência ou de Matemática. Este projeto desenvolve uma ação educativa em áreas como Cidadania, História e Cultura Militar e Valores dos Símbolos Nacionais. Todos os anos terminam com a apresentação ao Público de uma exposição com os trabalhos desenvolvidos, que no Ano de 2014 decorreu na Base Naval do Alfeite, em conjunto com os Cadetes do Mar, e que culminou com uma exposição desses mesmos trabalhos.

Mas, porque no ano de 2014, os heróis e temáticas selecionadas e desenvolvidas pelos próprios alunos, estavam relacionadas com os portugueses na 1ª Grande Guerra, os trabalhos finais foram por essa razão inseridas na Exposição itinerante, organizada pela DHCM, Portugal na Guerra 1914-1918, patente ao público na Biblioteca de Rio Maior, e patrocinada pela CM de Rio Maior.

Em 2015, a Unidade de Cadetes do Exército, em linguagem simples e adaptada às respetivas idades, trabalhou temas que têm a ver com as datas mais determinantes para a

¹ A Liga dos Amigos do Museu Militar de Lisboa foi formada em 2000, com a publicação dos seus Estatutos em Diário da República N° 207, I Série – B, de 7 de setembro de 2000. Revogados pelo Diário da República N° 45, I Série – B, de 22 de fevereiro de 2001. Formalizada a sua constituição através do Diário da República N° 83, III Série, de 9 abril de 2002, pág. 7442- (75).

construção da nacionalidade portuguesa como a conquista de Lisboa (1143-1147); a crise de 1383-1385; A Expansão do Império Português 1415-1500; Restauração de Portugal 1640-1656; Guerras Peninsulares 1807-1810; Portugal na Grande Guerra 1914-1918; Guerras do Ultramar 1961-1974. Todas as temáticas cobrem aspetos relacionados com os interesses e ameaças a Portugal; Campanhas militares; Aliados e inimigos de Portugal; Armamento e equipamento; Poder militar; Símbolos nacionais; Heróis de Portugal; Autoridade e postos do Exército e os Comandantes de Portugal da época. Que terminou com uma exposição conjunta com os Cadetes do Mar que teve lugar na Base Naval do Alfeite, Escola de Marinha, dos trabalhos desenvolvidos pelos respetivos Corpos de cadetes e que foi inaugurada pelo Chefe do Estado-maior de Marinha, Diretor da Direção de Historia e Cultura Militar, Diretor do Museu Militar de Lisboa, Comandante da Escola de Armas.

Em 17 de junho 2015, dia da Escola de Armas do Exército - Mafra, os Cadetes do Exército tiveram os seus trabalhos expostos como parte integrante das cerimónias comemorativas, que contou, entre outros, com a Presença de Sua Excelência o Presidente da República, Ministro da Defesa Nacional, Chefe do Estado-maior do Exército, entre outras altas figuras da nação.

O Projeto Brincar com história é um projeto dirigido a crianças dos 6 aos 10 anos, desenvolvido especialmente para animar festas de aniversário, em espaço previamente alugado para o efeito. É um projeto de iniciativa particular, em que o Museu apenas cede o espaço. No entanto, o que se verifica, é um elo de afetividade que este público juvenil vai desenvolvendo para com o Museu Militar, que fica assim ligado às suas memórias.

O Público do MML

O Museu Militar de Lisboa procura desenvolver um papel dinâmico junto da sociedade civil na sua envolvente, mas é sobretudo junto da comunidade escolar, universitária, e de associações de terceira idade onde a sua ação tem obtido maiores sucessos, e crescente procura.

O Museu Militar de Lisboa, tanto quanto os seus meios humanos e financeiros o permitem, procura seguir e aplicar os conceitos da *Museologia*, que se encontram em acelerada transição para uma museologia mais interativa, participativa e imaginativa, procurando cumprir o instituído no seu regulamento interno, que pretende ser um “*Museu Vivo*”, participativo e tanto quanto possível, voltado para a comunidade que serve.

Preocupado com a preservação e transmissão dos valores histórico-culturais e de cidadania à comunidade, desenvolve e adapta, na sua justa medida, os seus conteúdos pedagógicos e culturais aos diferentes tipos de público que procura este Museu Militar de Lisboa:

- Público Infantil;
- Público Juvenil;
- Público Adolescente;
- Público Universitário;
- Famílias;
- Público Sénior (Grupos da terceira idade);
- Especialistas.

Os grupos escolares, normalmente, são constituídos por um número elevado de alunos. Por norma os grupos são divididos em grupos mais pequenos para maior facilidade de controlo e gestão dos mesmos. Por regra, os professores são envolvidos neste processo.

Atualmente nota-se uma tendência crescente para uma maior turbulência destes grupos, com uma apetência para o toque direto nas peças, encostarem-se às vitrinas e tocarem com as mãos nos vidros. Também se nota uma tendência para se separarem dos grupos e

vagarem pelas salas, fugindo à supervisão dos guias e professores. Nesta circunstância, confiamos na vigilância presencial das salas, feita pelo corpo do pessoal vigilante do Museu Militar de Lisboa.

As visitas guiadas são agendadas via e-mail musmillisboamail@exercito.pt, podendo no entanto ser agendadas diretamente por telefone através dos Serviços Educativos, pessoa de contato: D. Conceição Paralta. Telefone direto: 218 842 569.

Horário de funcionamento do Museu Militar de Lisboa:

Horário de Abertura: terça-feira a sexta-feira, das 10H00 às 17H00
sábados e domingos, das 10H00 às 12H30 - das 13H45 às 17H00

Entrada Livre: 1º domingo de cada mês

Encerrado: 2ªs e Feriados

A receção dos grupos visitantes realiza-se, salvo ordem em contrário, pela Porta de Armas, localizada no Largo dos Caminhos de Ferro (voltada para Estação de Santa Apolónia), com entrada direta no Pátio dos Canhões, onde serão recebidos pelos respetivos guias. Os grupos, não devem exceder os 25 elementos.

Restrições à entrada e guarda de objetos:

- Por motivos de segurança, o Museu Militar de Lisboa pode restringir a entrada a quaisquer volumes, objetos como: casacos grandes e largos, mochilas, objetos cortantes, guardas chuvas, garrafas de água, e qualquer tipo de alimentos.
- O Museu Militar de Lisboa pode recusar a entrada a visitantes que se façam acompanhar por objetos que pelo seu valor e natureza não possam ser guardados em segurança na Receção.
- O visitante não pode entrar acompanhado por animais, exceto cães-guia.

O livro de Sugestões e Reclamações, existente na Recepção do Museu Militar de Lisboa, em conformidade com o Art.º 62, da Lei nº 47/2004, de 19 de Agosto, que aprova a Lei-quadro dos Museus Portugueses e que se encontra em local visível, é facultado a quem o solicitar.

Caraterização do tipo de Público

➤ Número total global de visitantes do Museu Militar de Lisboa

ANO 2014	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	TOTAIS
Visitantes Nacionais	217	216	284	248	248	300	313	204	352	172	262	258	3074
Visitantes Estrangeiros	214	150	255	357	355	360	577	292	557	647	365	184	4313
Grupos organizados Escolas	262	447	437	317	196	81	-	-	-	25	569	189	2523
Grupos organizados Outros	56	37	74	-	202	27	194	31	-	77	85	60	843
Militares	42	50	89	5	12	34	-	35	-	69	96	-	432
Investigadores	21	36	30	25	18	6	-	-	-	2	44	16	198
Total Visitantes	812	936	1169	952	1031	808	1084	562	909	992	1872	942	16430
Visitas gratuitas	327	216	267	280	1111	267	457	847	250	339	451	942	5047

Número de visitantes mensais de estabelecimentos de ensino e outras instituições durante o ano de 2014:

Mês	Estabelecimentos de Ensino	Outras Instituições	Total
Janeiro	217	56	273
Fevereiro	216	37	253
Março	284	74	358
Abril	248	-	248
Maio	248	202	450
Junho	300	27	327
Julho	313	194	507
Agosto	204	31	235
Setembro	352	-	352
Outubro	172	77	249
Novembro	262	85	347
Dezembro	258	60	318

Estudo de público e análise do questionário

Tem-se verificado uma estabilização do número de visitantes do Museu Militar de Lisboa, com tendência para o aumento do número de escolas, (como se pode confirmar no mapa abaixo) e interesse por parte dos mais jovens que visitam este Museu.

Também, e com tendência para aumentar, os visitantes estrangeiros que, curiosamente, pela análise de resposta aos questionários feitos ao público que nos visita, parece estar a verificar-se um fenómeno de genuíno interesse por este Museu pela comunidade estrangeira que o visita, e que demonstra uma agradável surpresa pelo inesperado da espetacularidade da decoração setecentista e oitocentista que este edifício lhes oferece.

ANO	Visitantes Nacionais	Visitantes Estrangeiros	Grupos organizados Escolas	Grupos organizados Outros	Militares	Investigadores ¹	TOTAIS
2009	4546	4070	2234	1592	605	180	13227
2010	4521	3380	2126	933	897	199	12056
2011	4151	4137	2587	827	1089	224	13015
2012	4918	4131	2360	1538	1145	215	14307
2013	3092	3941	2528	714	757	229	11261
2014	3074	4313	2523	843	432	198	16430
Total Global de Visitantes	24302	23972	14358	6447	4925	1245	75249

Verificou-se, também, um desejo de retornar, e de passar a palavra a amigos, como sendo um Museu a visitar. Deixam-nos contudo algumas recomendações que se prendem com o desejo de terem mais informação em inglês e francês, do recurso a áudio-guias, e da introdução de equipamento multimédia. Desejo de uma maior divulgação deste Museu Militar, que consideram *“amazing! incredible! spectacular”*.

¹ Contabilizados como tal, os Professores que acompanham os alunos, na realidade os investigadores, propriamente ditos, são acompanhados pelo Diretor, e nem sequer mencionados, ou os seus trabalhos aparecem referidos

Deixam também votos de que se cuide bem deste património, que precisa de atenção. Mas que não se mude muito a sua essência, porque é isso que o distingue, e os faz voltar.

Curiosamente, referem ter tido conhecimento da existência do Museu Militar de Lisboa através dos “*Book-guides*”, internet em *sites* ligados ao turismo, ou através de amigos que já o tinham visitado. Açam o preço do bilhete demasiado barato, e que se devia cobrar mais.

O público efetivamente mais crítico e exigente que visita o Museu Militar de Lisboa é, sem dúvida, o português, que também demonstrou ser um público conhecedor e habituado a visitar Museus, e que nos deixa uma mensagem de uma quase exigência para que se invista neste Museu, no seu edifício, e se melhore as condições de comunicação com o seu público, deixando também a sugestão da necessidade de investimento e uma aposta nos novos meios, tecnológicos e audiovisual, para que se torne o Museu mais vivo e interativo.

Outra sugestão prende-se com o recurso a uma iluminação mais adequada e que valorize os objetos culturais, modernização e adequação do discurso expositivo, maior divulgação do Museu através de um *website* moderno e atrativo, onde sejam divulgadas as atividades que este Museu desenvolve e das exposições que organiza.

Também sugerem uma organização cronológica das coleções, tanto quanto possível, porque reconhecem os condicionalismos do edifício, e que a decoração das salas impõe. Também referem a necessidade de uma melhor sinalização dos percursos, indicação dos espaços sociais e sinalização de saídas de emergência.

Também aqui o visitante português refere o preço dos bilhetes como fator negativo, porque demasiado barato. Pode, aqui, ser considerado o fator psicológico, isto é, se é demasiado barato, é porque não interessa visitar. E depois, para aqueles que entram, é uma surpresa pela riqueza decorativa, artística e património histórico-cultural que este edifício alberga, mas que não divulga.

Em anexo, incluem-se mapa resumo dos dados obtidos e respetivos mapas com a análise quantitativa, detalhada em termos percentuais das respostas ao inquérito feito ao público no período de 20 de janeiro a 28 de fevereiro do corrente ano de 2015, de que resultou um total global de 296 respostas, o que corresponde a 100%, e que nos parece ser uma

amostragem elucidativa, que se traduziu em 60,81% do público nacional e 39,19% de visitantes estrangeiros.

Também aqui se inclui cópia do questionário aplicado (versão português e inglês).



EXÉRCITO PORTUGUÊS
DIRECÇÃO DE HISTÓRIA E CULTURA MILITAR
MUSEU MILITAR DE LISBOA
SERVIÇOS MUSEOLÓGICOS

ENQUIRY

The Military Museum of Lisbon requests to his public the filling of this form, with reserved character and for exclusive studies for the public visiting this Museum, so it can be improved and meet the expectations and to boost the various museum functionalities. For that, please mark your choices whit X.

1. Have you been to this museum before? YES ☐ NO ☐
If yes, in which year? _____

2. How have you taken knowledge of this Museum?

Friend	Relative	Internet	Social Media	Passing by	By another mean

If "by another way", please tell us how: _____

3. Please rate your visit based on the following points:

1-Bad 2-Insuficient 3-Satisfactory 4-Good 5-Very Good

Points to rate	1	2	3	4	5
Exterior Accessibility					
Greetings					
Bathrooms					
Interior Accessibility					
Expositions Halls					
Showcases					
Information texts					
Interior information signalizations					
Information about the exposition contents					
Studies, investigation and documentation					
Personnel Staff					
Security					
Museological items Conservation					
Shop					
Interactivity					
Education contents					

-
- This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

THANK YOU IN ADVANCE FOR THE COLLABORATION



**MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
EXÉRCITO PORTUGUÊS
VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DE HISTÓRIA E CULTURA MILITAR**

Questionário

O Museu Militar _____ solicita aos públicos o devido preenchimento do questionário, com carácter reservado e para efeitos exclusivos de estudo de públicos a realizar por este Museu, a fim de melhor satisfazer as suas expectativas e dinamizar as várias funções museológicas. Para isso, assinale com um X a sua opção.

1. Já tinha visitado este Museu?

Sim	Não
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se respondeu “Sim”, indique o ano da última visita. _____

2. Por que via teve conhecimento deste Museu?

Amigo/a	Familiar	Internet	Órgãos de Comunicação Social	Outra via
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se respondeu “Outra via”, indique qual foi. _____

3. Qualifique a visita, por itens, considerando a seguinte escala:

1- Muito Boa; 2- Boa; 3- Satisfaz; 4- Insuficiente; 5- Má

Itens a qualificar	1	2	3	4	5
Acessibilidade do exterior ao Museu	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recepção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Instalações sanitárias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acessibilidade interna	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sala(s) de exposições	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Legendas dos bens museológicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tabelas de textos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinalética interna	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informação sobre os conteúdos expositivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estudo, investigação e documentação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pessoal do Museu	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conservação dos bens museológicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Loja	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interactividade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Actividade educativa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. Indique três sugestões para melhor satisfação das suas expectativas.

Obrigado pela sua colaboração.

RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO AO PÚBLICO - RPM 2015
(Período em que realizado: 20JAN15 - 28FEV15)

Universo Consultado: Visitantes do Museu

Total de Respostas: 296

Escala definida: 1 a 5

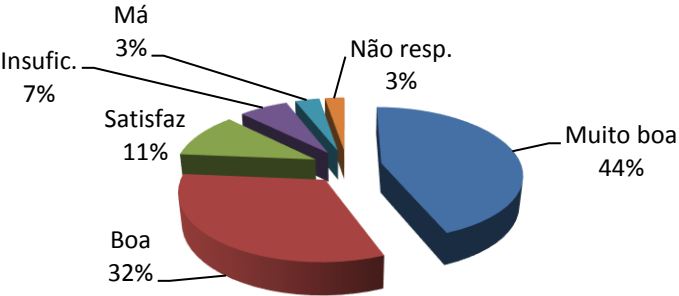
ITENS A AVALIAR

	1 - Muito Boa	2 - Boa	3 - Satisfaz	4 - Insuficiente	5 - Má	Não Resp.
Acessibilidade Exterior ao Museu	132	97	33	20	10	8
Recepção	167	82	11	18	12	6
Inst. Sanitárias	62	66	58	13	8	89
Acessibilidade interna	125	95	35	20	8	13
Sala(s) de Exposição	166	78	17	16	12	7
Legendas dos Bens Museológicos	128	77	48	21	12	11
Tabelas de Textos	85	81	67	34	15	14
Sinalética Interna	80	85	73	21	9	18
Informação sobre os conteúdos expositivos	89	94	53	36	13	11
Estudo, Investigação e Documentação	100	72	49	22	9	44
Pessoal do Museu	174	75	14	11	12	10
Segurança	126	80	32	16	16	30
Conservação dos bens museológicos	151	66	31	16	10	22
Loja	69	69	55	19	11	73
Interatividade	80	59	51	31	17	58
Atividade Educativa	102	65	37	24	11	57

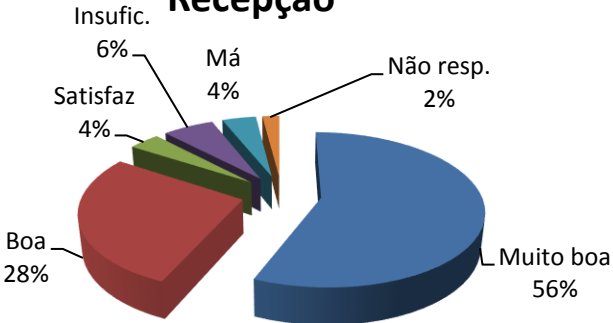
100% = 296

MUSEU MILITAR DE LISBOA

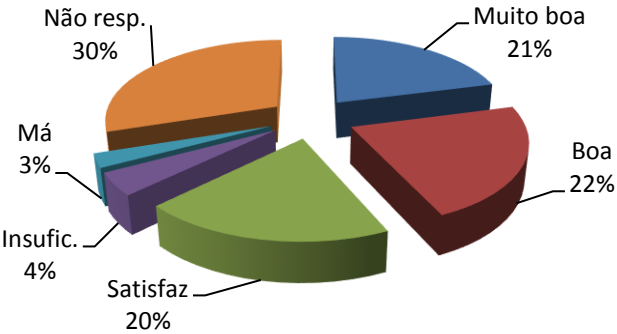
Acessibilidade Exterior ao Museu



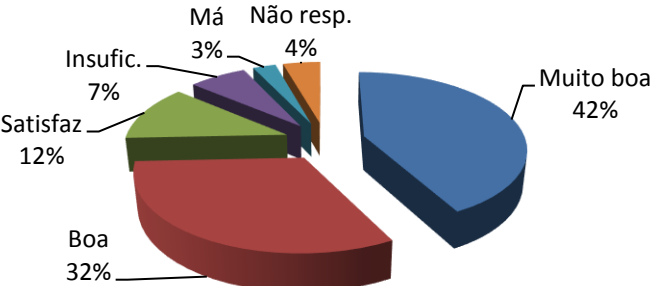
Recepção



Inst. Sanitárias

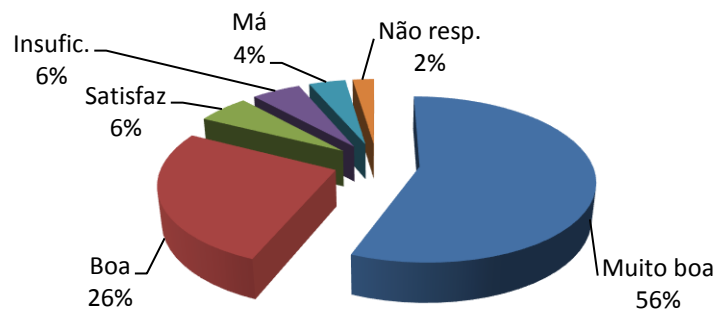


Acessibilidade interna

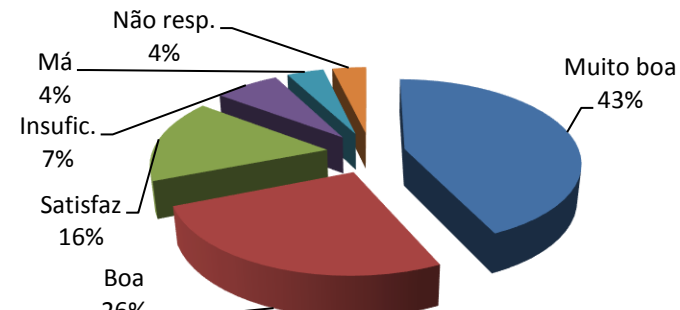


MUSEU MILITAR DE LISBOA

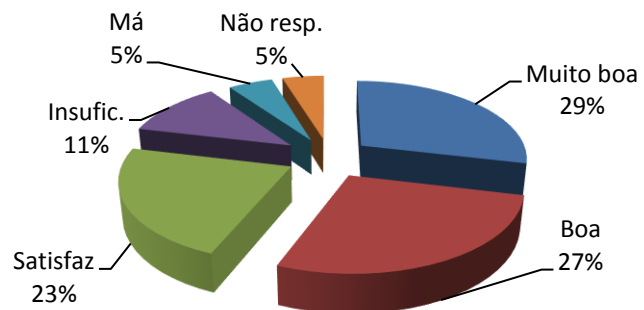
Sala(s) de Exposição



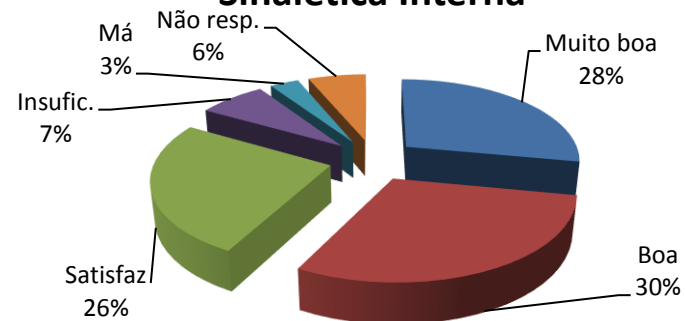
Legendas dos Bens Museológicos



Tabelas de Textos

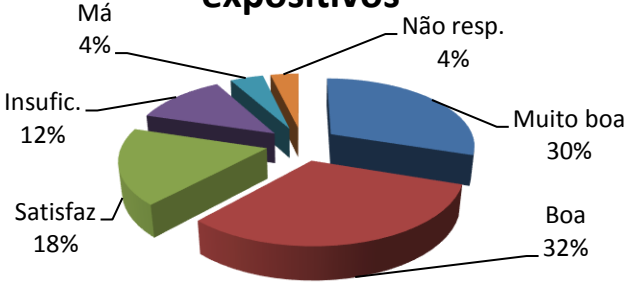


Sinalética Interna

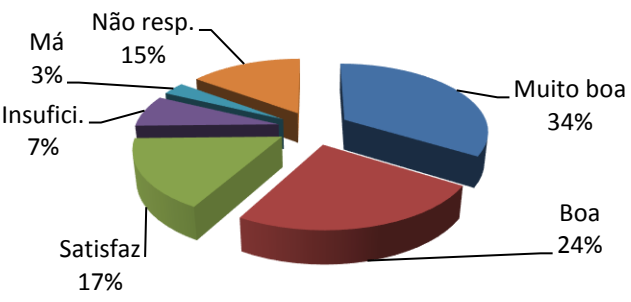


MUSEU MILITAR DE LISBOA

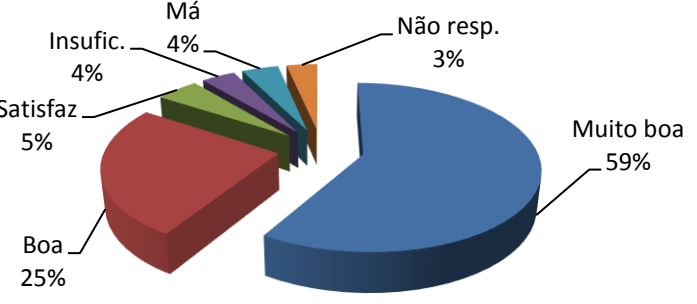
Informação sobre os conteúdos
expositivos



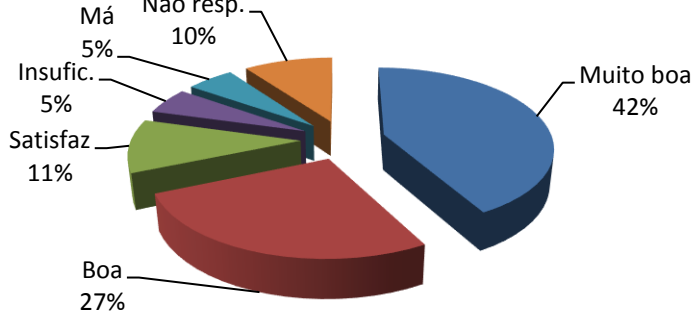
Estudo, Investigação e
Documentação



Pessoal do Museu

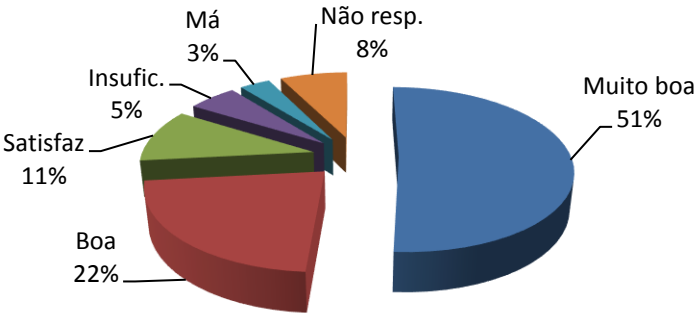


Segurança

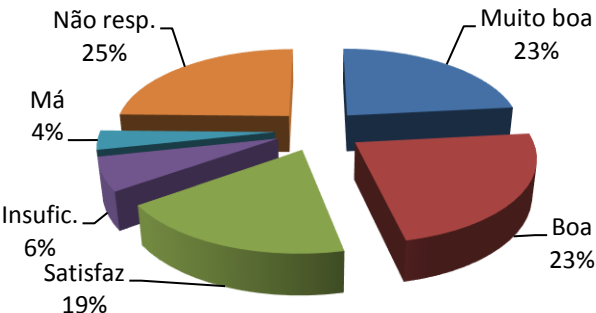


MUSEU MILITAR DE LISBOA

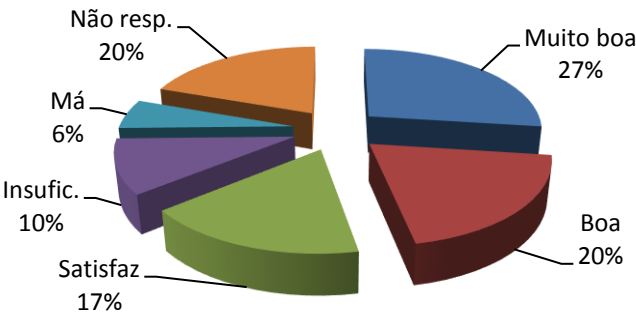
Conservação dos bens museológicos



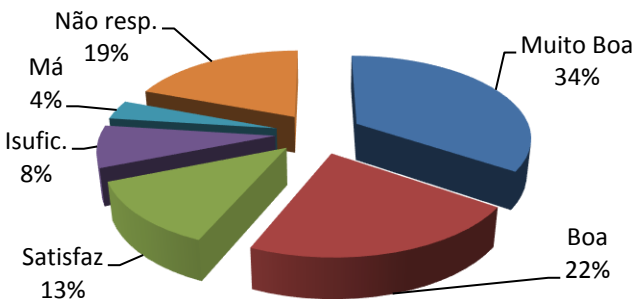
Loja



Interatividade



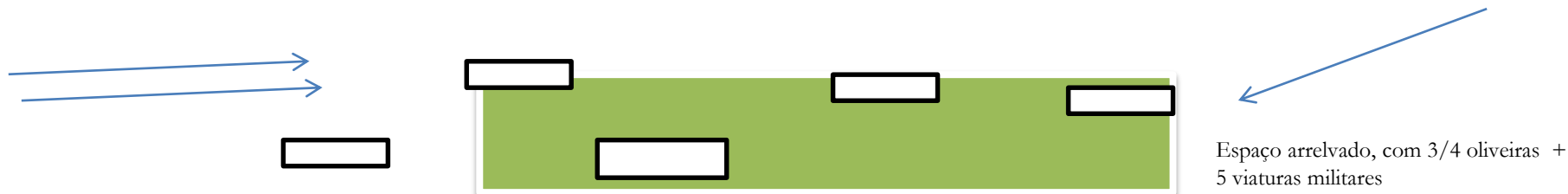
Atividade Educativa



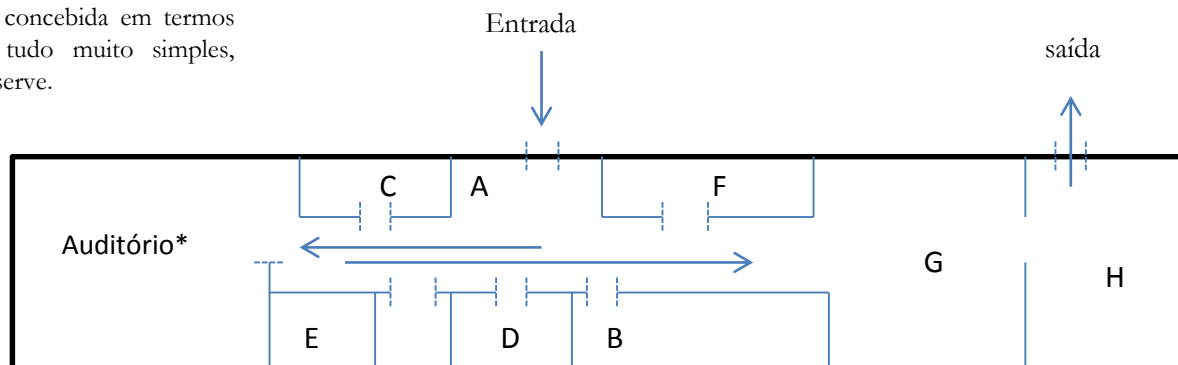
Área envolvente composta por grandes armazéns

O Núcleo Museológico 25 de Abril, foi musealizado pela CM Odivelas, ao abrigo de 1 protocolo entre o Exército e a Câmara. Serve, principalmente para visitas conduzidas, dirigidas às Escolas. Tem envolvidas 2 Técnicas Superiores da CM Odivelas.

A entrada é feita pelo portão principal. As visitas são previamente agendadas. Foi demonstrada alguma preocupação com os procedimentos a seguir, agora que o edifício passou para a GNR. Não está visível outra via de acesso que não seja a entrada principal.



A iluminação está bem concebida em termos museológicos, embora tudo muito simples, ajustado ao edifício que serve.



• Primeiro é passado um pequeno Filme de 17', de contextualização Histórica, da época, que serve de introdução ao episódio histórico do 25 de Abril de '74, após o que é iniciada a visita. O Auditório é relativamente grande e agradável.

A – pequena recepção

B – Sanitários

C – Sala de assinatura do Livro de Honra/Visitantes

D – Pequena sala de arrumos

E – Sala de equipamento audiovisual (pertence à CM Odivelas)

F – Sala expositiva (apenas fotografias de tamanho médio / grande)

G – Reconstituição da Sala de transmissões (manequins reproduzindo os intervenientes + diverso equipamento de escrita e telefones nas secretárias, nas paredes: biografias e fotografias dos envolvidos + imagens diversas. À entrada desta sala encontra-se um manequim com farda de marinha)

H – Sala revestida de imagens e painéis de enquadramento + audiovisual com passagem de imagens da época, referente a este episódio histórico.